



Tiago Sant'Ana Cezar

**Esperança em um mundo (pós) pandêmico
Contribuições escatológicas a partir do pensamento de Jürgen
Moltmann**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Cesar Augusto Kuzma

Rio de Janeiro

Fevereiro 2024



Tiago Sant'Ana Cezar

Esperança em um mundo (pós) pandêmico
Contribuições escatológicas a partir do pensamento de Jürgen
Moltmann

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Cesar Augusto Kuzma

Orientador
PUC-Rio

Lúcia Pedrosa de Pádua

PUC-Rio

Marcio Simão de Vasconcellos

Universidade do Grande Rio

Rio de Janeiro, 18 de março de 2024.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Tiago Sant'Ana Cezar

Graduado em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo. Atua como pastor na Primeira Igreja Batista em Vargem Grande – Teresópolis.

Ficha Catalográfica

Cezar, Tiago Sant'Ana

Esperança em um mundo (pós) pandêmico
: contribuições escatológicas a partir do
pensamento de Jürgen Moltmann / Tiago
Sant'Ana Cezar ; orientador: Cesar Augusto
Kuzma. – 2024.
131 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro,
Departamento de Teologia, 2024.
Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Esperança cristã. 3.
Pandemia. 4. Ressurreição. 5. Escatologia. 6.
Moltmann. I. Kuzma, Cesar Augusto. II.
Pontifícia Universidade Católica do Rio de
Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Agradecimentos

Ao Cristo ressurreto, inspiração, sabedoria, alegria, bondade, esperança, longânimo, luz e amor.

À minha família, Jennifer pelo seu tempo de investimento e carinho, a Moisés e Ingrid, meus filhos, maiores riquezas e alegria, a beleza da vida no caminhar.

Aos meus pais que sempre investiram suas intenções, seus esforços físicos, emocionais e financeiros para o caminho pastoral e acadêmico em minha vida, aqueles que são força e alegria ao meu coração.

À minha irmã Daniele e ao meu cunhado Alex, por vibrarem e apoiarem as minhas conquistas pessoais e por me darem a alegria de ser tio e ter ao lado os lindos Anna Luiza, Enzo e Pedro.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Cesar Augusto Kuzma, pelo apoio, incentivo e por tantas horas e momentos dedicados ao desenvolvimento desse trabalho. Por ser humano em sua condução e demonstrar na sua vivência a esperança cristã.

Aos professores que se tornaram bússolas e referências de uma teologia que caminha e luta ante as injustiças desse mundo. Aos amigos que foram apoio no seguimento.

À PUC-Rio e ao CNPQ, pelos auxílios concedidos, pelo suporte e investimento, meu estimado carinho a instituição.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À minha comunidade de fé que me ensinou e ensina, na caminhada pastoral, como exercer a fé, o amor e a esperança, meus agradecimentos pelo apoio, amparo, como também pelas empreitadas em que sou desafiado.

A todos amigos e amigas, irmãos e irmãs que passaram pela minha vida deixando marcas e registros de experiências que se provaram preponderantes para a minha construção existencial.

Resumo

Cezar, Tiago Sant'Ana; Kuzma, Cesar Augusto. **Esperança em um mundo (pós) pandêmico. Contribuições escatológicas a partir do pensamento de Jürgen Moltmann**. Rio de Janeiro, 2024. 131p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A pandemia instaurou não apenas uma nova maneira de se portar diante das questões sanitárias e de saúde pública, mas possibilitou vislumbrar cenários pandêmicos nos mais diversos setores da sociedade. A crise sanitária se transportou para uma crise humanitária e, assim, desvelando os lados obscuros de um mundo que parece caminhar para sua derrocada, em rota de colisão consigo mesmo. A partir do cenário pandêmico e suas consequências, a questão que nos impulsiona será a esperança e como ela nos moverá para um mundo (pós) pandêmico e, por sua vez, pavimentar o terreno que nossos pés tocarão para seguir em direção a uma realidade que desautorize as pérfidas e mórbidas perspectivas desse mundo (pós) pandêmico. A metodologia a seguir se realiza por meio da bibliografia escolhida e com ampla adesão de escritos do autor em questão. Os capítulos perpassam pelos diversos cenários pandêmicos, a apresentação da teologia moltmanniana e seu intercambiar com o pensamento de Ernst Bloch, o filósofo da esperança; em seguida, a contribuição da teologia de Jürgen Moltmann ao mundo (pós) pandêmico, a sua contrapartida provocadora de esperança e vitalidade ao cenário. A nossa pesquisa, mediada pela escatologia de Jürgen Moltmann, tem como objetivo suscitar a esperança vivificante no Ressuscitado, os horizontes de vida que irriga os terrenos áridos de nossa existência, que por muitas vezes, se condiciona aos noticiários e aos anúncios de um mundo em franca destruição.

Palavras-chave

Esperança cristã, pandemia, ressurreição, escatologia, Moltmann.

Abstract

Cezar, Tiago Sant'Ana; Kuzma, Cesar Augusto (Advisor). **Hope in a (post) pandemic world. Eschatological contributions based on the thoughts of Jürgen Moltmann.** Rio de Janeiro, 2024. 131p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The pandemic not only established a new way of dealing with health and public health issues, but also made it possible to envision pandemic scenarios in the most diverse sectors of society. The health crisis has become a humanitarian crisis, thus revealing the dark sides of a world that seems to be heading towards its downfall, on a collision course with itself. From the pandemic scenario and its consequences, the question that drives us will be hope and how it will move us towards a (post) pandemic world and, in turn, pave the ground that our feet will touch to move towards a reality that disavows the perfidious and morbid perspectives of this (post) pandemic world. The following methodology is carried out through the chosen bibliography and with a wide range of writings by the author in question. The chapters go through the different pandemic scenarios, the presentation of Moltmann's theology and its exchange with the thought of Ernst Bloch, the philosopher of hope, then the contribution of Jürgen Moltmann's theology to the (post) pandemic world, its provocative counterpart of hope and vitality to the scene. Our research, mediated by Jürgen Moltmann's eschatology, aims to raise life-giving hope in the Resurrected One, the horizons of life that irrigate the arid terrains of our existence, which are often conditioned by the news and announcements of a world in frank destruction.

Keywords

Christian hope, pandemic, resurrection, eschatology, Moltmann.

Sumário

1 Introdução	9
2 O cenário pandêmico e os desafios para uma esperança em um mundo (pós) pandêmico	12
2.1 Sociedade (pós) pandêmica: desinformação, <i>fake news</i> e o consequente diagnóstico de indiferença	13
2.1.1 O vírus do totalitarismo: mortandade na sociedade (pós) pandêmica	23
2.1.2 Um contágio de um vírus com precedentes de longa data	27
2.2 Contágio ecológico: a ampla degradação e descaso da terra	32
2.2.1 A casa: do cosmo ao caos	33
2.2.2 Do Éden à Ilha de Vera Cruz	34
2.3 A fome contagiosa: insegurança alimentar	38
2.3.1 Indicadores de insegurança alimentar	41
2.3.2 Algumas medidas para gerar segurança alimentar	43
2.4 Desemprego: herança da pandemia à sociedade (pós) pandêmica	45
2.5 O que esperar para um mundo (pós) pandêmico?	49
3 Jürgen Moltmann e sua contribuição escatológica	51
3.1 Escatologia: problematização do conceito	51
3.1.1 Do instinto criativo ao da conservação	53
3.1.2 Escatologia como esperança exclusivamente supraterrana	54
3.2 Ernst Bloch: o contágio da esperança em Moltmann	59
3.2.1 Consciência da fome e desejo	59
3.2.2 Sonhos diurnos	60
3.2.3 Utopia: um lugar possível	61
3.2.4 Consciência antecipadora e consciência utópica	63
3.2.5 Esperança como força que transmuta realidades	65
3.3 Da esperança filosófica à esperança escatológica	66
3.4 A escatologia segundo Moltmann	72
3.4.1 O caminho escatológico do Antigo ao Novo testamento	75
3.4.2 A <i>pro-missio</i> da escatologia na atitude eclesiológica	76
3.4.3 O papel de uma escatologia vibrante e militante	77
4 A esperança para o mundo (pós) pandêmico: Deus imerso no mundo	81
4.1 A autoesvaziamento divino como esperança para a Terra no mundo (pós) pandêmico	83
4.1.1 Perigos da impessoalidade divina na teologia fundamentalista	83
4.1.2 Ato criador e o <i>Zimzum</i> – personalidade, passionalidade e aproximação	85
4.2 O Deus que habita o mundo como resposta às relações em mundo (pós) pandêmico	91

4.2.1 A <i>Shekinah</i> e o autorrebaixamento divino	92
4.2.2 A condescendência divina e o prenúncio da glória que há de vir	94
4.2.3 <i>Shekinah</i> como esperança nas relações humanas	99
4.3 A esperança no Deus que sofre conosco	101
4.3.1 Moltmann, Hans Jonas e Auschwitz: contradição à esperança?	102
4.3.2 A paixão do filho	107
4.3.3 Crucificado como esperança as dores no mundo (pós) pandêmico	110
4.4 A esperança no Deus ressurreto que nos ressurgue consigo	112
4.4.1 A ressurreição do Cristo: no aparente fim, o início concreto	112
4.4.2 A <i>Ruah</i> e as testemunhas da esperança	115
4.4.3 Há esperança para o mundo (pós) pandêmico no ressurreto e em suas testemunhas	120
5. Conclusão	122
6. Referências bibliográficas	126

1 Introdução

O presente trabalho visa apresentar a esperança mediada pelas contribuições do pensamento de Jürgen Moltmann, em sua escatologia, diante dos anseios e necessidades de um mundo (pós) pandêmico. Moltmann, através de sua teologia, contribuiu para os mais diversos contextos e carências da sociedade. Por isso, sua teologia é amplamente comprometida com as realidades vigentes no mundo, seu pensamento não se propõe estacionário, mas sempre em partida e buscando respostas ao tempo presente. Realizou uma teologia contextualizada no pós-guerra, absorvendo a filosofia da esperança de Ernst Bloch e construindo assim, sua grande obra, a teologia da esperança. Em sua abertura teológica, permitiu entrelaçar-se com as pautas latino-americanas e promoveu uma teologia descentralizada do contexto europeu e atenta aos clamores sociais que urgiam por justiça.

Portanto, a partir do olhar atento desse teólogo engajado no mundo que o cerca, analisaremos alguns dos impactos decorrentes da pandemia da Covid-19 e quais cenários são possíveis a partir da perspectiva da teologia moltmanniana. Partiremos da chave hermenêutica que se baseia na esperança como maneira de ver e realizar o mundo que nos circunda, nos debruçando perante uma pandemia que trouxe consigo a consciência de inúmeras outras pandemias na sociedade: as sistêmicas desinformações, as desigualdades socioeconômicas, a escalada da insegurança alimentar e o descaso ecológico, dentre alguns fatores que ocasionaram caos e desordem no mundo (pós) pandêmico. Realizaremos essa empreitada através da pesquisa bibliográfica que nos foi disponível do autor em questão e no auxílio de sua teologia, por meio da esperança desta, indicar que “nos convertemos em cooperadores e cooperadoras do reino de Deus neste mundo”¹ e, portanto, imersos na realidade não como meros espectadores, mas engajados e conscientes de que “o reino de Deus se tornou tão próximo que nós não o esperamos apenas, mas também podemos buscá-lo”².

Ressaltamos que em nossa pesquisa o termo (pós) pandêmico será exaustivamente utilizado como ponto de partida e desenvolvimento, em vista de

¹ MOLTSMANN, J., Vida, esperança e justiça, p. 26.

² MOLTSMANN, J., Vida, esperança e justiça, p. 26.

promover um encontro com as realidades aqui apresentadas. A partir do rastro instaurado pela pandemia do SARS-CoV-2, analisaremos, no segundo capítulo, quais os legados que a indiferença, o descaso, a desinformação, as *fake news* e os discursos sem bases científicas e ladeados de ensejos ideológicos causaram no Brasil. Mediados por alguns pesquisadores que vivenciaram *in loco* a experiência da pandemia, como também aqueles que dissertam sobre a franca derrocada da humanidade e dos aspectos humanitários em nossa sociedade, analisaremos os dados sanitários, econômicos, políticos, ecológicos e, a partir do terceiro capítulo dessa dissertação, absorveremos o olhar da esperança provocado pela escatologia de Jurgen Moltmann. No pensar de Moltmann, há as devidas provocações que promovem os contemplativos e os críticos a indivíduos engajados e comprometidos ao seu entorno. Aqueles que ouvem as indagações presentes: Como permitir a esperança ter voz e vez no cenário caótico que experimentamos? Como a esperança terá protagonismo e será resposta às aflições, desconexões e desajustes do nosso país? Enfim, o que podemos esperar? Essa última indagação, por sua vez, pode arrematar, para muitos, uma perspectiva pessimista e aterradora, entretanto esse questionamento, como nos afirma o próprio Moltmann, que já foi realizado à religião por Immanuel Kant, na sua *Crítica a Razão Pura* (“O que me é dado esperar?”)³, aponta para a espera cristã, que, a partir da escatologia moltmanniana, evidencia que o evento histórico da cruz e da ressurreição de Cristo, Deus anuncia o futuro em direção à vida e aos atributos do seu Reino.

Na cruz e ressurreição de Cristo, pôs-se em movimento, na direção da humanidade, a revelação de Deus que implica a glória de seu reino, justiça, vida e liberdade. No evangelho do evento de Cristo, esse futuro já se tornou presente nas promessas de Cristo.⁴

Na esperança eficaz e ativa movida pelas promessas do Cristo e em direção ao futuro que traz consigo a ressurreição, conduziremos a seguir uma pequena anamnese de nossa sociedade (pós) pandêmica em que a esperança promoverá caminhos diante dos questionamentos levantados a partir das realidades concretas que aqui forem analisadas.

³ MOLTSMANN, J., *El experimento esperanza*, p. 10. Citado também em: BELLOSO, J. M. R. *Esperança*, p. 227. Segundo Belloso, Kant situa a esperança no campo do conhecimento racional, como quem põe ordem na mente, sem excluir que a esperança seja um dom.

⁴ MOLTSMANN, J., *Teologia da Esperança*, p. 181.

Diante do cenário apresentado, o terceiro capítulo apresentou de maneira objetiva a teologia da esperança de Moltmann e a filosofia da Esperança de Ernst Bloch, possibilitando relacionar suas convergências e divergências, assumindo o papel da importância desta, como também seu categórico e necessário distanciamento daquela em prol da esperança cristã.

Uma sociedade (pós) pandêmica requer a redução dos ruídos que inviabilizam a fidelidade e a clareza da mensagem, uma palavra que a faça vislumbrar o seu futuro e caminhar resolutamente na direção deste, uma sociedade que anseia por uma esperança ativa, dinâmica e criadora. Veremos, a seguir, as denúncias pertinentes ao cenário da derrocada humanitária em nosso país, suas abrangentes implicações, intermeadas pela esperança que se pautará como chave hermenêutica de uma sociedade (pós) pandêmica.

Por fim, o último capítulo relaciona pontos importantes da teologia de Moltmann como resposta e interlocução às problemáticas elencadas no segundo capítulo. Qual a esperança que move e nos moverá em um mundo (pós) pandêmico? Como pensar em um “pós”, se muitas vezes a tomada de consciência não gerou engajamentos e iniciativas de mudança no mundo em que estamos inseridos? A partir das contribuições de Moltmann, teremos ferramenta e instrumentos para um cenário que anuncie o Deus presente ao seu povo, que sofre em conjunto nas suas dores e que reivindica, a partir do Ressuscitado, vida aos cenários antes absorvidos pela morte.

2

O cenário pandêmico e os desafios para uma esperança em um mundo (pós) pandêmico

Em 31 de dezembro de 2019, a OMS (Organização Mundial da Saúde), foi alertada sobre diversos casos de pneumonia que se alastrava na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Após pesquisas realizadas nos laboratórios, as autoridades chinesas confirmaram um novo tipo de coronavírus. Há, registrados pela OMS, sete coronavírus que atingem os humanos (HCoV): HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-CoV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-CoV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e, por fim, o mais recente e que foi nomeado como SARS-CoV-2. Pelo desenvolvimento e ganho territorial do vírus, no dia 30 de janeiro de 2020, o mundo foi surpreendido pela declaração de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, realizada pela OMS, em que o vírus que gera a Covid-19 passara a ganhar alcance e proporções mundiais. Dados recentes cooptados pela Organização, em maio de 2023, indicam que, desde o início da pandemia ao primeiro dia do mês citado, houve cerca de 6,9 milhões de mortes no mundo causadas pelo vírus. Em 5 de maio de 2023, o diretor-geral da Organização, Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou o encerramento da crise sanitária global pautado na queda do número de casos e de mortes, levando também em consideração o avanço da vacinação das pessoas ao redor do mundo.

O termo “pandemia” passou a pertencer ao vocabulário popular e, por sua vez, não deve ser confundido com a gravidade de uma doença, pois aponta a distribuição geográfica de determinado vírus. Nessa perspectiva de alcance espacial de uma pandemia, seguiremos os passos de ares generalizados, onde a pandemia poderá corresponder a diversos capítulos do nosso cotidiano e da existência humana, perpassando pelo caos na economia, na política, relacional e de degradação da terra. E, também, identificar o desserviço que a desinformação e o negacionismo sistêmico provocados pelas *fake news* causaram e, que por fim, comprometeram vidas.

Nesse capítulo, teremos alguns apontamentos a respeito da pluralidade da pandemia. Os diversos setores que aqui estão relacionados não necessariamente são

resultantes da pandemia da Covid-19, mas tem como métrica a terminologia “pandemia” para realizar uma leitura e contribuições para um diagnóstico das adversidades enfrentadas pelo ser humano. Um mundo pandêmico que urge pelo seu ultrapassar, e por direções que lhe encaminhe a um “pós”. A seguir, teremos as relações pandêmicas de longa data e de larga escala em nosso mundo.

2.1

Sociedade (pós) pandêmica: desinformação, fake news e o consequente diagnóstico de indiferença

Quando o anúncio de distanciamento social foi realizado pelos órgãos de saúde e divulgado pelas mais diversas mídias, trouxe à tona diferentes mobilizações, umas contrárias e outras tantas favoráveis às medidas requeridas pelos órgãos competentes. De um lado, as autoridades sanitárias pediam cautela e acentuavam medidas para a não propagação do vírus, tais como: distanciamento social, uso de máscaras, higienização das mãos, evitar aglomerações, não cumprimentar as pessoas de maneira usual e, por fim, com a chegada do protocolo das vacinas, iniciar imediatamente a imunização proposta. Na contrapartida, de maneira incauta e irresponsável, distante das perspectivas científicas, o governo em vigência à época assumiu uma postura ideológica e partidarista de atenuações e relaxamento diante dos casos constatados e da realidade presente no mundo. A cada divulgação dos dados mediados pelos órgãos de saúde, amenizações eram realizadas como parte de um projeto maléfico de controle popular para suas pretensões egocêntricas de poder. Presenciamos uma escalada de falsas informações e de notícias reféns do tal projeto de poder, percurso que ganhou notoriedade através da eleição de Donald Trump nos Estados Unidos em 2016 e que migrara para o Brasil na eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018. Entretanto, não é recente a utilização das *fake news* como mecanismo de controle estatal, como ferramenta para a produção de consenso e estratégia de guerra.

O filósofo americano Noam Chomsky, ao comentar o que ele chama de “a primeira operação moderna de propaganda governamental”, ocorrida nos Estados Unidos em 1916, na presidência de Woodrow Wilson – que, por sua vez, fora eleito sob o lema “Paz sem Vitória” em meados da Primeira Grande Guerra –, analisa da seguinte forma a população americana da época:

A população era extremamente pacifista e não via nenhuma razão para se envolver numa guerra europeia. A administração Wilson estava, na realidade, comprometida com a guerra e tinha que fazer alguma coisa a respeito. Criaram, então, um comitê de propaganda governamental, a chamada “Comissão Creel”, que conseguiu, em seis meses, transformar uma população pacifista em histéricos beligerantes, determinados a destruir tudo o que fosse germânico, esquarterar alemães, ir à guerra e salvar o mundo. Foi um grande feito que levou a um outro ainda maior. Exatamente naquela época e logo depois da guerra as mesmas técnicas foram utilizadas para insuflar uma histeria anticomunista o “Pavor Vermelho”, como foi chamado, que conseguiu destruir sindicatos e acabar com problemas perigosos como a liberdade de imprensa e a liberdade de pensamento político. Teve um apoio muito forte da mídia e das grandes empresas que, de fato, promoveram a maior parte destas ações, em geral com grande sucesso.⁵

Como o que está em voga é um projeto de poder e não a população e o que de fato a ameaça, princípios éticos são ignorados no processo, o outro é percebido como uma peça na engrenagem e, portanto, as notícias divulgadas são parte integrante da doutrinação ideológica. Não há compromisso com os fatos, mas sim com as implicações que tais notícias terão no imaginário popular e o quanto a informação favorece ou desfavorece o discurso dominante. Analisando os caminhos delineados pela informação, o antropólogo e cientista social Gregory Bateson apresenta a informação com um caráter dinâmico, diferentemente do que se acreditava na Teoria Matemática da Informação de Shanon e Weaver⁶. Bateson destaca que a informação pode se revestir do relativismo, já que teria ligação direta com o seu significado, os quadros de referência e ao contexto em que é utilizada. Portanto, a informação está ligada não aos fatos em si, mas aos efeitos que a notícia produz. Há então um direcionamento semântico relativo ao caráter de produção, circulação e consumo de informação, que é, portanto, variável e suscetível aos modos de interpretação e produção de sentido em seu consumo.

⁵ CHOMSKY, N., Controle da Mídia, p. 11, 12.

⁶ A Teoria da Informação, ou Teoria Matemática da Comunicação, desenvolvida pelos matemáticos e engenheiros Claude Elwood Shannon e Warren Weaver, aparece como uma teoria do rendimento informacional (ou uma teoria de transmissão de sinais), um método de cálculo das unidades de sinal possivelmente transmissíveis ou já transmitidas, e não um método de análise e cálculo de unidades de significados da comunicação. A Teoria da Informação foi desenvolvida com a finalidade específica de solucionar questões técnicas de armazenamento e circulação de informação. Essa Teoria pretendia entender ou explicar a realidade, ou pelo menos um segmento dela, decompondo essa realidade em elementos simples. A Teoria Matemática da Comunicação é uma teoria sobre a transmissão eficiente das mensagens, centrando sua atenção mais na eficiência do processo comunicativo do que na sua dinâmica. Seus estudos têm como objetivo melhorar a velocidade de transmissão de mensagens, diminuir as distorções e aumentar o rendimento global do processo de transmissão de informações. A teoria é baseada no seguinte processo: fonte de informação, Transmissor, Canal, Receptor e Destinatário. Tal proposta visaria eliminar o ruído, pois quanto maior este for, menor será a fidelidade da informação. (GUEDES, W., Teoria da informação.)

Na esteira da informação, ela é instrumentalizada e, por sua vez, se torna desinformação, já que não apresenta um compromisso com os fatos e não se atém com fidelidade aos seus destinatários. Informações que se instrumentalizam para seu objetivo último de controle e manutenção de poder. A temática da ideologia ganha seu escopo, pois se proverá a partir das ideias que uma classe dominante quer propagar para se justificar em seu *modus operandis* e se manter no domínio.

Admitamos que, na maneira de conceber a marcha da história, se destacam as ideias da classe dominante dessa mesma classe dominante e que se consideram aquelas como uma entidade. Suponhamos que só nos interessa o fato de determinadas ideias dominarem numa certa época, sem nos preocuparmos com as condições de produção nem com os produtores dessas ideias, abstraído, portanto, dos indivíduos e das circunstâncias mundiais que possam estar na base dessas ideias. Poder-se-á então dizer, por exemplo, que no tempo em que reinava a aristocracia, estava-se em pleno reinado dos conceitos de honra, de fidelidade etc., e que no tempo em que reinava a burguesia existia o reinado dos conceitos de liberdade, de igualdade etc. É o que pensa a própria classe dominante. Esta concepção da história, comum a todos os historiadores, principalmente a partir do século XVIII, chocará com o fato de os pensamentos reinantes serem cada vez mais abstratos, adquirindo cada vez mais uma forma universal. Com efeito, cada nova classe no poder é obrigada, quanto mais não seja para atingir os seus fins, a representar o seu interesse como sendo o interesse comum a todos os membros da sociedade ou, exprimindo a coisa no plano das ideias, a dar aos seus pensamentos a forma da universalidade, a representá-los como sendo os únicos razoáveis, os únicos verdadeiramente válidos.⁷

Karl Marx e Friedrich Engels demonstram com a clareza que lhes é peculiar que as ideias são difundidas e plantadas para favorecer uma classe dominante, um certo setor que se beneficia daquela ideologia. Portanto, a ideologia seria uma ideia que aparenta ser algo positivo para o bem comum, contudo, mascara uma proposta de determinado nicho dominante.

O fenômeno das *fake news* na pandemia demonstrou o valor e força da informação em seus aspectos ideológicos e econômicos. Sob o mote religiosamente orquestrado: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, o anúncio evangélico será substituído e se divorciará de sua essência em favor da política impetrada. Política que delinea o acesso ao poder e a ferramenta que ela se provê é a informação. No jogo do poder, percebe-se que quando as informações não são favoráveis ao discurso, não haverá pudor e, resolutamente, se criará informações que fundamentarão suas narrativas. A luta pelo poder nada mais é do que a luta pela verdade. A verdade politicamente libertadora que se revestia do tecido messiânico só visava a salvação de um messias e esse não era o judeu caminhante na Galileia,

⁷ MARX, K.; ENGELS, F., *Ideologia Alemã*, p. 48.

mas um que carregava no seu sobrenome um prenúncio de morte, o presidente eleito no pleito brasileiro em 2018, Jair Messias Bolsonaro.

A disputa pela construção da verdade se faz pela comunicação. Na formação dos apoios e no arregimentar das opiniões, a comunicação é estratégica. Os comunicadores organizam as verdades dos poderes e dos contrapoderes. A construção do que é verdadeiro pode ser vista como enfrentamento da História à ideologia (Karl Marx), como práticas discursivas (Michel Foucault), como imaginário (Cornelius Castoriadis), como objetividade científica (Auguste Comte), como percepção “do mundo como nos aparece” (Kant), entre tantas prescrições da realidade. A definição do que é a verdade na filosofia é um terreno de combates.⁸

De forma muito objetiva, o presidente Jair Messias Bolsonaro arregimentou sua retórica baseada na desinformação, a verdade que interessava era a sua e do seu reduto eleitoral. Numa série de frases que demonstram a indiferença, imprópria a um chefe de Estado, Bolsonaro conseguiu substanciar e alavancar a dor que o vírus causava à nossa sociedade. A seguir, destacamos algumas frases que estão dispostas cronologicamente, transcritas pela jornalista Vitória Queiroz, pertencente ao grupo de comunicação jornalística Poder360. Tais descrições coletadas visam salientar a percepção de um cenário tomado de indiferença e descaso, reduzido aos interesses pessoais e a manutenção de um projeto de poder. Em 9 de março de 2020, quando não havia ainda nenhuma morte, mas um posicionamento oficial dos órgãos Mundiais anunciava uma pandemia, Bolsonaro comenta: “Está superdimensionado o poder destruidor desse vírus. Talvez esteja sendo potencializado até por questões econômicas”, disse o presidente durante viagem aos Estados Unidos. Quando as primeiras mortes, cerca de 11, foram relacionadas, o presidente afirmou que não seria uma “gripezinha” que o derrubaria depois de ter sido esfaqueado em 2018. Também usou o termo em pronunciamento no dia 24 de março. Dia 20 de abril, com 2.584 mortes, Bolsonaro se nega a comentar o ocorrido e prefere dizer aos jornalistas: “Eu não sou coveiro”. Contradizendo todas as recomendações médicas, o chefe do Executivo prescreve o uso do medicamento Cloroquina, não tendo nenhuma base científica para tal indicação, e diante das oposições recepcionadas à sua prescrição responde, em 19 de maio de 2020, já com 17.971 mortes identificadas, que aqueles que são de direita deveriam utilizar cloroquina e os de esquerda tomassem Tubalina (refrigerante originário do interior do estado de São Paulo). Na escalada de suas narrativas, na iminência da vacinação em 17 de

⁸ SILVEIRA, S. A, Desinformação: Crise Política e saídas democráticas para as Fake News, p. 9.

dezembro de 2020, afirma veementemente sua negativa à imunização da população, e o faz da forma mais embaraçosa possível: “Se você virar um jacaré, problema de você [sic]. Se você virar super-homem, se nascer barba em alguma mulher aí ou algum homem começar a falar fino, eles não vão ter nada a ver com isso”⁹. Os relatos do primeiro ano não figuram como falas isoladas e temporárias que foram repensadas posteriormente, são afirmações que se mantiveram de forma resoluta e intransigente nos anos que se seguiram à pandemia.

Como vimos até aqui, as desinformações, as *fake news*, amenização dos anúncios do que provoca a morte fazem parte do projeto de uma superestrutura que visa manter a sua infraestrutura passiva e irretocável, pragmaticamente funcionando. A manutenção dessas narrativas por parte do presidente Jair Bolsonaro induziu uma horda de seguidores ao precipício. O franco negacionismo visava enfraquecer as constatações sanitárias e suas devidas e coerentes recomendações. A informação anunciada com ares de verdade absoluta, modo próprio de um governo absolutista e com a assessoria constante da religiosidade de cunho fundamentalista, teve seu amplo sucesso. Municípios em que, em sua amplitude, os eleitores eram votantes de Bolsonaro e, portanto, crentes no seu discurso, registraram mais óbitos do que os municípios com votantes em partido de esquerda.¹⁰ Como é próprio dos discursos fundamentalistas, a preocupação é discursiva e não humanitária – enquanto o que anunciam como verdade absoluta é atendido, haverá concordância e assentimento por parte dos seus transmissores, todavia, quando os receptores se tornam oposição a algum discurso, serão excluídos e taxados como desviados, descrentes, “impuros”. Se tornam algozes e um grande movimento de cancelamento será destinado aos tais antípodas.

⁹ Transcrição de frases realizada pela jornalista Vitória Queiroz, do jornal eletrônico Poder360, e que transcritas demonstram o desastre das falas do presidente Jair Messias Bolsonaro a respeito da pandemia. (QUEIROZ, V. 2 anos de Covid: relembre 30 frases de Bolsonaro sobre pandemia.)

¹⁰ Os municípios brasileiros que elegeram Jair Bolsonaro (PL) nas eleições de 2018 registraram mais óbitos pela Covid-19 em 2021 do que os municípios com maioria de eleitores do então candidato Fernando Haddad (PT). Os dados são de uma pesquisa publicada na revista internacional *Lancet* para as Américas e realizada por pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Fiocruz. Nos municípios em que os eleitores se alinharam mais à política de Bolsonaro, o risco de morte foi 44% superior do que naqueles em que não se alinharam. No Nordeste, a taxa de mortalidade foi muito inferior quando comparada a taxa de municípios bolsonaristas da região Sul e Sudeste. Foram analisados dados de 5.570 cidades brasileiras. Além disso, as cidades estudadas possuem estruturas sanitárias semelhantes, para impedir que variáveis, como a subnotificação de casos, possam interferir nos resultados obtidos. (CHABALGOITY, G., Mortalidade por Covid-19 dobrou em cidades bolsonaristas, mostra estudo.)

Nas narrativas bolsonaristas que chamavam à cena para lhe advogar, a religião e seu corpo sacerdotal, que de maneira descontextualizada se utilizava de textos bíblicos para fundamentar os seus atos antidemocráticos e irresponsáveis, eurgia para que seus seguidores/eleitores assimilassem os sinais que sua bancada emitia do apocalipse conspiracionistas, endossavam o desespero numa época de incertezas e dores. Os profetas do caos liderados pelo seu apóstolo e Messias Bolsonaro incitavam a desordem e o descaso pela vida, e a verdade que diziam que libertava aprisionou a população em discursos anticientificistas, antivida, antiesperança. Como contraponto, teremos as promessas do Reino – que estavam à margem, buscando anunciar esperança e vida para uma sociedade imersa numa pandemia. Como parte de um projeto maléfico, era sufocada por gritos, jargões e frases clichês que conduziam indivíduos a morte. Há de se fazer ouvir as vozes da esperança que anseiam pela transformação ao colocar em crise as estruturas de poder vigente, tal como o teólogo Cesar Kuzma em seu apontamento:

Torna-se uma urgência oferecer um entendimento e contribuir para a construção de uma nova alternativa ao poder dominante, que se trasveste de aspectos religiosos, sensíveis a grande parte da população (que no caso do Brasil é maciçamente cristã), mas que investe em um status de domínio e de opressão. É algo totalmente incoerente e que se afasta totalmente da proposta do Evangelho, por seus princípios, e daquilo que se entende como papel da religião/igreja na sociedade, em sua dimensão pública. Faz-se necessário, então, “desmitificar o mito”, demonstrando que ele é fruto de um processo arbitrário e manipulador, cujos planos não combinam com o estado democrático e com a liberdade da sociedade, nem mesmo com os fundamentos da fé cristã, que se tenta esboçar.¹¹

Bolsonaro assumiu em seus discursos textos bíblicos, todavia, a palavra que importava, para o presidente, não era a palavra da promessa de um Reino que anuncia um futuro de vida e regado de possibilidades e, que por sua vez, não ignora os objetos presentes que provocam morte, entretanto, com notoriedade se instrumentalizou de palavras descontextualizadas que justificavam suas posturas nocivas e caóticas. Os anúncios da bancada evangélica, militância cooperadora de Bolsonaro, não provinham das promessas escatológica de um Reino possível e do seu futuro, que vem em direção aos que nele creem, mas apenas justificava e

¹¹ KUZMA, C., A urgência de uma Teologia Política: Crítica e desafios para o atual contexto brasileiro, p. 63.

mascarava o projeto megalomaniaco de uma instituição que ansiava por um estado teocêntrico.¹²

A verdade que o Executivo proclamava não provinha da esperança de um tempo de refrigério e soluções humanitárias, mas sim das pautas políticas e econômicas e, própria do neoliberalismo, visa apenas a lucratividade e percebe o ser humano como meio para alcançar os objetivos do mercado. Conduzido pela mão invisível do mercado, nos primórdios da pandemia e com a iminente necessidade de fechamento das empresas para estancar a circulação de pessoas e provocar a urgente contenção do vírus, no dia 19 de março de 2020, Bolsonaro reflete: “A economia tem que funcionar. As pessoas vão ficar em casa e se alimentar do nada? Se falta emprego, falta pão em casa”¹³. A ideologia que aparenta se preocupar como o outro, na realidade, apenas se ocupa com as engrenagens que fazem o mercado funcionar.

Em sua encíclica *Fratelli Tutti* (FT), o papa Francisco reflete sobre o neoliberalismo e sua forma de induzir a sociedade a acreditar que o mercado tem sobre si um viés redentor e regulador da vida.

O mercado, por si só, não resolve tudo, embora às vezes nos queiram fazer crer neste dogma de fé neoliberal. Trata-se dum pensamento pobre, repetitivo, que propõe sempre as mesmas receitas perante qualquer desafio que surja. O neoliberalismo reproduz-se sempre igual a si mesmo, recorrendo à mágica teoria do “derrame” ou do “gotejamento” – sem a nomear – como única via para resolver os problemas sociais. Não se dá conta de que a suposta redistribuição não resolve a desigualdade, sendo, esta, fonte de novas formas de violência que ameaçam o tecido social. Por um lado, é indispensável uma política econômica ativa, visando “promover uma economia que favoreça a diversificação produtiva e a criatividade empresarial”, para ser possível aumentar os postos de trabalho em vez de os reduzir. A especulação financeira, tendo a ganância de lucro fácil como objetivo fundamental, continua a fazer estragos. Por outro lado, “sem formas internas de solidariedade e de confiança mútua, o mercado não pode cumprir plenamente a própria função econômica. E, hoje, foi precisamente esta confiança que veio a faltar”. O fim da história não foi como previsto, tendo as receitas dogmáticas da teoria econômica imperante demonstrado que elas mesmas não são infalíveis. A fragilidade dos sistemas mundiais perante a pandemia evidenciou que nem tudo se resolve com a liberdade de mercado e que, além de reabilitar uma política saudável que não esteja sujeita aos ditames das finanças, devemos voltar a pôr a dignidade humana no centro e sobre

¹² Dentre os religiosos que estiveram ao lado de Jair Messias Bolsonaro estava Silas Malafaia, pastor evangélico conhecido pelas falas polêmicas e pelos seus discursos intransigentes e eivados de fundamentalismo. (CARTA CAPITAL, Malafaia diz que conversa diariamente com Bolsonaro: sobre pandemia, cloroquina, azitromicina.)

¹³ Movido pelo discurso da economia em detrimento da via e da sua preservação, Bolsonaro passou a questionar o fechamento dos comércios tal como foi orientado pelos órgãos de saúde. (CORREIO BRAZILIENSE, Bolsonaro questiona fechamento do comércio: “Se falta emprego, falta pão”.)

este pilar devem ser construídas as estruturas sociais alternativas de que precisamos. (FT n. 168)

A “dignidade humana no centro” é o clamor que urge para o desenvolvimento de cenário, onde a esperança irrigue uma sociedade (pós) pandêmica. As características de um mundo disfuncional e individualista, gregário e cheio de redutos, eivado de uma seleção de espécies que sobrevivem por se adaptarem às cláusulas do mercado e tantas outras que sucumbem por não serem socorridas nas suas carências. O mercado que se figura como aquelas divindades sedentas por sacrifícios humanos e impassíveis diante das necessidades prementes ao gênero humano.

Um dos chefes de Estado que entendeu a necessidade de uma mudança no paradigma humanitário, já que o neoliberalismo a tudo mercantiliza, e quando a humanidade carecia da percepção real do cuidado, solidariedade e partilha, corresponsabilidade e compaixão, foi o presidente francês Emmanuel Macron, que saiu na contramão daquilo que ouvíamos recorrentemente nos noticiários brasileiros das pautas de Brasília, proveniente de nosso chefe executivo. Como um vento suave que toca o rosto sofrido pelo sol escaldante, Macron anuncia ao seu povo:

Caros compatriotas, precisamos tirar lições do momento que atravessamos, questionar o modelo de desenvolvimento que nosso mundo escolheu há décadas e que mostra suas falhas à luz do dia, questionar as fraquezas de nossas democracias. O que revela esta pandemia é que a saúde gratuita sem condições de renda, de história pessoal ou profissão, e nosso Estado de Bem-estar Social não são custos ou encargos, mas bens preciosos, vantagens indispensáveis quando o destino bate à porta. O que a pandemia revela é que existem bens e serviços que devem ficar fora das leis do mercado.¹⁴

Não há humanização quando o outro é encarado como meio e não como o fim, simples objetos nas realizações e empreendimentos estatais e de mercado. Os sinais da desumanização foram aparecendo no proceder de Bolsonaro e dos que endossavam seus discursos no Planalto e pelas mídias sociais – à revelia do comportamento requerido, alguns preferiram seguir sua ideologia ao invés do direcionamento dos sanitaristas, a realidade estava latente, o corpo dogmático, fundamentalista e conspiracionista estava acima da vida humana. Entra em cena sub-repticiamente, a indiferença. Quando a indiferença tem voz e vez, a humanidade perde seus recursos existenciais, escoia de suas mãos o que confere a cada sujeito a possibilidade de ser único, preservado, respeitado e assimilado no

¹⁴ BOFF, L., Covid-19: a Mãe Terra contra-ataca a Humanidade, p.36.

coletivo. Na indiferença, o sujeito se torna um mero objeto a ser manipulado na esfera dos desejos dos algozes.

“Humanidade” tem se tornado um conceito distante, um aglomerado de pessoas que não têm nenhuma relação íntima, de cuidado, reciprocidade e dedicação. Nos óbitos coletivos informados pela mídia, consequência de uma tragédia ou de uma pandemia como a da Covid-19, há uma mobilização apenas pelos números ou pelo recorde batido em uma estatística anterior. Constrói-se uma base de dados para fomento do grau daquela fatalidade – estatisticamente, elenca-se se foi uma das 10 piores ou nem tanto assim. Os números das mortes na pandemia se tornaram um espetáculo de horror e assombro, enquanto o governo se esmerava em conduzir uma narrativa de conspiração, chacota e medo. Muitos trataram dessas pessoas como simples números, sem querer saber a quem elas eram ligadas, se eram mantenedoras de recursos de uma família, se foi um pai ou uma mãe que provinha carinho e cuidado a uma criança. Não se enxergava em cada pessoa a sua individualidade, porém criava-se um mero espanto perante um mal que lhes acometera. Não há um envolvimento de fato e de verdade. Provê dinheiro para países imersos em desgraças, mas não há um empenho com a presença, com um abraço acolhedor, com um ouvido sensível às dores que vêm daqueles indivíduos.

Os sinais do Reino anseiam se aproximar de nossos contextos marcados pela dor e pela indiferença. Uma sociedade regada por uma esperança propulsora de vida. Vida comunicada e encarnada nos mais distintos setores da sociedade. A respeito do momento vivido na pandemia e sobre a esperança nos tempos sombrios, Moltmann nos diz:

A pandemia de Covid-19 é como o "vale da sombra" do Salmo 23. Ninguém a domina com o olhar, ninguém sabe quanto tempo vai durar, ninguém sabe quando ou quem vai atingir. Deus não poupa a nós, homens, o "vale da sombra", que para muitos também se torna o "vale da morte". Apesar disso, Deus está conosco em nossas angústias e em nossos sofrimentos. Deus caminha conosco na escuridão. Ele também não poupa a si mesmo do "vale da sombra" e do "vale da morte". Deus padece as nossas mesmas dores conosco e conhece o caminho para nós. A confiança em Deus sustenta a confiança em si próprio, quando esta é afetada pela angústia e pelas dores. Todas as previsões científicas sobre o futuro da pandemia tornaram-se incertas. A certeza sobre o futuro do mundo moderno desmoronou devido à pandemia e às mudanças climáticas. Agora é a vez da esperança e da paciência, que brota da esperança. A paciência é o longo respiro de uma grande esperança. A esperança cristã é esperança ativa no Reino de Deus para o futuro do homem e da terra, aguardamos a ressurreição dos mortos na vida eterna do mundo vindouro,

como afirmamos no Credo Niceno. Por muito tempo, a esperança na vida eterna reprimiu nas Igrejas a esperança propulsora do Reino de Deus na terra.¹⁵

A esperança bate à porta dos produtores da indiferença que passeiam nos corredores do cotidiano. Há entre nós um altruísmo da distância, um cuidado verbalizado e não encarnado. Amamos o distante para nos convencer de nossa humanidade, e por fim, justifica-se as ideologias atitudes negacionistas, contaminada de desinformação e *fake news*, refêns do mercado e dos seus ditames e, portanto, distantes da vida que clama por ser percebida. Ser humano é condição indispensável para a existência. A vida só se faz se se perfaz na existência cuidadosa do outro. Só somos humanos por reconhecimento alheio. O artigo “Corpos desimportantes”, um texto necessário e provocante da jornalista e roteirista Eliane Alves Cruz, promove cirurgicamente essa percepção:

Aqui, neste território brasileiro conflagrado e ferido por colonizações e seus subprodutos, são existências jogadas no lixo de forma invisível e que valem, no máximo, uma ou duas notas de jornal quando muito. Esqueçam as dimensões religiosas que buscam equalizar o grau de importância dos seres humanos. Todo mundo sabe: nem toda vida é vida de verdade na lógica deste país. Não somos todos iguais e ponto. Nos últimos dias este fato gritou, saltou das telas de televisão que repetem ao infinito cenas de guerras em outras terras, dando aquela tal notinha de jornal citada acima para os dramas locais. A piedade acontece se o corpo está numa distância relativa e segura.¹⁶

No caminhar de nossa humanidade, Deus caminha junto de nós e os olhares e as intenções provocadas pela indiferença são surpreendidos pela presença do Deus que padece nossas dores, que se identifica com nossos dramas e mergulha nos enredos da história humana.

Vimos até aqui que um dos grandes impeditivos para a recepção de uma promessa que encaminha o ser humano em direção ao seu futuro que vem e proclama vida abundante, que traria a esperança para uma sociedade (pós) pandêmica oriunda da boa notícia do Reino que é chegado, foram os mecanismos de controle do cenário de desinformação, *fake news* e caos, e que é parte preponderante de uma superestrutura mantenedora do poder vigente. Entra em cena, então, a indiferença que lida com os indivíduos como o carvão que conserva em

¹⁵ O Instituto Humanitas Unisinos antecipou para a língua portuguesa uma reflexão que Jürgen Moltmann concedeu à revista *Vita e Pensiero* número 5/2021 com o seguinte título: Deus caminha conosco dentro da Pandemia. (MOLTMANN, J. Deus caminha conosco dentro da pandemia.)

¹⁶ O texto “Corpos desimportantes” de Eliane Alves Cruz para a página da ICL Notícias, aponta para a crueza e a frieza da morte do outro que o ladeia e que faz parte de um mero registro estatístico. (CRUZ, Eliane A., Corpos desimportantes: a luta para se tornar visível.)

funcionamento a máquina da indústria da necrofilia. A seguir, veremos como por detrás de uma voz, como a do chefe do executivo do nosso país, há uma estrutura que serve como coluna para sustentar o discurso e as práticas dessa governabilidade, isto é, o totalitarismo e seus baluartes fascistas no Brasil.

2.1.1

O vírus do totalitarismo: mortandade na sociedade (pós) pandêmica

Quando a informação está a serviço de um projeto de poder, requer dos espectadores a consciência de que os sinais dados não podem ser ignorados. Em tempos em que as palavras anunciadas não proclamam as promessas de esperança e vida, mas obram resolutamente um plano de caos e morte, resultado de uma indiferença velada e mascarada nas narrativas, se exigirá dos olhares atentos a percepção de que há um vírus que sub-repticiamente contamina o ar da democracia e que busca desonerar as conquistas dos direitos pela vida – humanos e sociais – até então realizados. O autoritarismo discursivo toma conta da liberdade e pela expressividade normatizando comportamentos, alienando indivíduos das realidades ao seu entorno, criando discursos que alimentam o medo que torna a sociedade refém das direções de um seletivo grupo de “escolhidos” e, por sua vez, o que esses falam se torna lei e regulação para existir. Assim, como veremos a seguir, o totalitarismo encontra terreno fértil em nossa sociedade.

Na gênese do totalitarismo, o medo e a ignorância são alguns dos ingredientes indispensáveis para seu desenvolvimento, crescimento e, posterior maturação para o domínio de um território. O medo é instrumentalizado pelo discurso das instabilidades no cenário que ameaça as estruturas basilares dos indivíduos: a impossibilidade de culto e religião, logicamente aqui se fala da expressão majoritária, ou seja, o cristianismo; elencam uma série de “inimigos” da família tradicional que devem ser denunciados e combatidos e, por fim, alertam sobre as ameaças externas à pátria. Em posse desses argumentos, nota-se como o programa partidário de Bolsonaro foi propositalmente delineado e alinhado aos temores da conservadora e mandatária sociedade brasileira, “Deus, pátria e família”. Em seu plano de governo 2023-2026, que visava a sua reeleição, apresenta a seguinte proposta:

Mesmo diante de um cenário mundial volátil, é preciso ter um olhar amplo para antever e compreender a direção provável do mundo, por meio de fatos portadores de futuro, e como o Brasil pode se inserir nesse contexto de forma a proteger seus cidadãos, física e emocionalmente, por meio do bem-estar social, do aumento da oferta de emprego, da geração de renda, da segurança e da manutenção de valores que são tradicionais em nossa sociedade: Deus, Pátria, Família, Vida e Liberdade.¹⁷

Narrativas arregimentadas e hermeticamente fechadas são próprias do totalitarismo. Não há espaços para o diálogo, e pensamentos que conflitam com suas pautas serão execrados, banalizados e, posteriormente, punidos. Os governos totalitários se fecham em si mesmos e não se permitem, por exemplo, questionamentos oriundos de órgãos mundiais de defesa dos direitos humanos e muitos menos dos seus cidadãos. Na entrega da sua liberdade para receber em troca a segurança, cedem não apenas o controle dos seus corpos, mas também de seu raciocínio e da sua crítica. De maneira recorrente, presenciamos essas atitudes ante os noticiários que reproduziam as falas do presidente da república federativa do Brasil – Bolsonaro questionou inúmeras vezes a OMS (Organização Mundial da Saúde), órgão competente pela identificação da evolução do vírus e da sua amplitude territorial e pelas devidas recomendações ao cenário mundial acerca da realidade pandêmica. Em uma das suas transmissões semanais pelas redes sociais disse: “A nossa OMS está deixando muito a desejar. Fala-se tanto em foco na ciência, o que menos tem de ciência é a OMS, parece que não acerta nada”¹⁸. Sem pudor e de forma proposital, desdenhou dos posicionamentos, já que esses interferiam na sua política governamental e econômica.

Com isso, a delinquência política aumenta, os bodes expiatórios são apresentados e reconhecidos corruptos assumem o comando de instituições públicas. Presenciamos um misto de uma fervorosa oratória de defesa da moral e dos bons costumes aliada a uma corrupção deslavada, promoção de negociatas com as agitações trabalhistas a partir dos sindicatos patronais e uma ignorância velada que generalizadamente acomete a nação. O cenário é alimentado pela descrença e se apega a palavras e discursos clichês, superficiais e movidos por uma pseudológica. Ignora-se a incoerência e as notáveis contradições, já que essas se revestem de uma apresentação conservadora e fundamentalista de mundo ideal.

¹⁷ Plano de governo de Bolsonaro em vista do pleito de 2022 onde aponta o que chama “valores tradicionais” da família brasileira. Atendendo assim as demandas conservadoras da sociedade. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/08/plano-de-governo-bolsonaro-definitivo.pdf>

¹⁸Bolsonaro insistia em ir contra os órgãos regulamentadores para assim justificar seu projeto econômico. (Schuch, M., Bolsonaro critica entidade e diz que OMS “não acerta nada”.)

O medo salientado é retroalimentado e gera uma sociedade cínica e permeada de burocratas empoderados. A respeito desses governos totalitários, a filósofa judia-alemã Hannah Arendt nos alertava:

Legalmente, o governo pela burocracia é um governo por decretos, e isto significa que o poder, que no governo constitucional apenas aplica a lei, se torna a fonte direta de todas as legislações. Além disso, os decretos permanecem anônimos (enquanto as leis podem ser atribuídas a homens específicos ou assembleias) e, portanto, parecem fluir de uma potência dominante tal que não necessita de justificativas [...] O administrador considera a lei como sendo impotente porque ela por definição está separada de sua aplicação. O decreto, por outro lado, não existe como tal enquanto não for aplicado; ele não necessita justificativa exceto aplicabilidade.¹⁹

O fato coerente que questionaria os decretos impostos é derrubado ante o universo pragmático que permeará o ambiente político-governamental. Essa prática, ilusoriamente, se justifica anunciando atender as demandas éticas e morais que mantêm a sociedade almejada pelos chamados cidadãos de bem, entretanto, a lógica dominante é a da sociedade de mercado, por sua vez, administrada por um seletivo grupo que se beneficia das vítimas desse sistema – como trabalhadores alienados, não apenas do que produzem, mas principalmente de sua real condição como oprimidos. Não questionam pela ignorância nutrida e que, em primeiro momento, na maioria das vezes, é um consciente “fechar de olhos” aos sinais totalitários, ou baseados na perspectiva de que tal governo é “menos ruim”, justificando, assim, o pragmatismo da proteção dos interesses, e depois, com o tempo e com o devido esquecimento próprio ao rebanho que se permite conduzir, o erro passa a ser imperceptível pela massificação e controle governamental das mídias e sistemas de informação.

As narrativas bolsonaristas na sua empreitada, eivadas do discurso religioso do bem contra o mal e que provocaram uma distensão dicotômica na sociedade brasileira, conseguem absorver inúmeras consciências que irrefletidamente reproduzem seus clichês e jargões pelas redes sociais e pautam discussões familiares, promovendo em muitos casos antipatias sociais e distanciamentos nos convívios. Isolados, os discursantes fanáticos seguem em busca de um rebanho que os assimile, e por sua vez, encontrará pela frente indivíduos que se autoproclamam pertencentes ao grupo do bem, da moral e dos bons costumes e que militam contra a orbe de tal maldade, ou seja, de todos que pensam e refletem, que não admitem

¹⁹ ARENDT, H., *Origens do Totalitarismo*, p. 243-244.

conceito estacionários e sem reflexão. Novamente, Arendt contribuiu para esse entendimento:

O povo governado por decreto nunca sabe o que lhe governa por causa da impossibilidade de entender os decretos em si mesmos e a cuidadosa ignorância organizada das circunstâncias específicas e seus significados práticos no qual todos os administradores mantêm seus subordinados [...]. Governar por decreto tem vantagens notáveis para a dominação de vastos territórios com populações heterogêneas e para uma política de opressão. Sua eficiência é superior simplesmente porque ignora todos os estágios intermediários entre a publicação e a aplicação, e porque evita o raciocínio político do povo através da ocultação da informação [...] É mais proveitoso para o estabelecimento de uma administração centralizada porque ele sobrepuja automaticamente todos os assuntos de autonomia local.²⁰

Os que justificam o totalitarismo o fazem como se este fosse um cumprimento messiânico, revestindo religiosamente seus devaneios políticos e seu cinismo ideológico, assumindo para si e para os seus um tal legislador sábio sinalizando que as civilizações que atingiram um alto grau de desenvolvimento o fizeram pela qualidade e firmeza de suas leis e não pelas oportunidades de consulta, diligência ou liberdade de seu povo. A sabedoria das leis e a genialidade desse tal legislador foram utilizadas pelo totalitarismo no desprezo e combate à democracia parlamentar.

Os pedidos de intervenção militar, como os realizados após a eleição do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva²¹, demonstram o quanto essa quimera totalitária assume o protagonismo e ignora o passado maculado pela perda não apenas da liberdade de expressão, de ir e vir, de agir, mas como também e principalmente a perda substancial das pessoas, muitas delas torturadas até a morte e outras tantas desaparecidas no período conhecido como a Ditadura Militar (1964-1985).

Constatamos aquilo que o filósofo e teórico político Edmund Burke nos disse: “Um povo que não conhece sua História está fadado a repeti-la”, comete-se os mesmos erros. Seguiremos, portanto, para o relato desse período sombrio de totalitarismo em nosso país e suas iminentes perdas, sufocamento intelectual e interditos provocados aos profetas que se levantavam como proclamadores de esperança.

²⁰ ARENDT, H., *Origens do Totalitarismo*, p. 244.

²¹ Com características próprias de uma histeria social, um grupo de eleitores bolsonaristas se propõe a realizar vigílias nas portas de quartéis pelo Brasil, a fim de conclamar as Forças Armadas brasileiras a repetir a cena do Golpe de 1964, demonstrando profundo desconhecimento histórico ou até mesmo certa hipocrisia. (LIMA, S. Manifestantes pedem intervenção federal em frente a quartéis.)

2.1.2

Um contágio de um vírus com precedentes de longa data

A ditadura militar havia sido imposta no dia 31 de março de 1964, tanques do exército foram enviados ao Rio de Janeiro, onde estava o presidente Jango. Três dias depois, João Goulart partiu para o exílio no Uruguai e uma junta militar assumiu o poder do Brasil. No dia 15 de abril, o general Castello Branco (1964-67) toma posse, tornando-se o primeiro de cinco militares a governar o país durante esse período. Assim se inicia a ditadura militar no Brasil, permanecendo até 1985.

O golpe de 64, como ficou conhecido o evento que principiou a ditadura militar no Brasil, foi um golpe, um duro golpe que, dentre alguns fatores, teve como contraposição uma das principais propostas do governo Jango, a reforma agrária. Esta era combatida pelos grandes latifundiários, por grande parte do Congresso Nacional e, também, por parte da população, principalmente os setores mais conservadores e a classe média. Para esses, o Golpe era nomeado como Revolução. Dentre as vozes que assim percebiam e nomeavam o golpe como revolução, estava parte da grande imprensa da época:

Sendo legalista a Revolução é também essencialmente reformista [...] as reformas que agora podemos fazer, pela via democrática da elaboração legislativa e da liderança política do Congresso, vão atender aos interesses de todas as parcelas nacionais [...]. O JORNAL DO BRASIL repudiará hoje e sempre qualquer hipótese de governo ditatorial. (Jornal do Brasil, 6 de abril de 1964, p.6, tit. Autoridade e confiança).²²

A Folha de São Paulo defende o evento e o denomina como “Revolução” e afirma que:

A situação nacional é, juridicamente, de plena legalidade, estando em vigor todos os artigos da Constituição Federal e não se achando o país sequer em estado de sítio. [...] Determinados civis sustentam estar o Brasil em estado de guerra capaz de justificar, praticamente todas as violências contra a liberdade. Não é exato. A Constituição acha-se de pé (Folha de S. Paulo, 7 de abril de 1964, p.4, Nossa opinião).²³

Numa evidente manipulação dos fatos e uma distorção da Constituição com clara incoerência, chegam a reportar a ditadura – ou melhor, na concepção

²² Texto do Jornal do Brasil de 1964 em conformidade com o posicionamento político adotado pelo seu editorial. (JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 1964-1968. Caderno 1, p. 1 e 8 (manchetes e editoriais).

²³ GUARNIERI, D. C., As Justificativas em torno do movimento golpista civil-militar de 1964 sob a ótica da grande imprensa, p. 334.

jornalística, a revolução – como ação constitutiva e protetiva dos interesses comuns da nação.

Outro ponto extremamente relevante para o sucesso do golpe militar foi a ativa intervenção do governo norte-americano que, após a Revolução Cubana, passara a monitorar bem de perto a América Latina com o intuito de impedir o crescimento de ideias consideradas comunistas. Portanto, as ditaduras militares se tornaram os mecanismos utilizados para frear esses movimentos em sua gênese. Distante de uma teoria conspiratória, a intervenção americana foi atestada quando em 2014, documentos liberados pelos Estados Unidos, e investigados pela Comissão Nacional da Verdade, revelaram que mais de 300 militares passaram uma temporada na Escola das Américas (o instituto de guerra dos Estados Unidos no Panamá). Lá, entre 1954 e 1996, os militares brasileiros tiveram aulas teóricas e práticas sobre tortura.

Com sede de poder e controle, os militares determinaram sobre o país os Atos Institucionais. Estes eram decretos e normas muito utilizados durante a ditadura e que davam plenos poderes aos militares, garantindo sua permanência no poder. O primeiro Ato institucional, o AI 1, realizado ainda no governo de Castello Branco, tinha como uma de suas principais medidas o fim das eleições diretas. No governo seguinte, Costa e Silva (1967-69) deixou sua marca algoz e ferrenha impressa na história como aquele que decretou o AI-5, dando poderes aos militares para fechar o Congresso, cassar políticos e institucionalizar a repressão.

Nesse período, o teólogo brasileiro Leonardo Boff lança sua obra *Jesus Cristo Libertador* e em uma recente entrevista à revista eletrônica do Instituto Humanitas-Unisinos, em comemoração aos quarenta anos da obra supracitada, relembra:

Para burlar os órgãos de controle e repressão dos militares, publicava todo mês no ano 1971 um artigo numa revista para religiosas *Sponsa Christi* (Esposa de Cristo) com o título: *Jesus Cristo Libertador*. Em março de 1972 reuni os artigos e arrisquei sua publicação em forma de livro. Tive que esconder-me por duas semanas, pois a polícia política me procurava. As palavras “libertação” e “libertador” haviam sido banidas e não podiam ser usadas publicamente. Custou muito ao advogado da Editora Vozes, que fora pracinha na Itália, para convencer os agentes da vigilância de que se tratava um livro de teologia, com muitos rodapés de literatura alemã e que não ameaçava o Estado de Segurança Nacional.²⁴

²⁴ BOFF, L., Quarenta anos de *Jesus Cristo Libertador*. Entre os dias 7-10 de outubro de 2012, em São Leopoldo, junto ao Instituto Humanitas da Unisinos, dos Jesuítas, ocorreu a celebração dos 40 anos do surgimento da Teologia da Libertação. Leonardo Boff um dos grandes nomes da TdL

A farsa medicamentosa da tal sociedade conservadora seguia regulamentando prescrições em uma época, e os seus descendentes herdaram e dogmatizaram tais regulações. Assim, quaisquer indícios que se aproximassem de perspectivas socialistas ou comunistas seria podada na raiz e isso não eximia nem mesmo os setores da religião e da produção teológica. A busca por infiltrados da considerada pérfida mentalidade comunista era a grande empreitada da ditadura. E as repreensões não viriam por conselhos e conversas amistosas, mas sim por perseguições, duros castigos, sádicas punições e mortes dolorosas, engrossando um inúmero contingente de indigentes que, todavia, mantinha por trás os clamores de seus familiares que nunca souberam o fim dado aos seus entes queridos.

Dentre os torturados estava o frade dominicano Tito de Alencar. Segundo relatado por Renan Quinalha na leitura do memorial contido no documento do Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Brasileiros, na Assembleia Legislativa de São Paulo da Comissão da Estadual da Verdade:

Tito foi torturado por 40 dias pela equipe do delegado Sérgio Fleury e transferido para o presídio Tiradentes, onde permaneceu até 17/12/1970. Após a data, foi levado para a sede da Operação Bandeirantes (Oban), posteriormente reorganizada como Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi). "Agora você vai conhecer a sucursal do inferno", disse o torturador, capitão Maurício Lopes Lima, que o recebeu no destacamento. Além do pau de arara, o Frei foi submetido a choques elétricos, socos, pauladas e enfrentou um corredor polonês, sendo queimado com cigarros. Tentou suicídio com uma lâmina de barbear e foi conduzido ao Hospital do Exército. O relato das torturas sofridas foi redigido por ele e anexado ao seu caso na Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos. "Vai ter que falar ou vai sair morto daqui", escreveu Tito sobre as ameaças que sofreu. Com dores por todo o corpo, o frei não conseguia falar nada e torcia para novamente perder os sentidos. "Quando venho para Oban, deixo o coração em casa. Tenho verdadeiro pavor a padre e para matar terrorista nada me impede", disse o torturador, que mandou a vítima abrir a boca para receber a "hóstia sagrada", um fio elétrico que deixou a boca de Tito inchada e o frei sem fala.²⁵

Infelizmente, a morte de Frei Tito engrossa o corredor de homens e mulheres que foram entregues nas mãos de capatazes que, mais do que construir pirâmides

escreve o artigo para a revista do Instituto Humanitas Unisinos em homenagem paralelamente aos Quarenta anos do seu livro *Jesus Cristo Libertador*.

²⁵ CABRAL, G., História de tortura é lembrada em lançamento de livro sobre Frei Tito. A Comissão da Verdade Rubens Paiva, presidida por Adriano Diogo (PT), apresentou na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo em audiência pública, a oitiva sobre o caso de Frei Tito de Alencar, torturado durante o regime militar brasileiro e exilado na França. O evento promoveu o livro escrito pelas autoras Clarice Meirelles e Leneide Duarte-Plon, que conta a história e trajetória de Frei Tito que o conduziu a tortura e suicídio.

com imensos pedregulhos, fizeram dos corpos martirizados as pirâmides macabras empilhadas pelos seus algozes.

Toda essa escalada doentia e de proporções maquiavélicas, apesar de bem documentada e com desaparecimentos e mortes constatadas, ainda assim fez o então presidente Jair Messias Bolsonaro convocar um dos principais torturadores da intervenção militar como um herói nacional – o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, interventor que fora reconhecido pela justiça como um torturador. No dia 8 de agosto de 2019, em uma declaração dada a jornalistas após ser questionado sobre um almoço que teria com a viúva do coronel, Maria Joseíta Silva Brilhante Ustra, Bolsonaro respondeu sobre o coronel: “É um herói nacional que evitou que o Brasil caísse naquilo que a esquerda hoje em dia quer”²⁶.

O cinismo e a apatia nos discursos de Bolsonaro, aplaudido pela direita e por grande parte das lideranças cristãs, principalmente a ala evangélica fundamentalista, nos faz questionar a vocação de uma igreja sobrevivente dos martírios e que agora obra para lançar os “diferentes” de si nos coliseus. Uma aparente contradição, mas que salienta a vocação de uma religião que serve a si apenas e à sua estrutura. Quando a manutenção do *status quo* assume o protagonismo, os indivíduos são percebidos como meros degraus para a ascensão dos líderes sedentos por influência e tudo que compromete esse projeto será posto não apenas à prova, mas será conduzido à morte, mesmo que professe o mesmo Cristo.

No âmbito brasileiro, uma engenharia totalitária tem se levantado com maior pungência, a partir dos idos de 2016, com o iminente impedimento da então presidente Dilma Rousseff e, por sua vez, tem se estruturado para suas inclinações a governos totalitários e fascistas.

Armando Boito (2020) ressalta que, se no Chile e na Argentina, neoliberais e ultraconservadores chegaram ao poder pelo voto popular, no Brasil essa ascensão é capitalizada, principalmente, pelos agentes que participaram do golpe de Estado que depôs Dilma Rousseff, em 2016. O cenário contribuiu para colocar em movimento forças conservadoras e antidemocráticas, desacreditar o voto popular, a democracia e as instituições, e estimular junto aos meios de comunicação a ideia de uma crise política e econômica incontornáveis. Boito ainda destaca que, se num primeiro momento, o golpe foi organizado por forças políticas tradicionais, 4 pertencentes aos

²⁶ VEJA, Bolsonaro afirma que Brilhante Ustra é um “herói nacional”. Diante das barbáries cometidas pelos protagonistas da ditadura militar, o presidente Jair Messias Bolsonaro, elenca e ovaciona o nome do Coronel Brilhante Ustra como um bastião conservador da ordem no país.

quadros da direita ou de setores de centro, ele culminou na ascensão de uma extrema direita personificada na figura de Jair Bolsonaro, e legitimada por seus ativistas mais fiéis – militares, representantes de setores do agronegócio e da indústria, líderes evangélicos. Por fim, culminou na coalisão de uma direita neofascista com uma direita tradicional, que conferiu não só coesão ao governo que emergia naquele momento, mas também a consolidação de elementos que configuram uma nova programática política, tais quais a defesa de pautas morais, que se opõem à diversidade sexual e as identidades de gênero, e criminalizam direitos reprodutivos, o retrocesso nos direitos trabalhistas e previdenciários, a imposição de uma doutrina religiosa nas esferas institucionais, a negação da luta de classes, a desqualificação do processo eleitoral, o elogio ao autoritarismo, ao armamentismo e à violência como respostas legítimas para o problema da insegurança pública.²⁷

Como sinal de esperança a um mundo (pós) pandêmico, salientamos o testemunho de um mártir, profeta que lutou contra a força totalitarista de sua nação, Dom Romero que, manifesto nas palavras de Ellacuría, assumiu com propriedade a perspectiva de que os seus algozes professavam a mesma religião, mas, tal como Caim, ofereceram o sangue do seu irmão em um culto macabro sob a égide do totalitarismo, ao invés de ofertarem sua dedicação aos desesperançados desse mundo.

Em 24 de março, Monsenhor Romero caiu diante do altar. Um tiro no coração foi suficiente para acabar com a sua vida mortal. Há meses que se encontrava ameaçado e nunca procurou a mínima proteção. Ele próprio conduzia o seu próprio carro e vivia num apartamento indefeso ligado à igreja, onde foi assassinado. Foi morto pelas mesmas pessoas que matam o povo, as mesmas pessoas que neste ano do seu martírio exterminaram quase dez mil pessoas, na sua maioria jovens, camponeses, trabalhadores e estudantes, mas também idosos, mulheres e crianças que são retiradas das suas quintas e que aparecem pouco depois torturadas, destruídas, muitas vezes irreconhecíveis. Não é importante determinar quem efetuou o disparo. Foi o mal, o pecado, foi o anticristo, mas um mal, pecado e anticristo históricos, encarnados em estruturas injustas e em homens que escolheram o papel de Caim. Ele teve apenas três anos de vida pública como arcebispo de El Salvador, mas que foram suficientes para semear a palavra de Deus, para tornar presente a figura de Jesus entre o seu povo; foi tempo demais para aqueles que não podem tolerar a luz da verdade e o fogo do amor.²⁸

Em tempos de contágios totalitaristas e conseqüente cativo, martírios e contundentes extermínios dos profetas, as esperanças poderiam minguar e a libertação pareceria uma improbabilidade recorrente. Entretanto, paulatinamente a voz do Libertador, daquele que provê esperanças, se faz ouvir no Brasil e em

²⁷ Entrevista concedida pelo cientista político Armando Boito Junior ao periódico científico da Universidade Federal do Mato Grosso em vista da escala do autoritarismo ao poder no Brasil. (IRINEU, B. A.; ALVES, L. N. Avanços do conservadorismo e neofascismo no Brasil recente: entrevista com Armando Boito Jr.)

²⁸ SOBRINO, J., Teologia, pobres, mártires, Deus, Monsenhor Romero e a Universidade Centro-Americana de El Salvador; GUIMARÃES, E.; SBARDELOTTI, E.; BARROS, M., 50 anos de Teologias da Libertação, p. 263, 264.

diversos quadrantes da América Latina. “Certamente vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus feitores. Conheço o sofrimento do meu povo” (Êx 3,7).

Os descaminhos de um desgoverno totalitário e fascista, que se assenhorava como mantenedor da vida e da família, não soube realizar outra empreitada se não a de afrontar os mecanismos que geriam a saúde, como a OMS (Organização Mundial da Saúde), bem como acintosamente afrontar seus próprios ministros, enquanto estes assumiam com hombridade um discurso distinto do establishment bolsonarista²⁹, e que por sua vez, perceberam desde o início que o interesse não era na saúde pública, mas simplesmente político e ideológico.³⁰ Com posse dessas informações será de vital o entendimento de que todo esse projeto de poder estava a serviço de uma oligarquia, não tinha apreço não apenas pela vida do ser humano, mas a tudo que no entorno impedia o avanço de sua narrativa. A terra não estaria fora dessa narrativa e, portanto, sofreu com a pandemia de descaso e dor. A terra sucumbiu perante seus detratores, à semelhança dos que vergaram em direção à morte diante da Covid-19, pela desinformação e indiferença dos que deveriam trabalhar empenhados na manutenção da vida.

Veremos, a seguir, a pandemia a que a terra, Gaia, foi submetida e quais implicações desse legado para uma sociedade (pós) pandêmica.

2.2

Contágio ecológico: a ampla degradação e descaso da terra

O termo “ecologia” foi cunhado em 1866 pelo biólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919), que a definiu como o estudo entre todos os sistemas vivos e não vivos entre si e com seu meio ambiente. A palavra ecologia (oikos, em grego = casa e Logos = estudo, discurso) sinaliza para uma realidade pulsante e de necessária lembrança, ou seja, vivemos todos numa grande Casa comum. Ao defini-la como comum, é imprescindível o entendimento de que o que assim se exprime alerta para

²⁹ CHRISTIAN, E., Ex-ministro Mandetta diz à CPI da Pandemia que Bolsonaro sabia da gravidade da crise. Na empreitada de defender seu projeto de poder a todo custo, o presidente Jair Messias Bolsonaro, não hesitou em se contrapor ao que lhe opunham ideologicamente no enfrentamento da pandemia, dentre estes estava seu próprio ministro da saúde entre 1º de janeiro de 2019 e 16 de abril de 2020, Luiz Henrique Mandetta.

³⁰ RUDY, J., Mandetta sobre Bolsonaro na Covid: “Ele não é louco, foi decisão política”. Numa análise posterior, Mandetta, alude ao feito de Bolsonaro perante a pandemia como uma questão política e sem nenhuma preocupação com o bem-estar da população.

um cuidado coletivo. Os espaços em comum são responsabilidade de todos os que ali habitam e transitam. Os corredores do andar do prédio em que moramos não são responsabilidade apenas da zeladoria, somos responsabilizados pelos dejetos lançados à revelia nos espaços compartilhados com outros moradores. Nossa casa comum, nosso planeta, sofre pelo descuido dos espaços em que irresponsavelmente transitamos e utilizamos. Possuímos os ambientes como realezas que aguardam os servos que limparão o recinto para nossa próxima aparição.

Partiremos da corresponsabilidade criativa do relato judaico do Gênesis que nos compromete perante o mundo que carece de apreço e cuidado, mas que, contudo, tem como atitude uma negligência sistêmica que arvora sobre si a bandeira do progresso econômico e, por sua vez, é indiferente à terra, a enxerga como um território de riquezas naturais que deverá ser exaurido. Do relato judaico à biodiversidade brasileira, da extensão territorial da nossa Amazônia ao seu criminoso desmatamento, e por fim, ao agronegócio, que se deleita nas irresponsabilidades de um governo que instaurou uma pandemia que afeta todo o organismo da nossa Casa comum. Qual a terra que recepcionaremos para um mundo (pós) pandêmico?

2.2.1

A casa: do cosmo ao caos

No relato judaico acerca da origem do mundo, Deus disse à humanidade que assumisse a terra, mais precisamente que a submetesse. Nesse ponto, acreditamos que teríamos todo o direito de usufruir desta terra e esgotá-la a ponto dela nos servir em um regime escravocrata. Todavia, o desconhecimento do propósito humano relacionado à terra promoveu falácias como essas ao status de verdade absoluta. O cuidado de Deus sobre a terra fez com que delegasse a outro ser a responsabilidade de mantê-la. A submissão da terra tem a ver com uma missão originária, e, portanto, como o humano não tem origem em si mesmo, mas no sagrado, a missão provém de Deus e não dos interesses humanos egocêntricos. “Não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha ainda crescido, porque Iahweh Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo” (Gn 2,5). Não havendo o humano para cultivar o solo, não havia vegetação. A lógica acionada aqui responsabiliza o ser humano a criar juntamente

com Deus o mundo que há de habitar. Não receberá pronto, pois, na maioria das vezes, aquilo pelo que não se dedica não há de valorizar. Há o ensejo de uma terra que se irmana e se relaciona com seu cultivador amigavelmente. Como parceiros numa caminhada, a terra e o ser humano seguem juntos para o embelezamento da vida e para o preparo dos espaços de novos integrantes que com sua presença preencherão os espaços, inibindo os vazios que causariam “buracos na alma” do planeta.

Entretanto, esse ser humano decide se alienar e viver para si, consumindo um tal fruto que sinaliza sua opção em gerar a partir do seu ego, seus horizontes normativos e de sentido. Não mais irmanado, mas em carreira solo e depredando o que encontrar pela frente para assim construir seu projeto pessoal de poder e glória. Por isso, nos alerta Paulo:

Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. De fato, a criação foi submetida à vaidade — não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu — na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente. (Rm 8, 19-22)

A missão original foi corrompida pelos interesses arrogantes da humanidade, que por sua vez, submete a terra aos seus caprichos e, por isso, clama pela manifestação dos filhos de Deus, isto é, uma consciência de humanidade que nada mais é que o retorno à originalidade do projeto divino que engaja o humano como cocriador. Há uma esperança cativada e cultivada na terra de que os homens e mulheres, filhos e filhas de Deus, conduzam aos horizontes edênicos. A terra que entoava canções, hoje geme e grita por socorro.

2.2.2 Do Éden à ilha de Vera Cruz

Ao tratarmos sobre os símbolos de um jardim perdido, podemos seguir para as suas extensões que nos circundam. É desnecessário se deter na geografia bíblica ou partilhar de teorias conspiratórias sobre possíveis descobertas com determinações longitudinais ou latitudinais que determinariam a localização do Éden, se na realidade temos seus ares entre nós.

As riquezas naturais de nosso país são indiscutíveis, considerando que o Brasil é um país com a maior biodiversidade do mundo, abrigando 20% das espécies

de plantas do mundo, 14% dos anfíbios, 17% das aves e 14% dos peixes. O 5º maior país do mundo possui seis biomas: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Pantanal, Mata Atlântica e Pampa. Contudo, o descaso pela nossa Casa Comum se evidencia quando confrontados com dados tais como o apresentado pelo Imazon (Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia), instituto brasileiro de pesquisa que tem como intuito promover a conservação e o desenvolvimento sustentável da Amazônia. Tomando como parâmetro o primeiro semestre dos anos 2018 a 2022, período de recorde de violência contra a Amazônia, o Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) detectou os seguintes dados: em 2018 foram cerca de 2.591 quilômetros quadrados de desmatamento na Amazônia Legal, em 2019 cerca de 2.061 quilômetros quadrados, em 2020 2.544 quilômetros quadrados, em 2021 cerca de 4.014 quilômetros quadrados, em 2022 cerca de 4.789 quilômetros quadrados e, por fim, os dados esperançosos do primeiro semestre de 2023, com 1.903 quilômetros quadrados de desmatamento. Apesar da notícia positiva, a área destruída nos primeiros seis meses de 2023 foi a sexta maior de toda a série histórica do monitoramento, que iniciou em 2008. Apenas no semestre, a Amazônia perdeu um território florestal quase duas vezes maior do que Belém. Isso equivale a mais de mil campos de futebol desmatados por dia.³¹

Nota-se, portanto, que o alarmante nos dados apresentados é que, segundo levantamentos do próprio Imazon, o desmatamento na Amazônia, tomando por base 2022, teve nesse o seu ano mais crítico e que se tornou o maior desmatamento dos últimos 10 anos, vide o crescimento de 21% referendando o ano de 2021, que assumiria o posto de segundo lugar em áreas desmatadas desde 2008,

Notoriamente, as tomadas de decisão em âmbito governamental e de produção para o mercado ignoram a terra e as vítimas diretas do capital. Não se mensura perdas que não sejam as financeiras, contudo, a terra sem a rotatividade das culturas produzidas sofre o esgotamento dos nutrientes, como, também, a compactação, erosão e aceleração da desertificação. A terra é subserviente aos interesses do mercado. Os humanos desumanizados pelo sistema são percebidos como peças nessa engrenagem. Não se pensa o presente das vítimas, muito menos o futuro que as gerações herdarão. Como o pensamento dos senhores do mercado é

³¹ Dados coletados no site da Imazon, instituto brasileiro de pesquisa que tem como missão promover a conservação e o desenvolvimento sustentável da Amazônia. (IMAZON, Desmatamento da Amazônia tem queda de 60% no primeiro trimestre.)

extremamente pragmático, seus próprios descendentes sofrerão com as inconsequentes investidas dos seus progenitores. Estes não se preocupam em observar que foi anunciado pelo teólogo alemão Jürgen Moltmann:

As decisões realmente importantes do presente devem ser tomadas levando em consideração as gerações futuras, embora estas não tenham lobby no presente. Entre os índios norte-americanos, tais decisões devem ser tomadas levando em conta sete gerações futuras.³²

A crise ambiental é sufocada pelo argumento do progresso. Uma empreitada de profunda irresponsabilidade política, ideologicamente projetada para satisfação de uma minoria que anseia sugar o capital a cada metro quadrado disposto nesse mundo. Indivíduos que, indiferentes à vida e, conseqüentemente, irreverentes perante sua multiforme apresentação, ambicionam as cifras desenfreadas do agronegócio, a “indústria a céu aberto”, como constatado pela jornalista Fabiana Vezzali:

O agronegócio avança na trilha do desmatamento e da superexploração do meio ambiente. No lugar da floresta, grandes pastos para receber gado, lavouras de soja e algodão. E o que restou de árvores que alimentaram madeireiras e carvoarias ou que serviram de insumo para a construção civil das grandes cidades. Esse é o alto preço que paga o país por apostar na grande propriedade rural como alavanca para o desenvolvimento econômico. As ameaças ao Pantanal, Cerrado e Amazônia são apenas a face mais conhecida da destruição ambiental provocada também por grandes projetos de infraestrutura que obedecem às demandas da indústria e da agricultura exportadora.³³

Segundo o site do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), o agronegócio brasileiro fechou o primeiro semestre com superávit acumulado de US\$ 74,07 bilhões – crescimento de 4,2% em relação ao mesmo período do ano anterior. As exportações do setor somaram US\$ 82,33 bilhões, enquanto as importações, US\$ 8,25 bilhões – valores 3,9% e 1,6%, respectivamente, acima dos observados em 2022. Considerando os produtos de todos os setores, o saldo da balança comercial no primeiro semestre também foi superavitário em US\$ 45,06 bilhões – isto é, US\$ 10,81 bilhões a mais em relação ao valor registrado no mesmo período do ano anterior. Quanto à pecuária, os primeiros resultados da produção animal no 2º trimestre de 2023 apontam que, diante do mesmo período de 2022, o abate de bovinos cresceu 11,0%, o de frangos aumentou 4,7% e o de suínos caiu 1,6%. Em relação ao 1º trimestre de 2023, o abate de bovinos teve aumento de

³² MOLTSMANN, J., No fim, o início, p. 169

³³ VEZZALI, F., Desmatamento e poluição seguem o rastro do agronegócio.

12,3%, o de frangos caiu 2,8% e o de suínos recuou 1,1%. Foram adquiridos 5,72 bilhões de litros de leite, 3,9% a mais do que no 2º trimestre de 2022 e 2,8% a menos do que no trimestre imediatamente anterior, segundo os dados fornecidos pelo site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)³⁴.

Quando analisamos a agenda do ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, conseguimos delinear a pauta do legado bolsonarista para o nosso ecossistema e entender um pouco os horizontes de nossa crise ambiental. Entende-se que todo relato acima confere o *modus operandi* do antigo governo e, conseqüentemente, ressalta o que nosso país numa sociedade (pós) pandêmica recepcionou como herança ecológica diante do agravante descaso face à política ambiental impetrada.

Ao assumir o ministério em janeiro de 2019, Salles demonstrou quais os rumos que o país tomaria ante o deságio do Meio Ambiente. Nos oito meses do primeiro ano de gestão, o ministro se reuniu com líderes do agronegócio, madeireiros, petroleiros e até representantes de indústria farmacêutica, e, contraditoriamente, dedicou apenas duas reuniões para atender as organizações com pautas ambientais: WWF-Brasil (*World Wildlife Fund*) e a Coalizão Brasil Clima, Floresta e Agricultura. Destacava-se ainda, na agenda pública de Salles, que o ministro reservava, de maneira contumaz, suas audiências ao agronegócio, recebia constantemente os membros da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) – nos oito primeiros meses, foram 54 encontros com deputados e senadores da frente.³⁵

Diante das queimadas na Amazônia, alinhado com o discurso do presidente Bolsonaro, Salles afirmava que as ONGs ambientais seriam suspeitas de causarem o fogo e alardeava que o ato criminoso era uma perseguição ideológica ao governo de Jair Bolsonaro.

As negligências e esquivas a essa responsabilidade, alcançaram destaque mundial e os dois principais países que mais conferem suporte ao Fundo de Preservação da Amazônia, Alemanha e Noruega, indicaram sua grande insatisfação perante os posicionamentos do governo. O Fundo de Preservação da Amazônia é a maior transferência de recursos do mundo, entre países, para preservação de

³⁴ Dados informados pelo IBGE. (AGÊNCIA IBGE, Trimestrais da pecuária – primeiros resultados: abate de bovinos e frangos cresce no 2º trimestre de 2023.)

³⁵ O ministro do meio ambiente, Ricardo de Aquino Salles (2019 a 2021), foi contumaz em sua pauta, colocando o agronegócio como mandatário de sua pauta e tomando conta de sua agenda de governo. (BRASIL AGRO. Salles foca agenda no agronegócio e deixa ambientalistas de lado.)

florestas. O Fundo Amazônia, criado em 1º de agosto de 2008 pelo Decreto nº 6.527, tem como seu principal objetivo a captação de recursos para projetos em ações de prevenção, monitoramento e combate ao desmatamento e de promoção da conservação e uso sustentável no bioma amazônico.³⁶ O Fundo depende basicamente das doações de Noruega e Alemanha. Os dois países respondem por mais de 99% dos recursos doados, mais de R\$ 3 bilhões que já financiaram projetos de pesquisa, geração de emprego e renda na floresta com redução do desmatamento nas áreas beneficiadas.³⁷

Com as recorrentes irregularidades e negligências por parte do ministério do Meio Ambiente do governo Bolsonaro, os repasses ao fundo de proteção da floresta, financiado pela Alemanha e sobretudo pela Noruega, foram suspensos por ambos os países em 2019, em meio à alta do desmatamento da Amazônia.³⁸

Apenas com a conquista nas urnas por Luiz Inácio Lula da Silva, a Noruega e Alemanha sinalizaram o desbloqueio das verbas que deveriam ser destinadas ao Fundo Amazônia, por considerarem o histórico de compromisso com o combate ao desmatamento do governo de Lula.

2.3

A fome contagiosa: insegurança alimentar

Como lidaremos com a contradição de um país rico em recursos naturais e empobrecido de compaixão diante das necessidades do seu próximo? Enquanto o crescimento do Agronegócio é festejado e amplamente divulgado, o mapa da Fome, o relatório de Insegurança alimentar, segue engavetado nas plataformas político-publicitárias e nos fatos jornalísticos. Cada vez mais, o ter em detrimento do ser ganha os estratos sociais, o humano é percebido como objeto e, para tanto, só deve ser proclamado enquanto favorece o mercado. Dignidade, respeito, direitos elementares e essenciais para existir, isto é, as dimensões constitutivas do ser, tudo

³⁶ O Fundo Amazônia é um mecanismo de financiamento climático brasileiro e desde sua criação, em 2008, ajudou a manter importantes projetos de proteção e desenvolvimento sustentável na Amazônia. (IPAM AMAZONIA, O que é o Fundo Amazônia.)

³⁷ Durante o governo Bolsonaro, o Fundo Amazônia foi paralisado e seus principais doadores, Alemanha e Noruega, bloquearam suas contribuições. (G1 – GLOBO, Países que injetam verba no Fundo Amazônia são contra mudanças.)

³⁸ A Alemanha é o segundo maior doador para o Fundo Amazônia, que tem seu maior benfeitor o Reino Unido. (BRASIL DE FATO. Alemanha sinaliza desbloqueio de repasses ao Fundo Amazônia.)

aquilo que valora o indivíduo enquanto ser-no-mundo é descartado ou visto como secundário.

Entretanto, a questão da fome não é caso de governos ou desgovernos recentes, mas uma herança que atravessa gerações desde o período colonial.

Durante o período colonial até o início do século XX, a fome da população era encarada de duas formas: 1) enquanto uma crise, como um problema natural das secas ou uma quebra de abastecimento, por exemplo, ou 2) como um descompasso entre população e produção – a saber, não produzimos o suficiente para alimentar a população. As políticas governamentais, como expressão da compreensão hegemônica sobre esse fenômeno, refletiam essa visão, incidindo, principalmente, na tentativa de controle de crises. Aqui listamos dois exemplos. O primeiro, em 1918, a partir das pressões dos movimentos sociais e das greves dos trabalhadores contra a carestia (falta de alimentos), ocorridas em 1917 por todo o país, o governo brasileiro criou o Comissariado de Alimentação Pública, que tinha amplos poderes para tabelar preços e controlar estoques dos produtos de primeira necessidade. Nessa visão, era apenas a produção e o preço dos alimentos que precisavam ser controlados para que a fome fosse solucionada. A medida teve muita resistência dos grandes produtores rurais e comerciantes e não conseguiu operar da forma como foi orquestrada, não conseguindo sequer organizar uma tabela de preços. O Comissariado foi extinto em 1920, dando lugar à Superintendência de Abastecimento, que passou a ser um órgão de fomento às classes produtoras, privilegiando os grandes agricultores para exportação.³⁹

A grande transformação nas políticas públicas quanto ao enfrentamento da fome ocorreu na redemocratização do Brasil, quando se evidenciou que não se devia encarar a fome como uma crise, surto esporádicos em decorrência de processos naturais, mas como uma lógica sistêmica e nocivamente estruturada na sociedade. Todavia, mesmo com a tomada de consciência, o governo eleito em pleito democrático, que teve como presidente Fernando Collor de Mello, se encontrou imerso em escândalos e um destes era a denúncia sobre corrupção e desvios de verbas, o que levou à “CPI da fome”, em 1991. Segundo o relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito, o objetivo era “examinar as causas da fome e a iminente ameaça à Segurança Alimentar”. A comissão concluiu que a causa da fome era a má distribuição de renda, somada ao problema do campo e da falta de apoio ao trabalhador rural e, por consequência, à agricultura familiar. No seu relatório final, a CPI da Fome concluiu que “a solução definitiva do problema da fome no Brasil passa necessariamente por uma mudança do modelo econômico (...). Tal modelo demanda uma nova estrutura fundiária, eis porque uma ampla e radical reforma agrária se faz imperativa”. Entremeados a esse escândalo, movimentos da sociedade

³⁹ SEFRAS, Ação social Franciscana, p. 23.

civil, tais como as Comunidades Eclesiais de Base, as pastorais da terra, a Ação Cidadania, movimentos de trabalhadores rurais e urbanos e a organização do Governo Paralelo, criado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 1991, foram preponderantes para a implementação da Política Nacional de Segurança Alimentar.

Tais iniciativas fomentaram a elaboração de uma proposta de Política Nacional de Segurança Alimentar, nas bases do que tinha sido proposto pelo próprio Governo Federal em 1986. Tornada um objetivo dessa mobilização e posteriormente do governo, essa proposta tinha como questão central orientar as políticas de produção agroalimentar, comercialização, distribuição e consumo de alimentos com uma perspectiva de descentralização e diferenciação regional. Em paralelo, ocorreriam as ações emergenciais contra a fome.⁴⁰

A partir de então, iniciou-se no país um compromisso maior com a realidade da fome que afetava grande parte da população, e não com a caricaturesca necessidade que sustenta e corresponde apenas a classe abastada da sociedade. Em 1993, foi criado o Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA) composto de nove ministros e vinte e um representantes da sociedade civil, que inaugurou o Plano de Combate à Fome e à Miséria. Os governos que se seguiram readequaram as instituições, mas mantiveram o compromisso no combate à fome e ao decréscimo da Insegurança Alimentar.

O governo Bolsonaro realizou sistematicamente um desmonte em diversas áreas na ânsia de cumprir sua estratégia de diminuição do Estado e, conseqüentemente, diversos âmbitos da sociedade foram atingidos – como, por exemplo, entre 2019 e 2022, o orçamento da Saúde, retirando os gastos com a Covid-19, diminuiu 8% em termos reais, apesar das demandas reprimidas e do aumento da população. É um valor que corresponde a R\$ 12 bilhões a menos para a área, que já vinha sofrendo problema crônico de falta de recursos imposto pelo teto de gastos. Quanto à Educação, houve um vertiginoso decréscimo, passando de 131 bilhões em 2019 para 127 bilhões em 2022. Na área ambiental, a queda no quadriênio foi de 17% em termos reais, pois em 2019 a execução financeira foi de R\$ 3,3 bilhões, passando para R\$ 2,7 bilhões em 2022.⁴¹

⁴⁰ SEFRAS, Ação social Franciscana, p. 31.

⁴¹ Os quatros anos de governo Bolsonaro se mostraram desastrosos e com investimentos abaixo do esperado em áreas como educação e meio ambiente. (BEGHIN, N. Depois do desmonte, reconstruir.)

A expressão mais perversa dessa deterioração governamental é o iminente e consequente retorno da fome, flagelo que havia sido superado em 2014. O número de 33 milhões de pessoas que não têm o que comer não é compatível com uma economia do porte da do Brasil. Na contrapartida, essa tal “diminuição do Estado” e suas políticas sociais desumanizadas, em que não se mediu esforços para a aprovação do orçamento secreto, um mecanismo que permitiu ao relator do orçamento destinar verbas a parlamentares das bases de Bolsonaro e de Lira, presidente da Câmara. O instrumento, inaugurado em 2020, gastou mais de R\$ 30 bilhões no triênio 2020 a 2023.⁴²

Qual país esse cenário propagador de fome nos fez herdar? Qual a realidade para o enfrentamento da fome no mundo (pós) pandêmico?

2.3.1 Indicadores de insegurança alimentar

Segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN), o número de domicílios com moradores passando fome saltou de 9% (19,1 milhões de pessoas) em 2021 para 15,5% (33,1 milhões de pessoas) em 2022. São 14 milhões de novos brasileiros/as em situação de fome em pouco mais de um ano.⁴³

A pesquisa ainda constatou que o Norte e o Nordeste de nosso país são as regiões mais afetadas, enquanto de forma geral no Brasil temos 15,5% dos domicílios com pessoas passando fome, no Norte esse índice sobe para 25,7%, e no Nordeste, 21%. A fome de forma generalizada retornou ao patamar dos anos 1990. As pessoas que mais sofrem com essa condição são as mulheres que chefiam suas famílias e as pessoas pretas. Cerca de 6 em cada 10 domicílios cujos responsáveis se identificam como pretos ou pardos vivem em algum grau de insegurança alimentar. O absurdo diante desses pontos alarmantes é a constatação do atual desmonte de políticas públicas, uma piora na crise econômica e, consequentemente, o aumento das desigualdades sociais.

⁴² SCHREIBER, M., O que é o “Orçamento Secreto” e porque virou arma eleitoral contra Bolsonaro.

⁴³ Segundo os dados relacionados no site Olhe para a fome, cujo intuito segunda a própria organização é de lembrar que cada número absoluto representa a vida de uma pessoa. E que mudanças em percentuais de insegurança alimentar – ainda que pareçam pequenas – significam milhões de pessoas convivendo cotidianamente com a fome. (OLHE PARA A FOME. A fome e a insegurança alimentar avançam em todo o Brasil.)

Há indicadores que examinam o grau de insegurança alimentar – que é medido pela classificação denominada por Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA) –, determinando três graus de insegurança: a Leve, a Moderada ou a Grave. Respectivamente, de acordo com essa escala, o que se considera como Leve é a preocupação ou incerteza quanto ao acesso aos alimentos no futuro, qualidade inadequada dos alimentos resultante de estratégias que visam não comprometer a quantidade de alimentos. Quanto à Moderada, seria a redução quantitativa de alimentos entre os adultos e/ou ruptura nos padrões de alimentação resultante da falta de alimentos entre os adultos; e a Grave, uma redução quantitativa de alimentos também entre as crianças, ou seja, ruptura nos padrões de alimentação resultante da falta de alimentos entre todos os moradores, incluindo as crianças. Nessa situação, a fome passa a ser uma experiência vivida em diversos domicílios país a fora. A partir da Escala Brasileira de Insegurança Alimentar, podemos mensurar a fome com os seguintes parâmetros: 41,3% vivem em Segurança Alimentar, 28% em Insegurança Alimentar Leve, 15,2% em Insegurança Alimentar Moderada e, por fim, 15,5% em Insegurança Alimentar Grave. De acordo com o último censo realizado, o Brasil tem 214,3 milhões de pessoas, portanto, os dados denunciam que mais da metade, 125,2 milhões de pessoas, vivem com algum grau de insegurança alimentar. Constata-se que há 15,5%, o que corresponde a 33,1 milhões de pessoas, passando fome no país.

Para o entendimento do amplo cenário e como resposta às realidades prementes e recorrentes no país, em 15 de setembro de 2006 foi sancionada a Lei nº 11.346, Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional, que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN). No artigo 3º das Disposições Gerais, subscreve que:

A Segurança Alimentar e Nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambientais, cultural, econômica e socialmente sustentáveis (Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional. Art. 3º).⁴⁴

⁴⁴ SISAN, Lei 11.346, art. 3º.

2.3.2

Algumas medidas para gerar segurança alimentar

Diante dos desafios para assegurar alimento e nutrição às pessoas, é de comum acordo tanto para a Declaração do Fórum Mundial sobre soberania alimentar quanto para o Programa Mundial de Alimentos (PMA) da Organização das Nações Unidas (ONU), a importância dos pequenos agricultores e da agricultura familiar, demonstrando que os alimentos não são uma mercadoria a mais e que o sistema alimentar não pode ser tratado como a única lógica do mercado. Conseqüentemente, denunciam a imposição da agricultura e da pesca industrial intensivas de grande escala, já que na lógica da exploração do mercado, as agriculturas familiares e indígenas e a pesca artesanal são ineficientes e incapazes de responder às necessidades crescentes de produção de alimentos. Contrariamente, os órgãos supracitados incentivam e promovem o progresso da agricultura familiar, pois são gerados, a partir dela, emprego e renda no campo, movimentando assim a economia local, garantindo os subsídios e o alimento necessário para seu próprio consumo, como também a comercialização para as cidades, resultando na soberania alimentar.

Na empreitada de gerar a segurança alimentar, uma das organizações mais comprometidas no combate à fome e a estabilidade alimentar em nosso país desde o ano 1993 é a Ação Cidadania, fundada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. Esse organismo forma uma imensa rede de mobilização de alcance nacional focada em ajudar brasileiros que estão abaixo da linha da pobreza.

Com os constantes desafios encarados ano após ano, em 2020, na proximidade das eleições municipais, e, desejando tratar o problema nas microrrealidades políticas para assim alcançar as macros, as de nível federal, a Ação Cidadania propôs a Agenda Betinho, um documento que se opunha ao discurso dos interesses do agronegócio que se sobrepõem à produção agroecológica dos povos indígenas, comunidades tradicionais, quilombolas e assentamentos, propondo então a priorização das políticas municipais como forma de erguer a soberania e acesso alimentar a todos seus munícipes. Dentre alguns pontos, seguem as 13 medidas prioritárias:

1. Elaborar o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) municipal para comprar alimentos da agricultura familiar e distribuir para famílias em situação de insegurança alimentar por meio de organizações da sociedade civil (movimentos

sociais, instituições beneficentes, associações de moradores, ONGs, coletivos e outros) e equipamentos públicos (bancos de alimentos, cozinhas comunitárias e restaurantes populares); 2. Suprir no mínimo 30% da demanda da merenda da Rede Pública de Ensino por meio da aquisição de alimentos produzidos pela Agricultura Familiar e, assim, cumprir com o que determina a Lei nº 11.947/2009 referente ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE); 3. Apoiar o desenvolvimento do importante papel da agricultura familiar no município, garantindo condições básicas para sustentabilidade de suas ações, como: acesso à água para o plantio, assistência técnica, transporte e capacitação aos agricultores e agricultoras familiares de áreas rurais, urbanas e periurbanas; 4. Criar leis de incentivo fiscal a restaurantes e estabelecimentos comerciais que utilizem ou comercializem alimentos da agricultura familiar; 5. Implementar a Reforma Agrária municipal. As prefeituras devem realizar desapropriações baseadas no critério de interesse social (Lei nº 4.132/1962) e com pagamento em espécie para realizar uma reforma agrária, que cumpra a missão de viabilizar a função social das propriedades (art. 170, III da Constituição); 6. Criação e fortalecimento de feiras em espaços públicos para favorecer os circuitos curtos de comercialização dos alimentos produzidos pela agricultura familiar; 7. Criar e/ou ampliar a política de hortas urbanas, com ampliação de áreas cultiváveis, incentivando a agricultura urbana e periurbana; 8. Incentivar e fortalecer os Bancos de Sementes Crioulas, que foram e vêm sendo cultivadas e multiplicadas por famílias agricultoras desde seus antepassados, sem terem passado por processos industriais de melhoramento vegetal, contribuindo para conservação da biodiversidade; 9. Combater o uso e o consumo de agrotóxicos segundo as diretrizes do Programa Nacional de Redução de Agrotóxicos (PRONARA) por meio da criação e fortalecimento de leis municipais; 10. Substituir o direcionamento de incentivos fiscais municipais para produção/comercialização de agrotóxicos para incentivos fiscais direcionados à agricultura familiar e agroecologia; 11. Criar linhas de crédito subsidiadas para os pequenos produtores; 12. Fortalecer a economia solidária, inclusive de bancos e cooperativas populares para crédito a pequenos agricultores; 13. Criar um fundo municipal de desenvolvimento agrário sustentável.⁴⁵

A pobreza ganha espaço, anuncia sua chegada, ocupa os espaços e agrega mais territórios em suas estatísticas. É ocasionada pelos conglomerados compostos dos entraves provocados não apenas pelos senhores do agronegócio, mas também devido ao crescimento vertiginoso e grave da insegurança alimentar e os retrocessos das políticas públicas que o país enfrenta nos últimos anos. O pobre é percebido não como o necessitado de cuidado, que tem seu corpo arremessado na estrada de Samaria, mas sim como o incômodo, o problema que não deveria interferir na caminhada cotidiana dos baluartes do progresso.

⁴⁵ AÇÃO CIDADANIA, Agenda Betinho 2020, p. 19-20.

2.4

Desemprego: herança da pandemia à sociedade (pós) pandêmica

Para se considerar os dados sobre o desemprego, precisaremos entender qual a metodologia é utilizada para essa estatística. Em primeira instância, será necessário identificar o que é desemprego – simplificadaamente, uma pessoa desempregada é aquela pessoa com idade para trabalhar (acima dos 14 anos), e que não encontra um posicionamento no mercado de trabalho, apesar de estar disponível e em busca de ocupação. Há algumas pessoas que, apesar de não possuírem empregos, não são consideradas desempregadas: o universitário que dedica seu tempo somente aos estudos, a dona de casa que não trabalha fora, a empreendedora que possui seu próprio negócio. Nesses exemplos, os dois primeiros casos são pessoas consideradas fora da força de trabalho, já o caso da empreendedora é relacionado como uma ocupação – esses, portanto, são alguns que não prefiguram nos dados.

Com o intuito de situar os dados nas políticas governamentais dos últimos anos, seguem algumas considerações pertinentes. Em 2003, no primeiro ano do governo Lula (PT), a taxa média de desocupados era de 12,4%, segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), metodologia usada à época pelo IBGE. Em 2015, esse índice foi reduzido para 6,8%, representando uma queda de 45%. No governo de Michel Temer (MDB), pouco mais de dois anos após o golpe parlamentar que tirou Dilma (PT) da presidência da República, o Brasil registrou desemprego de 11,7% da população. Dois anos depois, já com Jair Bolsonaro (PL), na metade de seu mandato, a taxa atingiu 14,2%, com queda para 11,1% no último trimestre de 2021. Nesse mesmo período, o desemprego entre a população de 18 a 24 anos chegou a 22,8%.⁴⁶

A falta de políticas de empregabilidade no governo Jair Bolsonaro (PL) e a chamada reforma trabalhista de Michel Temer (MDB), que flexibilizou leis trabalhistas e prometia gerar mais empregos, foram responsáveis por mais desempregados.

⁴⁶ O governo Bolsonaro obteve os piores índices de desemprego se comparado aos últimos 13 anos de governo petista. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/21/taxa-de-desemprego-dobrou-na-gestao-de-bolsonaro-em-relacao-a-governos-petistas-aponta-0acentuada> (21 de setembro de 2022). Acesso em: 5 dez 2023.

Ainda considerando os dados coletados e análise de terminologia, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, PNAD Contínua, pesquisa atualmente realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que apresenta quantos desempregados há no Brasil, assinala que o que é conhecido popularmente como “desemprego” aparece no conceito de “desocupação”. Os dados com as divisões de trabalho do mercado de trabalho no 2º trimestre de 2023 seguem da seguinte forma: 98.910 milhões pessoas ocupadas, 40.801 milhões pessoas que se encontram abaixo da idade de trabalhar, 67.051 milhões pessoas fora da força de trabalho e, por fim, 8.647 milhões pessoas que estão desocupadas.⁴⁷ Os números levantados assustam e demonstram a quantidade de pessoas que carecem dos benefícios dos programas sociais para conseguirem sobreviver dentro das suas necessidades prementes. Entretanto, precisamos salientar que o recebimento de algum benefício de programas sociais, como por exemplo: bolsa família, benefício de prestação continuada (BPC), seguro desemprego etc, não tem correlação direta com a ocupação ou desocupação. Esses beneficiários, por exemplo, podem ser classificados como parte da força de trabalho (como ocupados ou desocupados) ou estarem fora da força de trabalho. Pode ocorrer de beneficiários do programa seguro-desemprego estarem trabalhando na informalidade (por exemplo, trabalhando como motorista de aplicativo ou no comércio ambulante), e dessa forma serão classificados como “ocupados”.

A questão que urge é como solucionar o problema do desemprego no país? Um problema acentuado e que tem implicações nocivas e destrutivas em diversos lares país a fora. Como um vírus bem-sucedido em corpos com baixa imunidade, causada pela desesperança de se recolocar no mercado do trabalho. A doença de longa data foi debatida por diversos pensadores da economia, dentre eles destacam-se Marx, Kalecki e Keynes, autores renomados que viam o desemprego, acima de tudo, como um problema político.

Causas diversas podem engrossar a lista das justificativas das desocupações, dentre elas podemos destacar a ideologia neoliberal que, normalmente, aponta o próprio candidato ao trabalho como culpado de sua desocupação.

⁴⁷ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) contabilizou 8,5 milhões de desempregados em 2023, 17,6% inferior ao observado um ano antes, segundo a Pnad Contínua, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2024/01/31/desempregados-somam-85-milhoes-em-2023-queda-de-176percent-mostra-ibge.ghtml> (31 de janeiro de 2024). Acesso em: 4 fev 2024.

Num nível mais primário, ouve-se a alegação de que o trabalho existe, o trabalhador é que não tem disposição para ocupá-lo, seja por preguiça pura e simples, seja por não aceitar o preço a ser pago pelo seu trabalho. Mas tem também um nível mais sofisticado de raciocínio. Neste nível, o problema do desemprego para a ser uma questão de não empregabilidade, ou seja, as vagas existiriam, mas os trabalhadores, de um modo geral, não estariam devidamente qualificados para seu preenchimento. Então o treinamento e a requalificação passam a ser a solução primária do desemprego.⁴⁸

A meritocracia entra em cena e de forma reducionista encaixa todos como partindo da mesma linha na corrida para o mercado, e rebaixam o problema do desemprego a uma má vontade dos trabalhadores. Na perspectiva dos economistas liberais, o mercado de trabalho, por sua livre e espontânea atuação, conseguiria atingir um equilíbrio entre oferta e demanda de trabalho. O desemprego só existiria se fosse “voluntário”, ou seja, se os trabalhadores se recusassem a terem seus salários diminuídos, por isso, há uma categórica aversão dos economistas liberais aos sindicatos, já que nesta visão de mundo não poderia existir um instrumento regulador e protetor dos direitos do trabalhador. Para eles, a intervenção do governo neste mercado não faz sentido, e na verdade, só atrapalha.

Quando o poder público assume a teoria neoliberal como solução para o desemprego, ignora que aquilo que é funcional e eficaz para uma administração privada não vale necessariamente para a administração pública. Quanto à diminuição salarial, para a administração privada, salários mais baixos reduzem custos, aumentam margens de custo, bem como a competitividade e, podem, até mesmo, gerar novos empregos, se, porventura, o dono do empreendimento não acumular funções ao seu resumido grupo de “colaboradores”, com pífios acréscimos salariais comparado à proporção de funções acumuladas. Entretanto, o impacto econômico de tal decisão será exponencial, pois se ganham menos, compram menos, o que retorna para o mercado, pois vendem menos e produzem menos, diminuindo assim a massa de lucro da economia e, num efeito rebote, a partir de tal cenário, aumentam-se os custos, diminui-se a competitividade e, assim, aumenta o desemprego. Portanto, a lógica privada é simplista e atenderia, até certo momento, os interesses de sua oligarquia empresarial, e não as necessidades públicas.

⁴⁸ REINERT, J., Desemprego: causas, consequências e possíveis soluções, p.45.

Destacamos ainda sobre a relação do neoliberalismo e suas implicações sobre o mercado de trabalho outros apontamentos, tais como a perspectiva que esta teoria tem a respeito da flexibilização do mercado de trabalho, já que as políticas neoliberais frequentemente promovem a flexibilização das leis trabalhistas e isso pode resultar em uma maior facilidade para as empresas contratarem e demitirem trabalhadores. Isso pode levar a uma maior incerteza no emprego e a taxas mais altas de desemprego estrutural. Outro ponto é a redução dos gastos públicos e austeridade, em que há a defesa da redução dos gastos públicos e a adoção de medidas de austeridade fiscal. Isso pode resultar em cortes nos programas sociais, redução dos investimentos em educação e treinamento profissional, e enfraquecimento dos sistemas de proteção social – o que pode aumentar o desemprego e a exclusão social. Um terceiro aspecto que elencamos aqui é a privatização e desregulamentação. No ensejo de privatizar de empresas estatais e a desregulamentar setores-chave da economia, há um encaminhamento da concentração de poder econômico nas mãos de poucos atores e diminuição das oportunidades de emprego para a população em geral. Em última instância, salientamos o impacto sobre a economia global, em que as políticas neoliberais muitas vezes incentivam a abertura dos mercados nacionais ao comércio internacional e ao investimento estrangeiro. Embora isso possa trazer benefícios econômicos, também pode levar à competição desleal, perda de empregos em setores vulneráveis e aumento do desemprego estrutural.⁴⁹

Em resumo, a relação entre neoliberalismo e desemprego é multifacetada e contestada. Embora algumas das políticas associadas ao neoliberalismo possam aparentemente ter efeitos positivos na economia, os malefícios são legítimos e apontam para seu impacto negativo no emprego, na segurança econômica e na coesão social.

O desemprego apresenta uma série de implicações que afetam não apenas os indivíduos desempregados, mas também suas famílias, comunidades e a economia como um todo. O legado deixado para um mundo (pós) pandêmico, que reverbera rupturas e cisões com as estruturas anteriores, precisa levar em conta apontamentos importantes dessas implicações, pois a situação não afeta apenas o cenário econômico, mas afeta o indivíduo na sua relação consigo e com os seus. Há um

⁴⁹ BEZERRA, A., O Desemprego e as políticas de emprego, trabalho e renda no Brasil contemporâneo, p. 106.

aumento de estresse e afetações na saúde mental, depressão e ansiedade são alguns desses sintomas, dentre outros, como a pressão financeira e a perda de identidade e autoestima associadas ao trabalho. As relações familiares e sociais podem ser afetadas causando tensão e conflito dentro das famílias e isolamento social para os indivíduos desempregados. Isso pode resultar em problemas de relacionamento, divórcio e dificuldades de integração social. Múltiplas consequências em diversos âmbitos podem atingir o indivíduo que se percebe refém de um sistema que detém sua força de trabalho e a descarta sem querer mensurar as amplas consequências de suas afetações.

Temos um grande desafio pela frente diante do cenário do desemprego e suas implicações econômicas e sociais, bem como suas consequências emocionais e relacionais. Há de se manifestar uma esperança em tempos (pós) pandêmicos ao ser humano na sua integralidade?

2.5

O que esperar para um mundo (pós) pandêmico?

A propagação do vírus da indiferença é amplificada, resoluta e, irresponsavelmente, a pandemia do caos desordena e destrutura indivíduos e famílias, fazendo ecoar as vozes de homens e mulheres desesperançados e carentes por serem ouvidos e percebidos. Há esperança para tão grande repercussão desta pandemia que desumaniza e descarta os seres? A experiência de dor e desamparo sentida por um jovem alemão, prisioneiro de guerra, traz alento a esses tempos:

Quando li o grito de Jesus ao morrer: “Meu Deus, por que me abandonaste?”, soube com certeza: está ali o único que me compreende. Comecei a compreender o Cristo atribulado, porque sentia que era compreendido por ele: o irmão divino na aflição, que leva consigo os cativos em seu caminho para a ressurreição. Recobrei o ânimo de viver. Fui tomado de uma grande esperança.⁵⁰

Nossa proposta consistiu em apresentar o mundo que herdamos pós-pandemia e diante de todos os desafios aqui mencionados, desde o perímetro da desinformação que proveu desamparos ao nosso povo que carecia de esperança diante das incertezas de um mundo pandêmico como também perante os fracassos no combate ao vírus de uma doença, do desmatamento, da fome, da pobreza e do desemprego, propor o questionamento: O que podemos esperar? Será que é possível

⁵⁰ MOLTSMANN, J., A fonte da vida, p. 12-13

esperar algo distante da realidade vigente e que se instalou nos últimos anos entre nós?

Um cenário de incertezas e de profundas máculas insistem em ampliar seu contexto pandêmico e de morbidez. Diante do que foi apresentado até o presente momento, não é de se esperar um legado com cenas positivas e vislumbres de novas realidades. Herdamos um mundo com disputas de narrativas em que muitas delas estavam em busca da manutenção do seu projeto de poder pessoal. As artimanhas mais pérfidas e desumanas foram utilizadas nesse processo, causando uma histeria social, um medo aterrador de viver e manter a esperança na vida, bem como os distanciamentos provocados não por uma orientação sanitária, mas sim aqueles que apartaram familiares pelas diferenças ideológicas.

O mundo pandêmico se mostrou preocupado com objetos e não sujeitos, empreendimentos privados assumiram a dianteira da vida do indivíduo, herdamos a indiferença nas relações e o descaso pela vida e no cuidado pelo outro. Os noticiários sobejaram de estatísticas que proferiram a frieza, indivíduos engrossavam a lista que nutria o medo e abafavam as expectativas de uma nova realidade assumir as pautas diárias. As incertezas ante o saciar das necessidades básicas do ser humano, o titubear diante do tratamento eficaz, já que os bombardeios de informações anticientíficas tiveram protagonismo e *status* de verdade absoluta. O mundo de desemprego, fome, consumismo desenfreado, apatia e destruição da Terra.

Com tudo o que foi levantado até aqui em nossa pesquisa, queremos demonstrar como os sinais da esperança para um mundo (pós) pandêmico podem ser vislumbrados a partir da desafiadora e comprometedora escatologia de Jurgen Moltmann. Um mundo possível ante o engajamento de uma sociedade que, imersa nas suas realidades, encontra, na Promessa do Reino de Deus, um horizonte que emerge com o vitalismo da ressurreição e revigora as forças aos cansados e desesperançados, anunciando a proximidade da terra prometida.

No próximo capítulo, veremos apontamentos de uma apocalíptica refém do discurso caótico, realizaremos uma interlocução entre Moltmann e Ernst Bloch, o filósofo da esperança, como também algumas direções prévias a respeito da escatologia moltmanniana.

3

Jürgen Moltmann e sua contribuição escatológica

A empreitada do capítulo anterior se esforçou em apresentar um cenário de caos e desordem a partir dos dados coletados. A pandemia do Covid-19 ampliou a discussão a respeito de tantas pandemias que se alastravam em setores distintos da sociedade e nos mais diversos pontos do mundo. O mundo pandêmico apresentou um orbe de falsas notícias que serviam a uma política partidária que ansiava uma longa estadia de seu projeto de poder, há uma pandemia no descaso com terra, economicamente o país se viu tomado de altos índices de desemprego e os níveis de insegurança alimentar foram alarmantes.

Apontados os dados desse mundo imerso numa ambiência pandêmica, há uma carência de contribuições que sinalizem caminhos e novos horizontes, portanto, neste capítulo, num primeiro momento, sinalizaremos as respostas que proveram descaminhos e mais caos ao universo apresentado, como foi o caso dos profetas apocalípticos com sua escatologia derrotista e eivada de pessimismo, arvorando palavras que conduzem ao medo.

Na contrapartida, pontuaremos os sinais que visam a construção e o enlevo do mundo (pós) pandêmico e, para tanto, partiremos da filosofia da esperança de Ernst Bloch e sua contribuição para a escatologia de Moltmann, que ora provê uma vitalidade e irradia esperança para o mundo (pós) pandêmico. O pensamento de Bloch será brevemente apresentado e nos deteremos nos apontamentos que servirão à escatologia de Moltmann – nosso intuito é promover o intercâmbio e o diálogo como também as divergências desses dois autores, para assim, partir de Moltmann em direção a esperanças motoras de um mundo imerso em desordens, desilusões e descasos.

3.1

Escatologia: problematização do conceito

O horizonte apocalíptico sempre habitou o imaginário humano, sobretudo quando o mundo é abatido por cataclismos naturais, econômicos, sociais etc. À espreita desses cenários catastróficos estão os profetas do caos que incitam pavor na humanidade, que, já afligida pelo que ocorre em seu entorno, ainda se percebe

às voltas perante o anúncio de fim do mundo. Sobejam as prédicas que assumem essa vertente em diversos púlpitos que, por sua vez, não se detêm ao reduto das suas quatro paredes, mas atravessam, via mídias sociais, o mundo abarcado pelo medo de um apocalipse. Não apenas ouvem, mas se prendem aos tais anúncios, ataviados ao pavor de um mundo que está chegando ao seu fim.

A escatologia com tons drásticos e caóticos se tornou um discurso vendável e de produção em grande escala. Nessa abordagem, dentre alguns fatores, está a forma que encara a religião que provê um poder controlador e manipulador na trajetória humana, provoca histeria, medo, culpa, ressentimento e tantos outros aprisionamentos que se distanciam do que originariamente foi anunciado na boa notícia do Reino de Deus. Embora haja vozes que destoem do discurso dia-bólico, aquele que visa distanciar e separar os indivíduos da esperança, os palanques do terror causam impacto e atraem uma multidão ensandecida por teorias conspiratórias.

O caos assume histórias e se promove a chave hermenêutica, os que dele se utilizam o fazem de forma primorosa e cirúrgica, ou seja, sabem muito bem como afetar e potencializar as dores e temores do mundo. Com o medo instaurado, nascem as verdades absolutas, os dogmas irrevogáveis. O fundamentalismo que engessa a vida para seus asseclas, entretanto, apenas configura o que fora denunciado no passado: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque bloqueais o Reino dos Céus diante dos homens! Pois vós mesmos não entrais, nem deixais entrar os que querem fazê-lo!” (Mt 23,13).

A respeito dessa mercantilização, o teólogo norte-americano Helmut Richard Niebuhr nos alerta para as diferenças entre fé e a religião, e que deveriam passar por diante dos nossos olhos a forma como a escatologia é tratada nos meandros fundamentalistas.

É necessário distinguir religião, canga e instrumento de dominação, de Evangelho – mensagem de libertação dos cativos; distinguir entre fé, resposta positiva ao ato de libertação, e cultura – meio através do qual ela se deve expressar. É necessário superar definitivamente conceitos absurdos como o de uma “fé religiosa”, pois fé e religião são inconciliáveis. Uma só pode subsistir com o sufocamento da outra. A fé é a semente fértil. A religião é a semente esterilizada que pode servir para comer ou para o comércio. A fé é o futuro. A religião é o apego ao passado, à segurança, ao status quo, muitas vezes feita em nome do futuro, e quase sempre feita em benefício dos comerciantes. A fé é o desapego dos que aguardam a madrugada e não perdem

tempo olhando para trás. A fé é a loucura, a audácia. A religião é a prudência, o instinto de conservação.⁵¹

A religião, por definição, tem como princípio fundamental gerar mecanismos que possibilitassem encontros, uma pedagogia que facilitasse a compreensão do mistério e do sagrado, construísse pontes de acesso e mediação entre Deus e a humanidade, entre homens e mulheres. Todavia, no decorrer do tempo, a religião engessou de tal forma os processos que sufocou e extinguiu a fluidez do sagrado. Enclausurando o divino, desfavoreceu seu entorno carente de respostas aos seus vazios existenciais, e no desejo de reencontrar-se consigo mesmo, perdeu-se, e nesse desencontro também perdeu o outro de vista.

Eu penso, todavia, que faz parte do acolhimento recíproco, a própria libertação. Só se pode acolher a uma pessoa quando se está liberto de tudo que o oprime e aliena. Isto é, tudo o que torna aos próprios olhos pequeno, feio e sem valor. Acolham uns aos outros. Isso pressupõem que tenhamos achado a nossa independência, autoconfiança e dignidade, por isso, agimos com liberdade e, por meio do acolhimento recíproco, doamos liberdade aos outros. Somente quem achou a si mesmo pode acolher a outra pessoa sem oprimi-la e sem se tornar um fardo.⁵²

No outro, onde se enlaçaria, já que o ser humano é um nó de relações, desgarrou-se. Ao se perder do outro, acreditou que deveria submetê-lo. Quando não se propõe conhecer quem está diante dos olhos, quando não há inteireza no contato e abertura para saber quem se é e receber o que o outro tem a doar, quando essas cenas não estão abertas no ser, o desejo por controle será consequência. Na perspectiva do distanciamento, o outro é percebido como seu algoz, aquele que lhe traria perigos iminentes, por isso, constroem-se caminhos de conservação.

3.1.1 Do instinto criativo ao da conservação

Qualquer instinto de conservação, por sua vez, privará o ser humano do seu correspondente criativo. Quando, no relato do Gênesis, o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, as palavras correspondentes a essa criação são *betsalmênu* (à nossa imagem) – esta é uma expressão referente ao intelecto, à capacidade mental – e *Kidmutênu* (com a nossa semelhança), que, por sua vez, refere-se a características comportamentais por meio das quais a criatura se

⁵¹ NIEBUHR, R., Cristo e Cultura, p.16.

⁵² MOLTSMANN, J., Diaconia no horizonte do Reino de Deus, p. 65.

assemelha a seu Criador⁵³. Logicamente, os termos “imagem e semelhança” não têm nenhuma conotação material ou de aparência física, mas intuitiva e operativa. Tal como o criador, a criatura feita à sua imagem e semelhança está inserida em um mundo que ela constrói, movimenta, realiza, mantém, revitaliza. Como cocriadores de uma realidade que lhes é imanente, não se pode prover sua destruição e nem se imagina uma possibilidade como esta. Os discursos apocalípticos caóticos da religião proliferam o medo e o caos, distanciam a humanidade, criando extensos e imponentes muros que separam a única possibilidade que nos faria humanos de verdade, isto é, a relação com o outro. Na escatologia fundamentalista e fatalista, há a eliminação do outro em detrimento dos seus próprios interesses. O diferente é sufocado pelos monólogos absolutistas, narcisisticamente se apaixona por seus dogmas e sua construção de mundo e tudo o mais é encarado como demoníaco e destituído de valor. Nessa empreitada de franca destruição, acarreta o abandono da terra, colidindo com a realidade criadora, entretanto, justifica seus atos em relação ao outro e à terra como expressão de seu instinto de conservação, de sobrevivência.

Com a premissa de instinto de sobrevivência, de conservação, de autopreservação, entram em cena pautas como o darwinismo social – sobrevive o mais apto, o capaz –, a meritocracia mostra seu jogo e sua face exclusivista e eliminatória, o forte e talentoso apoia o sistema capitalista, e o fraco e menos esforçado luta em prol do socialismo, o forte inventa artimanhas e mecanismos bélicos, o fraco, o ressentimento para preservá-lo. No seu caráter instintivo, obra a máxima que o ser humano deve ser suprido nas suas necessidades físicas, espirituais, sociais, econômicas, emocionais e, assim, tudo ficará em paz. Nessa proposta, os valores são apenas meios e a técnica vem em detrimento da ética. Os burocratas assumem o governo do mundo e realizam uma produção robótica e mecanicista que tenta se autorrealizar e é indiferente ao todo. Como em qualquer mecanismo de produção, o ser alienado não tem tempo para questionar suas rotinas degradantes e de autodestruição. Será esmagado pela roda do cotidiano que ora o conduz e outrora passara sobre seu corpo.

Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia, surge o “por quê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. “Começa”, isto é o importante. A

⁵³ ROSENBERG, R., Ensaio sobre a Torá, p. 32.

lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento.⁵⁴

Esse despertar definitivo que nos alerta o escritor francês Albert Camus é que nos fará voltar às origens criativas e dinâmicas do ser. A clausura da consciência nos faz ansiar pelo fim de tudo, criamos mecanismos de sobrevivência em um mundo de fardo pesado e jugo aterrador. O desejo pelo fim é iminente, enumeramos possibilidades para que isto ocorra, e, quando determinados cenários catastróficos são apresentados, retroalimentamos esses, justificando nossa mórbida vocação, um mundo em franca destruição se tornará o trampolim para um mundo além. Esse além-mundo, o platonizado mundo real, de belezas inconfundíveis. O mundo que justificaria as penosas desculpas para uma fuga de realidade. O paraíso anunciado nos escritos bíblicos se torna uma forma de fugir das responsabilidades regenerativas que nos competem para a realização um mundo melhor.

Uma escatologia fatalista justifica as pretensões de uma humanidade que se distancia da sua vocação criadora e que promoveria os sinais para uma restauração. Demonizar o mundo, querendo exorcizá-lo como ambiente hostil à experimentação de vida, diagnostica nossas incompetências no cuidado do que nos fora confiado, ao mundo o Gênesis relata: “ainda não tinha brotado nenhum arbusto no campo, e nenhuma planta havia germinado, porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e também não havia homem para cultivar o solo” (Gn 2,5).

3.1.2

Escatologia como esperança exclusivamente supraterrena

O Além-homem é o sentido da terra. Diga a vossa vontade: seja o Além-homem, o sentido da terra. Exorto-vos, meus irmãos, a permanecer fiéis à terra e a não acreditar naqueles que vos falam de esperanças supraterrêneas. São envenenadores, quer o saibam ou não. São menosprezadores da vida, moribundos que estão, por sua vez, envenenados, seres de quem a terra se encontra fatigada; vão-se por uma vez!⁵⁵

Como denunciado pelo Zaratustra de Nietzsche, há um franco e destacado investimento contra a terra e sua manutenção. A investida tresloucada dos pregadores, ensandecidos por seus discursos de ódio a tudo que veem, realiza mais

⁵⁴ CAMUS, A., O mito de Sísifo, p.27.

⁵⁵ NIETZSCHE, F., Assim falou Zaratustra, p. 19.

caos e menos comprometimento nas resoluções em favor da terra e das necessidades que nos circundam. A sociedade se absorveu numa marcha resoluta de autossabotagem, macula a terra, exaure suas forças e depois tenta lhe reivindicar os recursos que precisa para a manutenção de sua existência.

Um orbe de improváveis profetas se levanta, contra-argumentando as propostas de um mundo falido e em franca derrocada. Crer nesse mundo como possível não está na agenda religiosa, portanto, “as pedras clamaram”, as consciências de alguns se incomodam com os discursos que propagam um além-mundo como fuga de responsabilidade. Friedrich Nietzsche concede voz ao seu personagem Zaratustra para que esse anuncie a superação do humano tal como se apresenta, e, por sua vez, deveria ser encarado como uma ponte entre o animal e o anunciado “além-homem”.

Na perspectiva nietzschiana, o “além-homem”, será aqueles desprovido das amarras e justificativas metafísicas, como também desarraigado do ressentimento, da culpa, do vitimismo, do pessimismo que envereda o olhar e corrompe o mundo ao seu redor, chamado a ir além dos valores impostos. Com esse olhar de desprezo, a humanidade incorporou para si o que o cristianismo validou do platonismo, o corpo como prisão da alma, como aquilo que suja, que é pérfido e completamente pernicioso.

Noutros tempos a alma olhava o corpo com desdém, e então nada havia superior a esse desdém: queria a alma um corpo fraco, horrível, consumido de fome! Julgava deste modo libertar-se dele e da terra. Ó! Essa mesma alma era uma alma fraca, horrível e consumida, e para ela era um deleite a crueldade! Irmãos meus, dizei-me: que diz o vosso corpo da vossa alma? Não é a vossa alma, pobreza, imundície e conformidade lastimosa? O homem é um rio turvo. É preciso ser um mar para, sem se toldar, receber um rio turvo. Pois bem; eu vos anuncio o Além-homem; é ele esse mar; nele se pode abismar o vosso grande menosprezo.⁵⁶

Ao propor uma libertação do corpo e da terra, endossa aqui a escatologia da fuga, do caos, desesperançada de uma construção a partir de si e, portanto, passiva à espreita de algo dado como um presente que cai do céu. Tal como no relato do Gênesis, o ser humano é chamado a realizar junto, no Novo céu e na Nova terra, as implicações são as mesmas. Não há uma mudança de conjuntura, mas uma ratificação dos horizontes criativos.

⁵⁶ NIETZSCHE, F., Assim falou Zaratustra, p. 20.

Na superação da metafísica intransigente, onde mora a violência, entendendo que nem toda metafísica é violenta, mas que toda violência tem raízes metafísicas, a religiosidade vigente comprova isso. Esse ultrapassar de horizontes se faz necessário para que o humano, com uma mentalidade imanente, arraigada à terra e no vibrar por ela, que saúda sua recuperação e lhe promove vitalidade, que ouve a voz de Gaia e atentamente corresponde seu clamor, esse novo humano, nova criatura, gere a partir de si um novo ambiente.

Quando não há mudança de mentalidade, os problemas são transportados na mudança de endereço. Muitas pessoas enveredam enganosamente pela justificativa de que ao mudar de cidade, de emprego, de instituição conseguirão resolver seus horizontes de existência, entretanto, o pressuposto para instauração de uma nova realidade requer absorver e atender o imperativo do Cristo – “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho” (Mc 1,15). Para que uma nova realidade seja instaurada, é preciso uma mudança de mentalidade, arrependimento, conversão para novos horizontes e perspectivas.

Nessa superação do humano religioso que se pauta num anseio pela destruição da terra e pelo seu conseqüente desvincular dela, Moltmann nos alerta sobre os pontos escatológicos esquecidos por esse pensamento esquivo de responsabilidades e, porque não dizer, das potencialidades existentes no horizonte humano, já que a nova criatura se investe de uma mentalidade distinta daquela.

Na escatologia cristã sempre encontramos uma combinação de ambas as ideias: fim e começo, catástrofe e novo começo, despedida e saudação, pois a escatologia só pode ser considerada cristã se se orienta pelo evento do Êxodo de Israel e pelo acontecimento do Cristo. O cativo de Israel e a morte de Cristo são protótipos da catástrofe. A saída para a liberdade da Terra Prometida e a ressurreição para a vida eterna do mundo vindouro são protótipos do novo começo. O fim de Cristo na cruz não foi a coisa derradeira, mas se tornou seu verdadeiro início na ressurreição e no espírito que vivifica. O mistério dialético da escatologia cristã é, com uma frase de T.S. Eliot, “No fim está meu começo”.⁵⁷

Moltmann pontua de forma concisa e objetiva a escatologia cristã, não há uma entrega da esperança à catástrofe e nem segue à procura dela como se ela fosse a solução do mundo em que vivemos, todavia, há uma percepção dialética que refunda as perspectivas da esperança, onde fim e começo, catástrofe e novos começos se intercambiam e direcionam horizontes não estacionários. As esperanças que conduziram o povo de Israel em direção à Terra Prometida eram promovidas

⁵⁷ MOLTSMANN, J., *Ciência e Sabedoria*, p. 103.

pelo cativoiro ultrapassado, como, também, as esperanças que nutrem o vislumbre da ressurreição são o acento de uma morte que foi vencida. Essas realidades preenchem e movem o ser humano, munido de uma nova mentalidade, para a construção de uma nova terra. Desarraigados do pessimismo platônico do corpo e de uma apocalíptica que vê a cada adversidade enfrentada um acento para o fim desse mundo, o novo humano, que poderíamos entender como “além-humano” na perspectiva de seu desfazimento das atitudes irresponsáveis em relação a esse mundo e ao outro, como também, dos conceitos de dominação e detração que o distancia do engajamento, paralisado por não absorver a dialética fim-começo.

As críticas nietzschianas a respeito daqueles que proclamam “esperanças supraterestrres” e do discurso que alimentava uma alma que desdenhava o corpo são direcionadas àqueles que não concebem uma vivência imersa nesse mundo e estão numa constante fuga a um imaginário paradisíaco supra terreno. O término desse mundo é o envio dos “escolhidos” para outro “mundo” é a solução para eles. Entretanto, Moltmann nos aponta: “O “mundo futuro, novo, eterno. deve portanto ser a nova criação deste mundo que conhecemos”⁵⁸, não há fuga, mas um engajamento responsável.

Apesar do cenário apocalíptico fundamentalista de cunho fatalista e de desprezo, a terra assumir o protagonismo em diversas frentes, prédicas e pensamentos, o ciclo suave do Espírito que refrigera a alma, continua soprando às margens e constatamos isso quando Jürgen Moltmann apresenta, em 1964, seu livro *Teologia da Esperança*. Uma escatologia imersa na esperança de um Reino já e que tem como métrica o ainda não avançaria nos campos acadêmicos e iluminaria as mentes como uma pregação engajada no presente, tendo-o como um átomo da eternidade.

Nosso próximo passo será o de perceber onde a perspectiva de Moltmann passa a ser mediada, em um primeiro momento. pela filosofia da esperança do pensador marxista Ernst Bloch e, a partir da perspectiva bíblica do relato do Êxodo e do acontecimento do Cristo, inspirar ares de uma esperança que nos visita no presente e nos encaminha para um futuro modelado pela esperança. Uma religião que, conduzida pela esperança, provê ao mundo uma religião consigo mesmo, ao

⁵⁸ MOLTSMANN, J., Ciência e Sabedoria, p. 110.

se encontrar com Deus e o seu Reino e ao se unir à humanidade na construção e não detração da Terra e do outro.

3.2

Ernst Bloch: o contágio da esperança em Moltmann

Jürgen Moltmann assimilou para sua escatologia a temática da esperança, entretanto, esta foi provocada, inicialmente, não pelos circuitos religiosos, mas através do contato com o pensamento do filósofo neomarxista alemão Ernst Bloch. Bloch elaborou *O princípio esperança* entre 1938 e 1947, durante seu exílio nos Estados Unidos, e o revisou entre 1953 e 1959, quando ainda residia na antiga República Democrática Alemã. Uma obra que poderia ser considerada como uma biblioteca condensada em um compêndio de aproximadamente 1700 páginas, dividida em cinco partes que têm como tema "os sonhos de uma vida melhor", ou como ele próprio diz "uma enciclopédia da esperança". Esta obra começa com as indagações: "Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Que esperamos? O que nos espera?"⁵⁹.

3.2.1

Consciência da fome e desejo

Como fato primário em seus escritos, Ernst Bloch discute a raiz da esperança no fato comum do ser humano ter consciência de que tem fome. Algo que poderia ser considerado banal e improvável para o despertar filosófico, que, por vezes, discursa nos perímetros abstratos e metafísicos. Entretanto, como é próprio da reflexão marxista através do viés dialético, traz à tona preocupações inerentes ao chão que se pisa, às questões do cotidiano. A fome é um fenômeno universal e entendido a qualquer consciência. Na fome, o ser humano se projeta para fora da sua indiferença, já que não há a possibilidade de senti-la e ser apático. Ele não só padece de suas necessidades, mas tem consciência de suas necessidades. Através dessa necessidade, o ser se encontra diante das suas carências, da sua finitude e temporalidade, das suas impossibilidades perante o insaciável (todo dia precisa se alimentar).

⁵⁹ BLOCH, E., *O Princípio Esperança*, p.13.

Através da consciência da fome, um processo dinâmico e dialético se constitui, a consciência de uma carência, assim partimos da tomada de consciência para o efetivar da satisfação, passamos da carência à satisfação. Há aqui três passos que assumem o enredo: a tomada de consciência, da possibilidade e de um possível que constituem o processo do princípio de esperança.

A fome de pão denuncia as demais fomes que perpassam a existência humana. O ser humano tem fome de afetos, fome no intelecto, fome de beleza, fome sexual, fome na alma. O conjunto dessas fomes pode ser caracterizado como desejo. O ser humano é um animal de desejos, como nos diria o filósofo alemão Arthur Schopenhauer: “A base de todo o querer é necessidade, carência, logo, sofrimento, ao qual o homem está destinado originariamente pelo seu ser. Quando lhe falta o objeto do querer, retirados pela rápida e fácil satisfação, assaltam-lhe vazio e tédio aterradores”⁶⁰. O desejo expõe suas mais distintas carências, e nessa multiplicidade de faltas o ser se conscientiza dos preenchimentos possíveis.

3.2.2 Sonhos diurnos

A fome, o desejo e por fim, os sonhos diurnos. Nesse ponto, Bloch deixa evidente que não se trata dos sonhos noturnos, aqueles que a psicanálise, a partir de Freud, fez uso para identificar os desejos do inconsciente— por sinal, há uma clara e proposital distância entre Bloch e a psicanálise, este a percebia como uma interpretação individualista da existência humana, e percebia em Freud uma fascinação pelo pessimismo e uma visão trágica do mundo. O sonho noturno não tem relevância para Bloch, todavia os sonhos diurnos têm uma preponderância ímpar. No sonho diurno, há uma verdadeira fome psíquica se manifestando, necessidade que expõe o imaginativo, o ser humano com seus planos futuros e a promoção de dinâmicas que façam superar as adversidades presentes em seu cotidiano. Esses tais sonhos proveem a consciência antecipadora: a consciência da fome e o possível imaginário – os desejos e as imagens.

Quatro aspectos caracterizam essa forma de consciência esperançosa. O primeiro é que a demonstração que esses sonhos, como são provocados pela nossa vontade, estão ao alcance de nossa razão. O sonho se apresenta como uma técnica

⁶⁰ SCHOPENHAUER, A., *O Mundo Como Vontade e Representação*, p. 405.

que o ser possui para se distinguir do presente imediato e esboçar, de forma imaginária uma outra situação perante o caos apresentado no cotidiano. Como segundo aspecto, nota-se que, no sonho diurno, o Eu não é refém do inconsciente e foge do controle do portador da imaginação como no sonho noturno, mas na reflexão que tem sobre si, do seu imediato e dos seus possíveis, o Eu se torna interventor das ações sem os indesejáveis intermediários. No terceiro, reside a constatação de que nos sonhos diurnos estamos voltados para uma melhoria do nosso cotidiano, uma forma, portanto, de transcender o presente para o futuro. Nessa transcendência, o futuro influencia cabalmente o cenário do presente. Por fim, no quarto aspecto, nos sonhos diurnos aparece a primeira elaboração das expectativas; do mesmo modo que o sonho diurno supera o sonho noturno, assim a expectativa ultrapassa a aspiração e a esperança sistematiza as esperas.

3.2.3

Utopia: um lugar possível

Ernst Bloch argumentou que a esperança é uma força fundamental para a transformação social e que a utopia é uma necessidade humana. Bloch acreditava que a esperança é essencial para a luta contra a opressão e a busca por uma sociedade mais justa. Quando se trata de utopia, há a probabilidade de alguns se enveredarem pelo percurso da impossibilidade. Utopia como um não lugar. Partindo da semântica, o lugar aqui proposto não existiria, portanto, os descrentes dos mundos possíveis impossibilitam semanticamente um novo trajeto. Todavia, a utopia nada mais é do que um futuro que se abre diante dos olhos daqueles que nutrem um realismo permeado de vitalidade. Qualquer fala negativa a respeito da utopia diagnóstica, no portador do anúncio, alguém que decidiu se embrenhar pelo caminho do caos e de uma vida fadada a morte e destruição. Bloch afirma que “o homem é alguém que ainda tem muito pela frente. No seu trabalho e através dele, ele é constantemente remodelado. Ele está constantemente à frente, topando com limites que já não são mais limites; tomando consciência deles, ele os ultrapassa”⁶¹.

A utopia não envereda pelo caminho do otimismo alienante, aquele que subtrai o fator realidade da consciência, ludibriando as mentes com miragens. Caminhos que na verdade são descaminhos, pois levam ao nada, ao não ser, a mente

⁶¹ BLOCH, E., *O Princípio Esperança*, p. 243.

se desconecta do que lhe rodeia e se dirige a um idealismo que definha e mata aos poucos. No otimismo alienante, não há realizações, mas apenas espectadores. Homens e mulheres que se unem à espera de um mundo dado sem esforços, sem mãos postas à obra, sem entrega. Na contrapartida, utopia nunca seria pensada como um pessimismo degradante, aquele que promove desistência diante das adversidades apresentadas e das más notícias de um mundo perdido ou em falência. Utopia se reveste de um realismo que não ignora o mundo apresentado diante dos olhos, mas crê que o engajamento se compromete no instaurar de uma nova realidade.

Portanto, para Bloch, a esperança não é apenas uma mera expectativa otimista de um futuro melhor, mas sim uma força motriz que impulsiona as pessoas a agir e a buscar mudanças. Ele acreditava que a esperança é alimentada pelo desejo humano de liberdade, justiça e igualdade. Argumentou que a utopia, ou seja, a visão de um futuro ideal, é essencial para a esperança. Ele vê a utopia não como uma fantasia irrealista, mas como uma força que impele as pessoas a se moverem em direção a um futuro melhor. Ele acredita que a utopia é um anseio humano natural por um mundo sem exploração e opressão. Na utopia blochiana, conceito dialético e materialista, há um levante para a superação das contradições sociais e a realização dos desejos humanos. Utopia é o impulso inerente ao ser humano, a força motora que o conduz resolutamente à construção de uma sociedade melhor. Não é sonho irracional e irrealista, mas um projeto concreto e possível. Todavia, Bloch reconheceu que a esperança e a busca por uma utopia nem sempre são fáceis ou garantidas. Ele percebeu que as forças capitalistas e opressivas muitas vezes tentam suprimir a esperança das pessoas e manter o *status quo*, pois enquanto acreditassem em um universo estático e sem alterações, influenciado, inclusive, pelo entretenimento e pela cultura superficial produzida pela sociedade de mercado, mais alienadas estariam quanto às potências que emergem dentro de si em direção à vida.

A cultura da sociedade de mercado banaliza a utopia e alimenta os trajetos mórbidos da humanidade. A utopia baseia-se na ideia da esperança como motor da mudança e da transformação social. A esperança é a força que leva os indivíduos a lutar por um mundo melhor, a ultrapassar as contradições e os obstáculos que se interpõem no caminho da utopia.

Na utopia não residiria o misticismo, mas Bloch a situa como um dado da realidade. Cavalgando na esperança, a utopia se dirige rumo à construção de uma sociedade mais justa, um mundo que seja verdadeiramente a Casa comum.

Assim, a função utópica é a única transcendente que restou, e a única que é digna de permanecer: uma função transcendente sem transcendência. Seu esteio e correlato é o processo que ainda não resultou no seu conteúdo mais imanente, o qual está sempre a caminho de se realizar – logo, o qual existe, ele próprio, em esperança e em intuição objetiva do que-ainda-não-veio-a-ser como de algo que ainda-não-se-tornou-bom.⁶²

Portanto, a esperança é a condutora diante do cansaço produzido pelo cotidiano desanimador. Essa esperança não pode ser entendida como expectativa passiva de uma intervenção sobrenatural, vinda dos céus, ação da Providência divina, mas como o fator dinâmico da ação, que vê com insatisfação a passividade dos críticos do caos do mundo, esperança que é fonte da práxis e impregna cada ação, emoção e movimento da vida cotidiana.

3.2.4

Consciência antecipadora e consciência utópica

Como vimos anteriormente, a utopia não é abstração e alienação, não é fuga do real em detrimento dos desafios que este apresenta, mas é profundo e destacado engajamento do ser. Para Bloch, a utopia é o ultrapassamento do que nos é apresentado no curso natural dos acontecimentos. Nesse enveredar de uma consciência antecipatória, não se proporá ficar à espreita de um milagre, até porque a transcendência, no pensamento blochiano, não conduz à pessoa de Deus, mas provê, através da antecipação, uma atitude inconformada diante do cotidiano.

Aquilo que ainda é relativamente inconsciente, visto pelo seu outro lado, o lado voltado para a frente, não para trás. Para o lado de um novo cuja aurora se anuncia, do qual nunca antes se tivera consciência, e não, por exemplo, de algo esquecido, que pode ser lembrado como tendo sido reprimido ou arcaicamente submerso no subconsciente.⁶³

Como consciência antecipatória, pode-se entender aquela que influencia o comportamento sob forma simbólica. Voltada e orientada para o novo, sob a perspectiva do futuro e não para o passado esquecido ou reprimido no inconsciente. Passado que aprisiona e promove amarras que paralisam a marcha resoluta da esperança. O olhar para a frente define os trajetos do presente. O ponto de chegada

⁶² BLOCH, E., O Princípio Esperança, p. 144.

⁶³ BLOCH, E., O Princípio Esperança, p.21-22.

amplia o brilho da partida. Caminhamos rumo ao futuro sem esquecer o chão firme que se pisa no presente. O futuro é como a luz que ilumina a escuridão dos condicionamentos do presente. É a boa notícia para péssimos relatos e descrições do entorno presente.

Aliada à consciência antecipatória está a consciência utópica que se apresenta como instrumento capaz de alcançar imagens ampliadas e de boa resolução do mistério real do mundo e que provê força e coragem para o ser avançar naquilo que está em processo, mesmo naquilo que é inconsciente e que ainda não foi manifestado ao mundo.

A consciência utópica quer enxergar bem longe, mas, no fundo, apenas para atravessar a escuridão bem próxima do instante que acabou de ser vivido, em que todo o devir está à deriva e oculto de si mesmo. Em outras palavras: necessitamos de um telescópio mais potente, o da consciência utópica afiada, para atravessar justamente a proximidade mais imediata, assim como atravessar o imediatismo mais imediato, em que ainda reside o cerne do encontra-se, do estar-aí, no qual está todo o nó do mistério do mundo. Não se trata de um mistério que subsiste apenas, por exemplo, para o entendimento insuficiente, enquanto a questão em si e para si estaria totalmente mais clara ou seria um conteúdo disposto sobre si mesmo, mas trata-se daquele mistério real que ainda é a questão do mundo para si mesmo, e para cuja solução ele está em processo e a caminho. Assim, o ainda-não consciente comunica-se e interage com o que-ainda-não-veio-a-ser, mais especificamente com o que está surgindo na história e no mundo. Sendo que a análise da consciência antecipatória deverá servir fundamentalmente para os consequentes reflexos propriamente ditos, os retratos da vida melhor desejada e antecipada, tornem-se psicomaterialmente compreensíveis. Dever-se-á, portanto, tomar conhecimento antecipatório com base em uma ontologia do ainda-não.⁶⁴

Para que não caia no engodo de ilusões e passividades, requer do ser que tem diante de seus olhos o ainda-não, uma vontade utópica que lhe sirva como potência no agir cotidiano. A legítima vontade utópica é o ânimo que impulsiona, projeta, encoraja o ser na árdua construção do processo. Processo esse que não recebe pronto, mas adquire, através do imaginário, o material necessário para sua realização. Esse ambiente é, portanto, mediado pela experiência do ser que mergulhou com intensidade no instante presente e que se torna espaço propício para sua consciência utópica.

Acreditava-se ter sido descoberto que todo o presente está carregado de memória, carregado de passado no porão do não mais consciente. Não se descobriu que, em todo o presente, mesmo no que é lembrado, há um impulso e uma interrupção, uma incubação e uma antecipação do que ainda não veio a ser. E esse interrompido-irrompido não ocorre no porão da consciência, mas sim na sua linha de frente. Aqui trata-se, portanto, dos processos psíquicos do emergir, processos característicos

⁶⁴ BLOCH, E., O Princípio Esperança, p. 23.

sobretudo da juventude, dos períodos de mudança, da aventura da produtividade, de todos os fenômenos, pois, em que está contido e quer articular-se o que-ainda-não-veio-a-ser.⁶⁵

O passado pode ser o indesejado na lembrança, todavia, nele pode habitar também uma força psíquica espontânea que conduz a uma manifestação de sentimentos ou uma ação (irrompido) seguida de uma descontinuação (interrompido). Por meio desse interrompido-irrompido há uma profunda atuação dos processos psíquicos que se ligam ao que “ainda-não-veio-a-ser. É dessa maneira que o antecipatório age no campo da esperança”⁶⁶.

3.2.5 Esperança como força que transmuta realidades

A esperança é a principal energia daqueles que conscientemente interagem e vivem no mundo. É de suma importância levar em consideração que uma das atividades cirúrgicas da esperança será a de reconhecer o “ainda-não-consciente”. Paulatinamente, o mesmo “ainda-não-consciente” deve se impor à emergência de se tornar consciente das estruturas que o cercam, tornando cada ponto compreensível e passível de enfrentamento a partir de então. Bloch afirma: “dessa maneira que o antecipatório age no campo da esperança. Portanto, esta não é concebida mais como afeto, em oposição ao medo (pois também o medo consegue antecipar), mas mais essencialmente como ato de direção cognitiva”⁶⁷.

A esperança não se configura como um afeto autônomo e refém de suas hipóteses e do seu idealismo contemplativo, mas assume, de maneira consciente, as rédeas do incontrolável, do mundo dado como estático.

Bloch interpreta a esperança como *Docta spes*, esperança compreendida, e por sua vez, compreende em termos dialético-materialistas a luta do velho contra o novo, real e ideal, contemplação e ação, passado e futuro. Contudo, em se tratando do futuro, este se apresenta como farol que ilumina e orienta o caminho presente. Um modo de pensar atuante e cirúrgico, uma filosofia engajada na transformação. Como nos afirma Bloch, “a filosofia terá consciência do amanhã, tomará o partido do futuro, terá ciência da esperança. Do contrário, não terá mais saber”⁶⁸.

⁶⁵ BLOCH, E., O Princípio Esperança, p. 22.

⁶⁶ BLOCH, E., O Princípio Esperança, p. 22.

⁶⁷ BLOCH, E., *O Princípio Esperança*, p.22.

⁶⁸ BLOCH, E., O Princípio Esperança, p.18.

A esperança como chave hermenêutica nos faz perscrutar e perseguir com toda intensidade o que reside no sujeito e aquilo que pode ser verdadeiramente esperado e que reside nos objetos à sua volta. Perceber no entorno uma evidente geração de potencialidades residindo na essência das coisas que nos cercam. As imagens vindas da esperança, no processo de construção no ser, nos impelem em direção ao ser humano plenificado e do seu ambiente modelado a partir do seu interesse e do seu comprometimento transformador. O ser pleno transmuta e plenifica seu entorno.

Até mesmo a morte, como nos afirma Bloch “duro golpe contra utopia”, será visitada pelos ares da esperança.

A morte é um fato que não pode ser esquecido e que desperta a esperança. Ela é principalmente uma forma daquele nada tragado pela passagem utópica para dentro do ser. Não há devir nem vitória em que a aniquilação do ruim não seja ativamente tragada.⁶⁹

A seguir, veremos como a escatologia de Jurgen Moltmann foi banhada pelo pensamento de Ernst Bloch, e também perceberemos os pontos divergentes em relação ao filósofo marxista alemão.

3.3

Da esperança filosófica à esperança escatológica

Minha reação imediata foi: “Por que a teologia cristã tem negligenciado essa temática da esperança, que é tão distinta de sua própria?; e “O que resta, no cristianismo atual, do espírito da esperança que animava o cristianismo primitivo? (...) comecei a trabalhar numa “teologia da esperança, na qual fossem integradas a teologia bíblica da promessa e a esperança apocalíptica; a teologia do apostolado e do reino de Deus; e a filosofia da esperança, com seus elementos materialistas e sua orientação nas práxis histórica, social e política.”⁷⁰

Moltmann assume uma notória influência entre o pensamento blochiano e os despertar de sua teologia. A temática da esperança, que é fonte motivadora e renovadora da fé cristã primitiva, havia sido posta de lado e assumira papéis coadjuvantes na trajetória dos discípulos e discípulas de Jesus no decorrer do tempo. A ponto de ser, escandalosamente, “negligenciada”. Entretanto, vale ressaltar alguns pontos em que esse “despertar”, provocado por Bloch, encontra caminhos

⁶⁹ BLOCH, E., O Princípio Esperança, p.26.

⁷⁰ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p.14.

distintos no desenvolvimento da teologia, e mais precisamente da escatologia de Moltmann.

Em primeiro lugar, Moltmann parte da interpretação que a filosofia da esperança se propõe como uma metarreligião. Não foge da escrita blochiana a perspectiva de que em todas as religiões a esperança tem um papel fundamental. Através da esperança, o ser humano enfrenta o revés do mundo, as iminentes catástrofes, as adversidades que aparentam impossíveis de transpor na realidade histórica. Para Bloch, está baseada na dicotomia da realidade presente, que é uma realidade a ser negada, e a esperança de uma realidade vindoura que ainda não é, e nisso se fundamenta a religião em Bloch. Para lhe assessorar no desenvolvimento do seu pensar, faz uso da ideia de redução do aspecto do homem consciente de si mesmo e do homem celeste, proposta assimilada de Ludwig Feuerbach, e do materialismo histórico-dialético.

Ernst Bloch dá mais um passo adiante: religião é esperança, e esta se baseia na diferença ôntica entre aquilo que existe e aquilo que ainda não existe, entre existência e essência, entre presente e futuro, tanto no ser humano como no cosmo. O ser humano como ser não fixado ainda é alguém que, “juntamente com seu entorno, constitui uma tarefa e um enorme recipiente repleto de futuro”. Da esperança provém o conhecimento de que extremamente a vida está tão pouco realizada como no eu interno que trabalha no que está fora. Assim a religião, à medida que oferece a esperança, se fundamenta na factibilidade do ser humano. “Homo homini Deus (o ser humano é o Deus do ser humano)”, dissera Feuerbach, entendendo com isto o eu e o tu no amor sensível. Bloch retoma essa sentença, de uma forma típica para ele, isto é, que o homo absconditus (ser humano oculto) do futuro e ainda não achado nem alcançado é o “Deus” do ser humano presente. (...) Assim, para Bloch, “Deus”, como imagem e ídolo do ser humano, é reduzido, não à atualidade sensível do ser humano, nem à situação social alienada, antagônica, do ser humano, mas ao “humanum ainda não encontrado, futuro”. “Deus” é entendido como “o ideal utopicamente hipostasiado do ser humano desconhecido”.⁷¹

A religião, portanto, caminha para a realização do ser humano e das realidades que o circundam, com a constatação daquilo que não é, mas deveria ser. O mundo de possibilidades ante as realidades. Quando ocorrer a realização de todas as coisas, daquilo que plenifica o humano e seu entorno, ele não carecerá mais de religião e de esperança; todavia, Bloch assume que essa plenificação resulta de um esforço unicamente humano, de seu reconhecimento e da tomada de ação, e assim, Moltmann assume uma postura crítica em relação ao posicionamento de Bloch. Com isso, o “Deus” da religião nada mais seria que o humano que há de ser, o ainda-

⁷¹ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 426.

não, aquele que virá. Apesar do cenário antropocêntrico e notoriamente ateísta, Bloch abre o precedente escatológico daquele que virá e plenificará de fato e de verdade todas as coisas, o que a si mesmo se assumiu como Filho do homem, o humano, e que na sua humanidade reverberou e manifestou aos que lhe circundavam os gestos de um novo homem que a tudo manifesta vida e cria horizontes que subverte os cenários do caos, como nos afirma: “a mística do céu torna-se a mística do Filho do homem; a glória de Deus se torna a glória da comunidade redimida”⁷².

Ainda a respeito da crítica moltmanniana a Bloch na dialética do *Homo absconditus* e *Deus absconditus*, Bloch alinhado com Feuerbach assinala que “nas hipóstases dos deuses, os seres humanos nada mais expressaram que o futuro ansiado”⁷³. Para Bloch, o que impulsiona o ser humano para frente, para o futuro, é o fato de haver um Humano oculto que é figurado como Deus oculto. A promessa que existe na figura do Cristo Ressuscitado leva à busca de si mesmo e de sua própria vida à esperança. Esse escondimento revela que “o escondimento de Deus nada mais é que o escondimento do homem”⁷⁴.

A respeito do questionamento sobre o que impulsionaria essa esperança e conseqüentemente esse movimento, Bloch usa da nostalgia aristotélica, o erro platônico e neoplatônico pelo eidos e a esperança cristã, porém sem aceitar a existência do ser do Deus da promessa e do futuro. Assim, o “Princípio da esperança” está ameaçado de perder-se em si mesmo, pois tornaria o processo humano em busca de uma nova história um processo sem fim existente e num eterno ciclo de frustração e angústia, cambaleante e cada vez mais distante das realidades que são inerentes à esperança e pulsantes na ação engajada do ser. O ser humano permaneceria no seu vazio que, por sua vez, segundo Bloch, faz o ser buscar Deus, mas que na realidade demonstra apenas sua busca da identidade do próprio ser humano. Quando completo em si e por meio de si, de sua autoplenuificação, chega-se às vias de fato, e assim, o fim da história se dá, como em Marx, pela “naturalização do homem e pela humanização da natureza”⁷⁵. Não

⁷² MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p.427.

⁷³ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p.429.

⁷⁴ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p.430.

⁷⁵ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p.434.

existe, como na escatologia cristã, um terceiro entre si, que é a figura de Deus e o Reino de Deus.

Para Moltmann, existe “O Deus da esperança” e não o “deus Esperança”⁷⁶, como em Bloch, em cujas promessas a humanidade pode se fiar para alcançar o futuro e seguir adiante na história.

A respeito da temática da Pátria da identidade, Moltmann relaciona a perspectiva cristã do Reino de Deus. É notório que há aproximações entre as temáticas, entretanto, as diferenças se evidenciam no desenvolvimento da escrita de Bloch. A “pátria da identidade” sinaliza para o ser humano que se torna “ser segundo sua essência”⁷⁷, alinhado e pacificado consigo mesmo, com o outro e com a natureza. As contradições existentes e até então intransponíveis não prevaleceriam mais e, assim, há acordo entre o eu e o ser pessoal do ser humano, o indivíduo e a sociedade e entre a humanidade e toda a natureza. Um paraíso materialista instaurado.

Entretanto, Moltmann assinala a diferença entre a concepção desse paraíso instaurado por esforço exclusivamente humano e as transformações impetradas pela mudança de mentalidade e pela encarnação e atuação do Reino de Deus.

O “reino” cristão se distingue dos reinos das utopias pelo salto exigido pela intenção explosiva do renascimento e da transfiguração mesmos. Daí se segue necessariamente que a escatologia cristã, que se apoia no “salto”, no milagre da ressurreição da morte daquele que fala do fim das coisas do presente: “Eis que faço novas todas as coisas”, não pode se reduzir às utopias, nem ao “princípio esperança” de um aperfeiçoamento imanente do mundo, mediante um “transcender sem transcendência”, mas bem entendido, faz “explodir” também o “princípio esperança”. Essa diferencia se torna visível quando a escatologia cristã, frente às utopias humanitárias com que coexistia no século XIX, toma consciência do seu centro que é a ressurreição dos mortos e do aniquilamento da morte pela vida.⁷⁸

Há no anúncio do Reino algo que não só evidencia transformações externas, mas, principalmente, age de dentro para fora. Na boa notícia anunciada no evangelho de Marcos, em que o tempo se cumpriu e o Reino de Deus está próximo, é preciso arrepender-se e crer no Evangelho (Mc 1,15); na proclamação do Cristo reside a inauguração de uma realidade temporal que chegara ao seu pleroma, como também a espacialidade contida na descrição “o Reino de Deus está próximo” (Mc1,15) assinala a tangibilidade e acessibilidade desse Reino. Todavia, o que não

⁷⁶ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 434.

⁷⁷ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 434.

⁷⁸ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 435-436.

se pode ignorar é o que se segue no anúncio, a necessidade da mudança de rumo, de mentalidade, de interesses e a devida conversão e entrega às pautas dessa instauração. Nas utopias antropocêntricas, há o ser humano dentro de si com suas pulsões, desejos reprimidos, traumas estabelecidos e numa circunvolução a respeito dos seus interesses narcisistas e egocêntricos. Configura-se, portanto, a impossibilidade de uma “transcendência sem um transcendente”⁷⁹, haja vista que diante dos seus impossíveis e do impossível maior que é a morte, o ser humano se vê desgastado e perdido, desiludido e vencido, angustiado ante sua finitude, o ser-para-a-morte que não conhece, portanto, o ser-para-a-vida pelas vias da ressurreição.

Na perspectiva entre extraterritorialidade quanto à morte em Bloch e a ressurreição dos mortos na escatologia cristã, verificam-se seus contrapontos evidentes, pois no “princípio esperança”, a morte é vista como um inimigo temido e invencível, não pode e nem poderá ser superada em nenhuma instância, e por ter a força inigualável que lhe é própria, esmaga toda as formas de teleologia. Para resolver essa realidade diante da finitude que abarcaria o ser humano do medo existencial, Bloch assume uma postura extraterritorial contra a morte, colocando o cerne do ser para além dele. A morte vem sobre todos os seres, porque ainda não nasceu o ser definitivo. Para Moltmann, essa postura nega a História e a morte, “projetando-se para o não-ainda e entregando à morte a realidade da vida como mera ‘casca’”⁸⁰.

Diante da morte, Moltmann assinala que podemos assumir duas posturas, a da apatia ou a da revolução.

A esperança cristã no Deus que ressuscita os mortos e do nada cria o ser, admite radicalmente a morte, com tudo o que ela tem de mortífero, isto é, em sua raiz, que afunda no nihil (nada). Não é um fenômeno entre os outros, dos quais nenhuma atende o eu. A vida não possui nenhum ponto de identidade que a torne extraterritorial ou imune à morte. Antes, a vida pode ser concebida como vida para a morte pela fé na ressurreição e a esperança naquele que cria a vida da morte. Existe uma identidade que se mantém por meio da contradição infinitamente qualitativa de morte e vida: é a identidade prometida na ressurreição. Mas ela não se encontra no ser humano, como se, em seu mais íntimo, a morte não o atingisse, mas para lá de morte e vida, no evento da promessa de Deus, na qual o ser humano se pode abandonar na fidelidade de Deus. Essa identidade é prometida e pode ser esperada no ponto de inflexão dialético que é a ressurreição do Cristo crucificado. Aí percebida e admitida, a vida pode entregar-se à morte, à dor da exteriorização e do amor, pode perder-se para assim precisamente se ganhar. A esperança da

⁷⁹ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 436.

⁸⁰ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 444.

ressurreição dos mortos dá à vida de amor o futuro de que necessita para poder amar, para ser amor que “nunca cessa”. O amor sempre precisa de “um pouco de futuro”. Vive da paixão da esperança, que Kierkegaard chamou a “paixão do possível”. Essa paixão pelo possível se inflama no “impossível”. E quando o “impossível” depende do Deus que ressuscita os mortos, então o amor tem esperança para além da morte e apesar dela. Ela não terá fim até que os mortos tenham ressuscitado. Daí ela tira forças para “segurar o que está morto” (Hegel). Por outro lado, também o futuro garantido com a ressurreição de Cristo só é percebido e aceito no amor que exterioriza até a morte.⁸¹

A morte não pode ser afrontada como um inimigo qualquer, desmerecida no poder que tem, nem descartada na sua nocividade. Entretanto, a ressurreição aponta para um virar de página na história humana, trajeto fadado ao desespero e esfacelamento do ser. Na ressurreição, há uma virada, ela se tornou a maior subversão contra o principal algoz do ser humano. A ressurreição é o transcendente tocando o ser imanente na sua escalada para fora de seu contexto, no seu projetar existencial, como nos afirma Moltmann: “ela não se encontra no ser humano, como se, em seu mais íntimo, a morte não o atingisse, mas para lá de morte e vida, no evento da promessa de Deus, na qual o ser humano se pode abandonar na fidelidade de Deus”⁸². A promessa é o que assegura o ser nessa grande virada, nesse ato subversivo, na revolução presente nas palavras proferidas pelo Sagrado, nessa teimosia e insistência em existir. Por isso, por meio da esperança do cumprimento da promessa da ressurreição, a vida faz uma concessão para que a morte lhe visite, perde-se para enfim ganhar, e tal ganho é inigualável e incomensurável, já que a ressurreição aciona todas as potencialidades ocultas e até então inacessíveis ao ser humano.

Por fim, Moltmann elenca a temática da esperança e confiança em Bloch. Na perspectiva de Bloch, a esperança cristã é uma certeza supersticiosa, já que há uma espécie de certeza garantida de seu cumprimento, o que tiraria da esperança o que simplesmente a caracteriza como esperança. Com isso, o ser humano, não se engajaria na vida, pois a certeza do acontecimento futuro provocaria um quietismo e uma atitude conformista na existência. “Por isso somente através de um ateísmo consequente o homem pode ser responsabilizado pela felicidade e pelo perigo de sua própria história”⁸³. A esperança cristã para Moltmann não significa um conhecimento com garantia do que acontecerá no futuro, mas impulsiona o olhar

⁸¹ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 445-446.

⁸² MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 446.

⁸³ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 449.

das pessoas para frente e as motiva a se entregar ao futuro. É uma esperança que contraria, muitas vezes, as percepções presentes, as sensações do momento, mas sinaliza para uma esperança apesar da realidade, que quebra a lógica racional de que não há o que se esperar, mas se projeta para o futuro. A única garantia que tem não está baseada em fatos ou realidades, mas na fidelidade do Deus que promete. “Por isso mesmo, tão pouco como a esperança de Bloch, ela nunca se contenta com as realidades constatadas, mas permanece insatisfeita até o cumprimento final da promessa”⁸⁴. Assim, o nosso autor finaliza suas críticas afirmando:

O fim da História utopicamente afirmado pelas fórmulas que falam de harmonia entre humanidade e natureza é superado pela escatologia cristã que lhes mostra sua precariedade e relatividade. [...] A confiança cristã deve encontrar forças para derrubar as imagens de uma esperança utópica, não para se resignar perante a realidade, mas para vir ao encontro da verdadeira miséria do mundo em favor do futuro de Deus. [...] não para afirmar o vazio do futuro, mas apontar para a direção na qual a promessa de Deus mostra o caminho para fora da miséria da criatura.⁸⁵

Nossa intenção, neste tópico, foi pontuar as diferenças entre o *Principio Esperança* e a *Teologia da Esperança*, mas com isso também realizar a distinção entre a esperança cristã e as esperanças provenientes das utopias do mundo. Utopias que, por sua vez, trazem consigo o elemento do frustrável e poderiam se tornar um caminho que perdeu seu rumo e, por fim, fariam seus portadores traçarem rotas que voltam ao mesmo ponto, a crise como fim em si mesmo. Não há um descaso quanto à crise, não a ignora, todavia, a convicção cristã se situa na constatação das adversidades e, assim, “ela deve, na ‘força da ressurreição’, aceitar a ‘cruz da realidade’”⁸⁶.

3.4

A escatologia segundo Moltmann

Jürgen Moltmann se impôs um trabalho extremamente pesado e ao mesmo tempo inovador. Os espectros que o rondavam acenavam para o processo de desesperança e frustração com os resultados do pós-guerra, e de outra forma, uma tentativa materialista de dar voz e vez às crises que tinham sede na alma humana. Em seu tempo, a escatologia era percebida como um adendo de última instância nas

⁸⁴ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 450.

⁸⁵ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 452.

⁸⁶ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 451.

dogmáticas cristãs. Agindo na contramão desse esquema que já se engessara, o teólogo quer viabilizar um pensar a partir do contexto da promessa.

Moltmann assume a postura de que há uma impossibilidade de pensar a escatologia se esta não estiver fundamentada na cristologia. Não é em vão que a cristologia tem esse aspecto basilar, pois em Cristo se convergem e são assumidos todos os aspectos de esperança já pronunciados profeticamente. Em linhas gerais, Cristo estabelece o elo na distensão causada pelo pecado para anunciar o Reino de Deus não como um “além-mundo” que prevalece nos sonhos desvanecidos de uma geração que se propõe inerte, mas ele se faz a partir de nós. A alienação causada pelo pecado sobrepujara os distanciamentos entre Deus e a humanidade. Nessa alienação, o homem não se encontra na vida, não percebe o outro e nem mesmo se realiza no seu percurso ao Totalmente outro, mas se desespera e se angustia na impossibilidade da não vivência. O pecado tem em suas últimas consequências a morte, que reverbera não apenas na estrutura física, mas também em sua constituição psíquica e espiritual. Enquanto se anunciava a morte como aspecto último da impossibilidade humana, pensamento esse que está presente em filosofias tais como a de Martin Heidegger, no anúncio do ser-para-a-morte, Cristo inaugura o ser-para-a-ressurreição. “Tragada foi a morte pela vitória” (1Co 15,54). Esse é o anúncio paulino de superação diante do último inimigo a ser vencido. Aquele que ainda causava dor e desesperança. Inimigo que foi vencido pela aproximação dos dias subsequentes à cruz e que está à disposição daqueles que superam os grilhões da alienação para experimentar a relação do Deus que se faz presente e que vem ao encontro do ser humano como prefigurado na parábola do Filho pródigo, onde o pai deste não está imerso em vaidades pela aproximação do filho nos terrenos de sua casa, mas que corre em direção ao prodigalizado expressando o desejo que impera no coração de Deus.

Através de Cristo, a utopia encontra-se no ápice de sua potencialidade. Como o próprio autor nos propõe, utopia não significa “sem lugar”, todavia é “algo que ainda não tem lugar”. Pelo Filho de Deus foi realizado todo o universo de possibilidades e realidades que o Pai havia prometido a toda a humanidade. Por meio de Cristo, o ainda-não e o não-mais-agora foram assumidos como um “instante escatológico”. Deus assume em Jesus uma historicidade, uma individualização e mesmo um condicionamento que lhe é destacado pela sua gênese. Não há ciclos da existência humana que são atravessados e “adiantados”,

todos são vividos na intensidade do instante, quer seja na infância, adolescência, juventude e vida adulta. Como já pontuamos acima, pensar escatologicamente só é possível pelo crivo da cristologia, sendo assim, é inviável desconhecer as atitudes de Cristo frente às realidades do mundo que o circunda. Sob a ótica do Cristo de Deus, não há caminhos que devem ser evitados no terreno da alma humana e não há experiências que devam ser desmerecidas pela complexidade de seus tratamentos, mas encara-se tudo e todos com meticulosidade e sob os cuidados que devem dispensados àquela individualidade.⁸⁷

Será de grande valia destacar aqui algumas linhas para essa experiência humana na potencialidade divina vívida através da encarnação. Na medida em que Jesus cresce em estatura, cresce também nele a expressão do viver divino e da conquista de Deus sobre o homem de forma holística e perene. Em Cristo, Deus expressa que o “todo abrangente” se configura nos limites do humano e o lança para um engajamento decidido por sua causa, para sua originalidade, para o confronto com as crises promovidas pelo existir. Crises essas que são destacadas desde o momento das tentações lançadas pelo promotor do antirreino até os confrontos familiares daqueles que moravam no mesmo teto e tinham o mesmo ventre materno, mas não criam nele. Jesus nos ensina que o tempo no mundo não deve ser desperdiçado com querelas, especulações ou devaneios, como era o caso dos religiosos de sua época, mas deveria ser tratado com cuidado pelo outro e pela sua relação com Deus, promovendo assim o humano e destacando sua sinceridade perante as crises da vida em prol da sua superação. Por isso, o que incomoda Cristo não são as prostitutas, os cobradores de impostos ou os leprosos que eram tidos como as párias da sociedade, pois esses estavam de coração aberto para uma nova existência a partir do exemplo e dos ensinamentos de Cristo, mas sim os religiosos que haviam engessado o Sagrado e se consideravam os portadores de suas realizações sobre a vida. Realizações essas que se resumiam ao seu universo litúrgico e não à experiência do todo na existência. Religiosos que Jesus adjetivava como hipócritas que na definição da própria palavra representavam e atuavam nas praças diante do povo. Seu discurso era burilado e submetia as pessoas às suas manipulações e seus interesses. Deus fora esquecido e em seu lugar fora endeusada a utilidade. Para esses, o sagrado se concentrava em um templo e não revogava isso

⁸⁷ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 245.

nem mesmo por outro lugar considerado santo como o monte Gerizim, todavia Jesus expressa com clareza e evidência que o que importa não é o lugar, mas sim a disposição do coração. Para Cristo, o púlpito e a sinagoga poderiam ser uma montanha ou um barco à beira de um lago ou mesmo a casa de algum “impuro” que o faria ganhar o título de “comilão e beberrão, amigo de prostitutas e cobradores de impostos”.

Pela ressurreição, o homem divinizado e o Deus hominizado se tornam um só, como uma unidade indivisível e inconfundível. É por meio dessa ação que a escatologia toma ares de um futuro que se realiza no presente e se consuma a partir da experiência diária e consciente das suas responsabilidades diante dos desafios atuais.

3.4.1

O caminho escatológico do Antigo ao Novo testamento

Moltmann parte do Antigo Testamento percorrendo o caminho das promessas. Como ele acentua, a religião de Israel não é uma religião de epifania como as demais, que apenas expressam a manifestação do sagrado corporificada em determinados momentos de sua história – entretanto, é uma religião de promessas. As percepções estão à frente de seu tempo, que avança diretamente para a meta da promessa.

A escatologia está contida na promessa a partir das mensagens anunciadas pelos profetas. Esta mensagem, por sua vez, tem características de universalização e uma intensificação. Como o próprio Moltmann afirma: “A universalização da promessa encontra na promessa do senhorio de Javé sobre todos os povos o seu *éscathon*. A intensificação da promessa encontra no questionamento da morte o seu limiar escatológico”.⁸⁸

Mediante o texto supracitado, podemos perceber a onipresença de Deus. Não há distinção nem aceção de pessoas, mas sim um acontecimento que se antecipa no curso da história humana sem delimitações e sem as “cercas” culturais. Há uma promessa de governo divino não em aspectos discriminatórios, mas pelo entendimento de propriedade; é devolvido a Deus o seu lugar de governante sobre tudo e todos. Aqui se assinala a universalidade da mensagem dos profetas.

⁸⁸ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 174.

A escatologia não é simplesmente um futuro intra-histórico ou um futuro absoluto contraposto à história, mas sim uma extensão do futuro histórico a todos os povos.

Seguindo para o percurso neotestamentário, o evangelho não cumpre as promessas, mas as ratifica, tornando a mensagem das novas evangélicas não totalmente novas. A escatologia cristã nasce na experiência pascal. A cristologia é essencialmente uma perspectiva escatológica. A ratificação que ora comentamos está fundamentada na ressurreição de Cristo. Esta vem a ser o sinal de Deus que descortina o propósito que Ele direcionou para a humanidade. A ressurreição desvela as perspectivas divinas de superação e acentua as bases do futuro dos seres.

A amplitude do entendimento escatológico no Antigo e no Novo Testamento está expressa nos antagonismos do fim e do começo, catástrofe e novo começo, por fim, despedida e saudação. No processo histórico, só há escatologia se se orienta pelo evento do Êxodo de Israel e pelo acontecimento de Cristo. O cativeiro de Israel e a morte de Cristo expressam a catástrofe, e a liberdade para a Terra Prometida e a ressurreição para a vida eterna do mundo vindouro são protótipos de um novo começo.

3.4.2

A *pro-missio* da escatologia na atitude eclesiológica

Promessa é palavra recorrente na teologia de Moltmann. Ela cria a vida, faz o ser experimentar a transcendência antecipando seu futuro. Podemos destacar que a promessa gera no interior do ser um processo de insatisfação com as realidades vigentes, transportando-o para a vontade de Deus. O sentido da história se torna evidente para nós através da promessa e da missão decorrente desta. Promessa e missão que são parte e culminam em um inclusivismo, todavia se abrem para todos.

Diante da missão delegada por Deus, o ser humano chega ao autoconhecimento e também ao reconhecimento das impossibilidades da existência em vista das possibilidades do comissionamento divino. Entretanto, o ser não é abandonado na angústia do impossível, mas recebe o consolo de Deus que promete sua presença constantemente ao lado do chamado: “Eu estarei contigo”. Lança o homem não mais ao que ele era ou ao que é, porém o arrebatava para o que ele será.

As evidências da missão são a esperança da fé em ação. O apelo urgente que ecoa no seio eclesial é o ingresso da Igreja no contexto da nossa sociedade. A modernidade expulsa a religião do *status quo* que essa assumira desde a época de Constantino e secundariamente assume o papel de consoladora e de tornar comuns os sofrimentos, crises e anseios dos homens.

A missão da igreja nos faz compreender o mistério de sua existência e de suas formas de comportamento. A igreja é convocada a viver a intensidade da expressão do seu nome, isto é, “chamados para fora”. Não mais a experiência do engessamento das “quatro paredes”, mas sim a dinâmica que expressa o verdadeiro sentido de sua existência. Não o Reino de Deus com um dia, horário e lugar estipulados, mas sim o Reino que ocorre a todo instante e é expresso em palavras, atitudes, pensamentos e até mesmo no silêncio. Ao invés da cômoda situação da institucionalização, a escatologia sinaliza a missão da Igreja como agente de transformação neste mundo. Os imperativos relacionados pela inserção responsável da Igreja são confrontação e transformação.

3.4.3

O papel de uma escatologia vibrante e militante

As possibilidades totalmente novas estão diante de nossos olhos. Podem ser direcionadas tanto pelo bem como pelo mal, para o progresso ou para a perdição final. Para que estas possibilidades possam ser percebidas, é necessário quebrar o pacto com as instituições mantenedoras da opressão que nos foi imposta, primeiro pela utilidade que ora se apresentou aos opressores, e que conseqüentemente se apropriaram desta no decorrer da história e a fizeram perder o status de “utilidade” para a elevar à posição de regra ou dogma. Os criadores e usurpadores estão acostumados aos seus processos de manipulação e se sentem completamente ameaçados com o novo que pode surgir diante de seus olhos.

A historicidade da existência do crente não é absolutamente o que há de próprio na existência humana, mas é o caminho, o testemunho e a missão, com vistas àquela qualidade e verdade da existência humana que está no futuro e que, portanto, ainda está ausente, que está em jogo na missão da fé cristã.⁸⁹

⁸⁹ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 345.

Entre o regresso e o progresso está o ingresso, e é esta a atitude de Deus por meio de Cristo, há uma imersão dentro do ser humano e de suas limitações, de suas crises e de suas convulsões com o mundo que o circunda. Entretanto, a crise que o acomete não está ali para envolvê-lo de paralisia, mas sim para acrisolá-lo, purificá-lo, desenvolver o ser relutante dentro de si e, assim sendo, fazer esse indivíduo impactado pela crise que o transporta para uma melhor existência assumir os critérios diante dela. Não há mais desculpas a serem dispensadas diante das dores, do sofrimento e das guerras. Não se pensa em um “além-mundo” como forma de fugir desse, mas sim como uma completude do processo aqui iniciado. “O instante como átomo da eternidade”⁹⁰. A plenitude dos tempos foi reivindicada para o aqui e agora, para o instante divinizado e corporificado na pessoa de Jesus. A vida que se apresenta hoje como eterna, pois é vida na consciência de Deus, está disponível a todos que assim queiram recebê-la.

Os filhos e filhas de Deus se percebem predestinados a serem como Cristo e são desafiados a se lançarem à construção do Reino de Deus em sua sociedade. Não há mais *apartheids* nessa percepção. Não há mais distinção por cor, etnia, sexo, cultura ou credo, o nivelamento dos seres está justificado não pelo que estes fizeram, todavia pela justiça de Deus fundamentada em seu amor, tendo seu apogeu na entrega de Cristo na cruz. O mundo se torna amplo espaço de atuação da Igreja e ela se sente responsável em todos os âmbitos. O paraíso não se contradiz com o noticiário dos veículos de comunicação, mas a cada anúncio e percepção da investida e da possibilidade da vitória do antirreino. Os filhos de Deus se levantam com o compromisso de desfazer os grilhões que atam o seu próximo, com o “cheiro” de morte que se aproxima e refletem o Deus libertador e doador da vida.

O cristão e ativista pelos direitos humanos Martin Luther King nos alerta o seguinte: “O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons”. Os índices de pobreza aumentam e a esperança que se cumpre em nós procede no abastecimento de pão a quem tem fome. A ética é menosprezada em detrimento dos interesses e da utilidade política, sendo assim a Igreja se levanta como proclamadora do evangelho, pois na consciência de sua missão integral, ela anuncia

⁹⁰ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 45.

as boas novas de Deus e conseqüentemente denuncia as más obras cometidas pelos seres humanos.

A esperança do reino futuro de Cristo deve modelar a vida histórica da sociedade. A obediência diária está relacionada à vida corporal, social e pública. Transforma a realidade do mundo através da resistência e da atividade criadora. Esta transformação também não se reserva a um determinado grupo de pessoas, por vias de hierarquização e resultantes graus de responsabilidade, pois a redescoberta do “sacerdócio universal dos crentes” sinaliza para a particularidade da missão de cada um. Se o indivíduo crê e tem esperança, é vocacionado para cooperar com o reino de Deus.

A missão se faz presente não na fuga do mundo em direção ao “porto seguro” das quatro paredes da estrutura eclesial, porém se faz presente nas profissões terrenas, enfrenta o mundo e está a todo instante a serviço do mundo. O chamado invade o crente como único e irrevogável e tem firmeza mediante a esperança escatológica para a qual Deus chama.

A Igreja se evidencia como militante ao entender que o seu Deus não cansa de trabalhar em prol do mundo que eles vivem, mas na inteireza de quem antecipa o futuro toma para si o que ainda não existe, pois sabe que Deus é poderoso para criar mesmo a partir do nada. Aquilo que ainda não existe, só não ocorreu ainda, pois o solo não está preparado, mas ocorrerá sob a luz da ressurreição que lançou veredito sobre a morte. Insatisfação, contrariedade, descontentamento, inconveniência não são sentimentos direcionados a Deus, todavia são remetidos a uma atitude de transformação no mundo.

No trajeto percorrido neste capítulo, buscamos elementos do pensamento de Ernst Bloch que impulsionaram Jürgen Moltmann em sua teologia. Nas confluências, percebemos o anseio humano pela vida e sua busca pela esperança que ora se interpõe contra a desordem, para que esta não seja ampliada nos cenários do mundo. Nas divergências, as esperanças nas utopias geradas no seio humano, se promoveram “frustráveis”⁹¹, pois transitam na constante de uma realidade não decidida de mundo, porém, se percebem atadas nas suas efetivas transformações. Na contrapartida, “a convicção cristã a respeito do futuro situa-se na decisão final”.⁹² Aceita sua cruz, mas mantém a esperança pela força da ressurreição.

⁹¹ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 451.

⁹² MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 451.

No próximo capítulo, exploraremos um pouco mais da teologia moltmanniana e como ela responde às aflições de um mundo (pós) pandêmico. Onde os horizontes dessa teologia produzem vida, esperança e justiça nessa realidade?

4

A esperança para o mundo (pós) pandêmico: Deus imerso no mundo

O descaso com a vida e com tudo aquilo que a mantém e que foi denunciado em nosso segundo capítulo, encontra respostas na ressonante e rica contribuição teológica de Jürgen Moltmann. Nosso esforço, neste capítulo, será o de provocar esperanças a partir das temáticas levantadas pelo teólogo, e também demonstrar como a concepção dessas esperanças que aqui serão identificadas correspondem às questões elencadas pelas problemáticas recepcionadas em um (pós) pandêmico. Vale ressaltar que a experiência de vida de Moltmann, já por si, nos inspira a recepcionar todo vitalismo da empreitada de alguém que viveu em si os horrores de uma guerra e encontrou no evangelho a força motora através da sua identificação com o Cristo, como ele próprio diz:

Li o Evangelho de Marcos e encontrei a passagem que menciona o grito da morte de Jesus: “Meu Deus, porque me desamparaste?”. Foi naquele momento que pude saber com certeza: “Aí está um que entende”. Eu comecei a entender o Jesus que foi atribulado por Deus, exatamente porque eu me senti entendido por Ele. (...). Eu tornei a coragem de viver. Tomou-me, de modo lento, mas seguro, uma grande esperança na vida plena.⁹³

Perpassaremos o caminho da criação e a autocontração divina, as indicações de um Deus que se reduz para dar espaço à autonomia de um mundo em constante expansão e que dedica um ambiente de desenvolvimento e liberdade às suas criaturas. O Deus que não cria e se isola, mas que faz questão de caminhar e habitar com o seu povo e absorver seus dramas, enquanto se faz perceber presente nos símbolos que os acompanha. Na peregrinação, Deus não se apresenta como o monarca absoluto em busca de reverências e devoções, apático e impassível, mas sim envolvido com as dores e afligido por cada uma delas, “Em toda a angústia deles, também ele se angustiava” (Is 63,9), não há um distanciamento, mas uma proximidade escandalosa na passionalidade. Não é o ser que, simplesmente, dá respostas precisas e soluções efetivas aos problemas, mas aquele que se debruça para sentir as implicações das adversidades com um acento impotente.

⁹³ MOLTSMANN, J., Vida, esperança e justiça, p. 11.

Na quenesse do Cristo, Deus se expõe, tem carne e é “homem de dores” (Is 53,3), não sente apenas as suas, mas absorve as da humanidade, “as nossas dores levou sobre si” (Is 53,4). Sente no mais profundo as tramas das contingências humanas, as suas zonas de instabilidade e incertezas e como eco que perpassa a história, responde de uma vez por todas à provocação de Jó: “Porventura tens olhos de carne, ou vês como veem os homens?” (Jó 10,4), a resposta é um sonoro: Sim! O Deus encarnado como resposta atemporal, não apenas a Jó, mas a um mundo (pós) pandêmico, imerso na insegurança e nas dúvidas do existir, a partir dos dados, econômicos, ecológicos, emocionais e espirituais, arrolados nas suas casualidades e no fortuito que o cerca.

Por fim, a esperança encontrará seu porto seguro, como também seu ponto de partida, na ressurreição do Cristo. Na experiência radical e imersa na temporalidade e espacialidade do Cristo, vivenciamos a crise humana. A partir da ressurreição os horizontes da crise não são mais encarados como fins em si mesmo, mas processos necessários de descontinuidade e ruptura, distinguimos o essencial do trivial, abarcamos a esperança como um virar de página para uma nova história. Não há descaso perante as implicações e sofrimentos causados pela morte, o que nos conduziria a uma objetificação do existir, não se tergiversa em falácias, todavia, assume para o evento (pós) pandêmico, a cena dos discípulos de Emaús, que inundados pelas palavras que reforçam promessas de vida e não de morte, farão cair o véu dos condicionamentos existenciais e dos confinamentos assuntados nas denúncias de um mundo em derrocada. A ressurreição é a teimosa insistência no existir apesar de tais normalizações do ruim e da banalidade do mal que nos circundam. A ressurreição revigora nossas forças na caminhada justaposta ao Cristo, para enfim anunciar: “Se com ele morremos, com ele viveremos” (2Tm 2,13).

Nesse capítulo, nosso intento será provocar a percepção de um Deus mergulhado com inteireza e engajamento na temporalidade e espacialidade da humanidade e como resposta a um mundo (pós) pandêmico, onde as realidades reverberam caos e desordem econômica, social, ecológica e nos mais diversos âmbitos. Debruçaremos sobre alguns aspectos da teologia de Moltmann que nos conduzirão a um Deus presente no mundo e não apenas criador do mundo, de um ser que sofre e se comunica com os sofredores, do que se inclina às adversidades e não apenas como quem contempla, mas como aquele que caminha junto do seu

povo. Nosso ensejo é contribuir para que a esperança ressurja e promova amparo e, posteriormente, conduza a partida desse mundo (pós) pandêmico em direção à vida.

4.1

A autoesvaziamento divino como esperança para a Terra no mundo (pós) pandêmico

Antes de tratarmos dos caminhos de uma quenose (esvaziamento) divina na criação, trataremos dos descaminhos de uma teologia imersa em pré-conceitos estabelecidos, a partir do receio e conseqüente medo de uma aproximação com tradições politeístas de culto à natureza, como também dos cenários panteístas que arvoravam seus bastiões no entorno de Israel e do próprio cristianismo.

Em termos gerais, essa percepção unilateral e com dimensões fundamentalistas não comunicaria vida aos cenários de destruição e de assombros para o mundo (pós) pandêmico, provocando, por sua vez, caos e desordem, desencanto e escuridão, tristeza e angústia. Ao acentuar as dores desse mundo e não promover sua imunização, a teologia moderna presta um desserviço, diante das informações portadoras de vida e para os horizontes geradores de um novo mundo e de uma nova realidade, a partir do anúncio do evangelho, da boa notícia, de um reino de justiça, paz e alegria (Rm 14,17).

Em um primeiro momento, trataremos de uma teologia que aponta para um Deus distante das realidades humanas, aquele que envolvido por santidade não caminharia em meio aos pecadores, e, logo no próximo tópico, sinalizaremos as contribuições da teologia judaica acerca da pessoalidade divina e sua proximidade radical aos contextos humanos.

4.1.1

Perigos da impessoalidade divina na teologia fundamentalista

Qualquer realidade onde não há um envolvimento, não terá importância e identificação em nenhuma das partes envolvidas. Portanto, uma das preocupações de Moltmann em sua contribuição a respeito da criação e da ação de Deus no mundo é assumir uma imanência do divino no mundo criado, onde a teologia, tradicionalmente, assimilou a seu aspecto transcendental. Essa relação não é meramente discursiva, mas embasada na justificativa de Deus que está no mundo,

em constante manifestação. Entretanto, como nos pontua Moltmann a teologia moderna atuou na contramão dessa perspectiva.

A teologia moderna atribuiu à fé bíblica da criação uma diferenciação fundamental entre Deus e o mundo. O mundo não surgiu a partir da essência divina de Deus, mas a partir de sua vontade livre. Se o mundo tivesse realmente surgido de sua essência divina, (o mundo) seria de natureza divina. O mundo seria, como Deus, autossuficiente, fundado sobre si mesmo e perfeito. Mas como criação de Deus, o céu e a terra são realidades deste mundo, celestiais e mundanos, mas não divinos. A interpretação moderna da Bíblia tem destacado o fato de que a compreensão israelita da criação des-divinizou, des-demonizou e, para usar uma expressão mais atual, secularizou o mundo.⁹⁴

Com o receio de uma inserção panteísta, algumas correntes de cunho fundamentalista tornam Deus um inveterado controlador e intervencionista, seguindo, assim, um caminho que, em alguns relatos veterotestamentários, os judeus, em seu contato com as religiões politeístas, também praticaram ao se distanciarem categoricamente do culto da fertilidade cananeu, como relatado no período do profeta Elias frente os rituais dos sacerdotes de Baal. Entendimento este que migrou não apenas para a modernidade nos âmbitos dogmáticos, mas também para ciência moderna, como o caso de Isaac Newton, que afirmava o mundo como um mecanismo sem alma, como contrapartida à afirmação aristotélica da existência de uma alma.⁹⁵

O caminho tomado por algumas correntes, fundamentadas em um aspecto restritivo do pensamento judaico, resultado de um perímetro histórico específico e da manifestação de uma religiosidade competitiva e egocêntrica, delineou estradas embarreiradas ao diálogo com outras tradições e, conseqüentemente, um parco entendimento na imersão do sagrado no mundo que fora criado. Com esse pensamento em voga, Moltmann pontua uma cabal consequência para o seio teológico herdado:

Na modernidade, Deus foi pensado dissociado do mundo, para que, dessa forma, o mundo pudesse ser dominado sem a presença incômoda de Deus e sem ele o homem pudesse viver no mundo. Se Deus está somente no além, então está permitido dominar o aquém sem Deus e a partir de concepções de vida próprias⁹⁶.

Esse distanciamento de Deus da sua criação, derivado do receio de uma adoração à obra criada em detrimento do criador, cabalmente, secularizou o mundo,

⁹⁴ MOLTSMANN, J., Há esperança para a criação ameaçada?, p. 26,27.

⁹⁵ MOLTSMANN, J., Há esperança para a criação ameaçada?, p. 27.

⁹⁶ MOLTSMANN, J., Há esperança para a criação ameaçada?, p. 28.

resultando um mundo sem Deus, já que Deus é um ser sem mundo, na constatação da sua impessoalidade gerativa.

Como sinais de esperança para um mundo (pós) pandêmico que anseia por companhia e, possíveis, intervenções divinas, a teologia moderna abraçaria as necessidades desse mundo real, tangível e passional, não assimilando um Deus manipulador das cenas, mas, segundo a tradição rabínica nos proveu, um Deus contraído e imerso no mundo que cria, um Deus que não se distancia, mas se aproxima, e sua proximidade tem peculiaridades distintas das ações deterministas de origem fundamentalista. Esse conceito veremos a seguir.

4.1.2

Ato criador e o *Zimzum* – pessoalidade, passionalidade e aproximação

Quando tratamos a respeito da criação de algo, algumas noções que podem permear o ato criativo, uma delas é a superioridade e poder daquele que se autodesigna o papel de criador, outra é a constante passividade do que fora criado, já que ele, em suma, é dependente da manipulação do seu idealizador. Entretanto, quando se trata da criação como ato divino, o que entra em cena não é o poder e a majestade deste, mas sua diminuição e contração, sua iminente humilhação para gerar algo em si, diferente de si, mas que compartilha tempo e espaço em comum, um ser que tenha autonomia e abertura para agir em constante geração a partir de seus horizontes.

A criação foi desejada, amada e concebida em Deus desde o início: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1). Esse texto, de tradição sacerdotal, utiliza o verbo hebraico *bara* (criar) para designar esse ato criativo, para ampliar o entendimento a respeito desse ato. Faz-se necessária a distinção de dois verbos que compõem esse primeiro capítulo, e que por vias de similaridade não podem ser confundidos em sua amplitude, *bara* (criar) e *asah* (fazer). *Bara* designa a totalidade da criação, conforme Gênesis 1,1; na contrapartida, o verbo *asah* indica a realização consequente de uma obra já principiada, como também a funcionalidade de determinada obra. Nesse aspecto apresentado, *asah* (fazer) se assemelha à produção e ao modelo de trabalho humano, distantemente, *bara* (criar) só é possível a Deus, pois o que precede esse ato criativo é o nada.⁹⁷

⁹⁷ PADILHA, A. A., Alguns aspectos para a leitura do conceito de criação no Antigo Testamento.

Deus cria a partir do nada, sem coação, imposição externa a ele, sem fluxos atômicos que anseiam unir suas partículas. *Creatio ex nihilo* (criar de nada), para aplicação mais pedagógica dessa manifestação, a preposição “de” não aponta para algo existente, mas exclui todas as formas de matéria. O nada se evidencia na negação de algo que é. O nada somente pode apresentar-se em contraposição ao que existe como a sua negação, como o não ser, pois não tem substância própria.⁹⁸

Mediante o ato criativo, um questionamento pode vir à tona – como conciliar algo que fora criado e é distinto de Deus relacionando a infinitude divina e a atribuição de que ele ocupa todos os espaços, com possibilidades limítrofes de um local que ele não habitasse e de um ser que ele não manipulasse?⁹⁹ Ao se encontrar diante desses questionamentos, Moltmann parte do princípio cabalístico judaico do *Zimzum* que destaca, mas especificamente dos ensinamentos de Isaac Luria¹⁰⁰, o primeiro a aludir sobre o conceito.

Zimzum significa concentração e contração e indica uma entrega de si mesmo. Luria tomou a antiga doutrina judaica de *shekinah*, segundo a qual Deus pode contrair sua presença para, assim, morar no templo. Mas ele aplica isso a Deus na criação. A existência de um mundo fora de Deus é possível através de um investimento de Deus. Através dela se liberta uma “espécie de espaço mítico” “primordial” no qual Deus entra ao sair de si mesmo e no qual pode ser revelado. “Quando Deus se retira de si mesmo, pode produzir algo que não é nem essência nem ser divino”. O Criador não é um “motor imóvel” do universo. Em vez disso, precede a criação neste automovimento de Deus que lhe permite o espaço de seu próprio ser. Deus entra em si mesmo para sair de si mesmo. “Criar” as condições necessárias para a existência de sua criação, retirando sua presença e seu poder. “Na autolimitação da essência divina que, em vez de agir para fora em seu primeiro ato, ele se volta sobre si mesmo e surge do nada”. A força afirmativa da abnegação de Deus torna-se a força criativa na criação e para a salvação.¹⁰¹

Para Luria, o primeiro ato divino não foi a emanção, como acreditava a tradição judaica, mas sim sua retirada, isso responderia o questionamento de que se Deus permeou todo espaço, como haveria espaço para outra coisa além dele existir? Deus retirou sua presença “de si para si”, retirando-se em todas as direções de um ponto no centro de seu infinito, por assim dizer, criando assim um vácuo. Esse *nihil*,

⁹⁸ LA PEÑA, J. L., El mundo há sido creado por Dios libremente. .

⁹⁹ BASTOS, L.; MOLTMANN, J., O futuro da criação, p. 124.

¹⁰⁰ De acordo com Levy Bastos: Isaac Luria foi filho de imigrantes alemães que se radicaram em Jerusalém. Foi educado no Cairo, onde atuou como místico desde 1569. O que se conhece a seu respeito é fruto, acima de tudo, do que seus discípulos escreveram. Como cabalista, a grande contribuição de Luria foi a sistematização da doutrina de Mose Cordoveros. Os pontos mais marcantes de seu pensamento são a autolimitação de Deus e a doutrina da imigração das almas, a qual ele deu um caráter cósmico-universal. (BASTOS, L.; MOLTMANN, J., O futuro da criação, p. 124.)

¹⁰¹ MOLTMANN, J., Dios en la Creacion, p. 101.

o nada, o vácuo, foi o que serviu como local da criação. Segundo a Cabala¹⁰², Deus emanava sua luz sobre todo o universo, e, por sua vez, recolhe então essa luz e concentra em si mesmo, para propiciar em si o espaço vazio para a criação. “Deus recolheu sua onipresença para arranjar espaço para a presença finita da criação. Assim surgiu a criação no espaço da quenose de Deus”¹⁰³.

Moltmann se aprofunda no conceito e na sua proposta, e não apenas traz Deus para se entender a criação, mas também traz a companhia divina para o futuro e a conservação mundo criado. Os apontamentos de uma criação destituída de cuidado, refletem na humanidade um desconhecimento de um Deus inteiramente envolvido com a geração, manutenção e convergência do que criou. O descaso com a terra e os amplos desgastes ecológicos comprovam que a indiferença não compactua com a deferência divina. Deus não é o ser onipotente apático à criação, mas se apresenta nela, se faz presente nela e participa dela.

Moltmann amplificará a interlocução da tradição cabalística com a cristã, provocando mais alguns conceitos que aperfeiçoarão o entendimento da relação de Deus com o que foi criado, tal como o princípio de autodeterminação divina. Ao criar algo não divino, que coexiste com seu ser divino, Deus traz, a partir desse ato, registros a respeito do seu próprio ser. Deus determina primeiro a si mesmo, para então determinar o mundo. Por consequência da sua autodeterminação, Deus como criador de um mundo não divino expressa sua autolimitação, sendo assim, nos afirmará Moltmann a respeito dessa característica:

De suas infinitas possibilidades, Deus realiza essa e renuncia a todas as outras; à determinação como criador está ligada uma consideração por sua criação que permite a ela espaço, tempo e movimento próprio, de modo que ela não seja esmagada pela realidade divina, nem tragada por sua infinidade.¹⁰⁴

Outra percepção provocada em Moltmann é que a criação também é um ato de autorretração divina, ele cita alguns teólogos que substanciaram esse conceito desde a patrística, com Nicolau de Cusa, a teólogos mais recentes como Emil Brunner, que contribuíram para uma teologia da criação, demonstrando que, na envolvimento divina com a criação finita e frágil, Deus se esvazia¹⁰⁵ e, a partir de então tem continuidade na descida até seu povo até chegar no seu ponto mais

¹⁰² MATT, D., *The Essential Kaballah*, p. 27.

¹⁰³ MOLTSMANN, J., *Ciência e Sabedoria*, p. 86-87.

¹⁰⁴ MOLTSMANN, J., *Ciência e Sabedoria*, p. 85-86.

¹⁰⁵ MOLTSMANN, J., *Ciência e Sabedoria*, p. 87.

profundo, “assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos seres humanos. E reconhecido em figura humana” (Fp 2,7). Moltmann ainda salienta que “desde a criação até a redenção, passando pela reconciliação, os autorrebaixamentos e os autoesvaziamentos de Deus se aprofundam”¹⁰⁶. A questão que ficaria aqui é por que isso ocorreria? Qual a necessidade desse ato diminuto no divino? Que tipo de experiência isso revela e que realidade está aqui expressa? Moltmann aponta para uma resposta:

Por quê? Porque a criação vem do amor de Deus, e esse amor respeita a existência de todas as coisas e a liberdade das criaturas humanas. Um amor que dá espaço, permite tempo e exige liberdade é a força do amante que pode se retrair, para fazer o amado crescer e vir. Por isso faz parte do amor criador não apenas a autoentrega, mas também a autolimitação, não apenas a afeição, mas também o respeito pela singularidade do outro. Se aplicarmos essa ideia à relação com o criador para com suas criaturas, segue-se daí uma limitação da onipotência, da onipresença e da onisciência da divindade por consideração aos espaços de vida das criaturas.¹⁰⁷

O Deus que se autocontrai, se autodetermina, se autorrebaixa para dar espaço ao mundo que criara se abre estendendo esses espaços para que sua criação promova tantas outras criações a partir de si mesma, como no relato de Gênesis, quando no terceiro dia Deus incumbiu a terra a produzir, “a terra fez brotar a vegetação: plantas que dão sementes de acordo com as suas espécies, e árvores cujos frutos produzem sementes de acordo com as suas espécies” (Gn 1,12). Esse coprotagonismo criativo também foi promovido ao ser humano quando, no relato javista da criação, relata: “ainda não tinha brotado nenhum arbusto no campo, e nenhuma planta havia germinado, porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e também não havia homem para cultivar o solo” (Gn 2,5) A condição indispensável para a geração da vegetação não estava simplesmente na autonomia da terra, não era *causa sui*, mas partiria do ser humano como promotor da força motora a principiar e assim impulsionar a terra para, só assim, iniciar seus processos autônomos.

Deus concede espaço para um cocriador, permite que esse dê nome aos animais e se identifique como cuidador do território em que estava inserido. A terra que ficou sob seus auspícios, após a queda e o distanciamento humano de si mesmo, do outro e de Deus, se percebeu desvencilhada do seu cuidado, por isso, Paulo reverbera o clamor dessa terra:

¹⁰⁶ MOLTSMANN, J., *Ciência e Sabedoria*, p.88.

¹⁰⁷ MOLTSMANN, J., *Ciência e Sabedoria*, p.88.

Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. De fato, a criação foi submetida a vaidade não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente. (Rm 8, 19-22)

Os apontamentos ecológicos que demonstram o descaso e descuido da terra encontram, na descrição paulina, encaixe e coesão. A criação “foi submetida” não pelo seu desejo, não partiu de sua autonomia, a terra autônoma apenas cria, mas não gerencia todos os processos no entorno. A outra força autônoma e criativa foi dada essa responsabilidade, o ser humano, e este se absorveu em suas demandas vaidosas e egocêntricas, permitindo a terra sofrer e clamar com “gemidos” e “dores de parto”.

A terra “submetida à vaidade” guarda em si a esperança de também ser redimida e liberta das tramas do capital que insiste em exaurir seus recursos. A esperança reservada no âmago da terra não é uma mera expectativa infundada, não é uma expectativa idealizada e alienante, mas sim baseada em um princípio identitário – a relação do ser humano com Deus. Paulo acentua que essa criação anseia por uma manifestação específica, isto é, a dos filhos de Deus. O aspecto filial é explorado, pois há neste uma apropriação de natureza, como Pedro nos pontua em sua carta: “Pelo poder de Deus nos foram concedidas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade... para que por elas vocês se tornem coparticipantes da natureza divina” (1Pe 1,3-4). Portanto, a revelação, a manifestação dos filhos de Deus à criação requerem o entendimento de que Deus, o Pai, agiu para que, assim, seus filhos, coparticipantes de sua natureza, assumam esse papel diante das necessidades da terra.

A esperança reside no ser humano que se autodetermine, autocontraia, se autoesvazie, que não assuma o papel de voraz detratador e desenfreado consumista, mas que cuide, preserve, mantenha, e que, ao tomar consciência de ser a imagem e semelhança, não se promova a dominador e tirano da terra, assimilando o pensamento cartesiano denunciado por Moltmann:

No seu entender o ser humano se tornaria “senhor e proprietário da criação” por meio da ciência e da técnica. Ele (Descartes) dividiu o mundo entre a *res cogitans* do espírito humano e a *res extensa* da natureza. O espírito reflexivo (pensante) vê na natureza apenas o objeto de extensão mensurável. A redução do conhecimento da natureza a mera metrificação acabou por se converter num dos fundamentos da moderna ciência natural.¹⁰⁸

¹⁰⁸ MOLTSMANN, J.: BOFF. L., Há esperança para a criação ameaçada?, p. 22-23.

Esse pensamento técnico-científico instrumentalizou a Terra, compreendendo que ela era um mero objeto enquanto o ser humano é o sujeito autorizado a manipular seus processos pelo status de profunda dependência que a terra mantém em relação ao ser humano. Todavia, Moltmann nos conscientiza da seguinte realidade a respeito da Terra: “Ela tem criado até os dias de hoje as condições ideais para a preservação da vida de todos os seres humanos... não foi a terra que nos foi confiada, mas sim nós que fomos confiados aos cuidados dela”¹⁰⁹. Portanto, a relação com a terra precisa ser provida de gratidão por essa ceder espaço à autonomia para a inserção do ser humano, a Terra se autocontrai para permitir a absorção de outro ser em seu perímetro – numa relação positiva e saudável de interdependência, de permissão de espaços compartilhados, de mutualidade na entrega e na dedicação.

Há esperança para a Terra no mundo (pós) pandêmico? O cenário apresentado no segundo capítulo deste trabalho, aponta para uma Terra de notórias riquezas naturais, com imensa biodiversidade, além de possuir seis biomas, dentre eles a destacada Amazônia. Entretanto, na ânsia de se desfazer das suas responsabilidades e nutrir os aspectos intervencionistas divinos, o ser humano se autocompreende como o proprietário dessas riquezas e, portanto, delas fará uso como bem entender. A imagem divina que nutre pauta as suas condutas. Já que Deus controla e manipula todos os processos, o ser humano, se entendendo como imagem e semelhança deste, aplicará as mesmas posturas no ambiente que vive. Usurpador dos espaços, o ser humano não percebe a Terra como um organismo vivo, mas apenas um objeto a ser usufruído em sua passividade. As florestas são assustadoramente desmatadas, à revelia do que elas mantêm de vida, o ser humano desapropria as necessidades vitais substituindo-as pelas suas necessidades comerciais. O agronegócio se vale do discurso de manutenção econômica e superexplora e desmata, no lugar da floresta há grandes pastos para o gado, lavouras de soja e algodão.

Insistimos na pergunta: há esperança para a Terra no mundo (pós) pandêmico? A resposta desse tópico está na semelhança e na identificação do ser humano com o Deus que na sua auto-humilhação, autorretração, dá espaço à terra e não se apropria dela como um ditador, com o Deus que respeita a autonomia da Terra que criou, permitindo que ela seja criadora, com o Deus que faz da criação

¹⁰⁹ MOLTSMANN, J.: BOFF. L., Há esperança para a criação ameaçada?, p. 19.

sua obra de amor e não um monumento de poder que manifestaria medo aos que a contemplam, mas como uma peça que encanta, inspira, conecta o ser com suas realidades mais profundas, a *Shekinah*. “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Sl 19,1). A Terra irrompe vida de dentro de si e, por vezes, é sufocada na sua atuação, por isso, ela clama pela manifestação quenótica dos filhos de Deus, daqueles que assumem a postura divina do autoesvaziamento e, ao se reconhecerem em Deus, absorvem sua conduta e postura na Terra. Quando há o humano que se assemelha às características do seu criador, aquele que ama e que, ao amar, permite sem afetações no ego a vida se manifestar sem a interferência de algum cetro de poder, favorece como facilitador primaz uma redenção nos cenários de catástrofe e destruição – assim há esperança. Ela se manifesta. Esperança baseada na autocompreensão humana em sua identidade de filhos e filhas de Deus que evocam um autorrebaixamento e não uma onipotência que se assenhora e se distancia das relações, uma esperança fundada na gratidão a uma terra que se entrega e permite a um outro ser transitar e usufruir de suas benfeitorias.

No próximo tópico, buscaremos compreender o sagrado que vai em direção ao seu povo e habita entre eles para demonstrar os caminhos e as pontes de acesso às rupturas relacionais e descaso com o outro que experimentamos em nossos tempos.

4.2

O Deus que habita o mundo como resposta às relações em mundo (pós) pandêmico

Como Deus habitou neste mundo? A questão aqui não consiste em antecipar processos e tratar a respeito da quenose do Filho, mas sim buscar apreender os processos que, após a criação, Deus realizou na interação com suas criaturas. Logo nos primeiros capítulos do Genesis, há um apontamento a respeito disso: “Eles ouviram o passo de *Iahweh* Deus que passeava no jardim à brisa do dia (...)” (Gn 3,8), Deus caminhava em meio as suas criaturas e, por mais antropomórfica que seja a linguagem javista, o relato conduz para uma experiência cujas visitas ocorriam recorrentemente. “Vinde! Desçamos! Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros. *Iahweh* os dispersou dali por toda a face

da terra” (Gn 11,7-8). Essas incursões divinas permaneceram e foram destacadas na história do povo judeu.

Veremos como os aspectos da teologia de Moltmann nos permitem absorver essa interação e a habitação de Deus em meio ao seu povo.

4.2.1

A *Shekinah* e o autorrebaixamento divino

Uma das questões importantes da teologia de Moltmann está no intercambiar que ele realiza entre a teologia cristã e a teologia judaica a respeito da ação e da presença de Deus no mundo. Moltmann nos apresenta a antiga teologia rabínica e a doutrina cabalística da *Shekinah*. Ao apresentar esse conceito, nos aproxima da perspectiva de que Deus passou por seguidas auto-humilhações originadas pelo que ocorrera fora dele, aquilo que cria e, a partir de então, mantém uma relação interdependente.

A história do mundo ocorre mediante uma série de auto humilhações divinas que a constituem: a criação, a escolha dos patriarcas, a aliança com o povo, o êxodo e o exílio são formas dessa auto-humilhação de Deus. Quanto a passagem do Sl 18,36, que segundo Lutero reza: “Quando me humilhas, me engradeces” – os rabinos o entendiam dessa forma” “Grande em mim revelas a tua auto-humilhação” (...) o excelso vai ao encontro dos homens nas suas coisas pequeninas e desprezíveis. Essas auto-humilhações devem ser entendidas como as acomodações de Deus às fraquezas humanas.¹¹⁰

A auto-humilhação divina presente na *Shekinah* abrange três aspectos que precisarão ser elencados para sua melhor apreensão, são eles: a efetiva habitação do Senhor no meio de Israel, a condescendência do eterno e o prenúncio da glória daquele que há de vir.¹¹¹

A partir dessas compreensões, o povo de Israel não se percebe sozinho em sua caminhada, pois Deus está entre eles, Deus habita em meio ao seu povo, como nos sinalizam os textos veterotestamentários: “Souberam que tu, Iahweh, estás no meio deste povo, a quem te fazes ver face a face; que és tu, Iahweh, cuja nuvem paira sobre eles; que tu marchas diante deles, de dia numa coluna de nuvem e de noite numa coluna de fogo” (Nm 14,14); “Iahweh teu Deus anda pelo acampamento para te proteger” (Dt 23,15). A perspectiva de que Deus caminhava entre eles

¹¹⁰ MOLTSMANN, J., Trindade e Reino de Deus, p. 41.

¹¹¹ MOLTSMANN, J., Trindade e Reino de Deus, p.41.

perpassa a história de Israel desde o relato edênico: “Eles ouviram o passo de Iahweh Deus que passeava no jardim à brisa do dia” (Gn 3,8). Com essa inclinação divina e como proposto pela *Shekinah*, a auto-humilhação de Deus nos permite ver Deus assimilando os dramas e as tramas da história da humanidade. Não de forma distanciada e transcendentalizada, mas imanente e absorvendo cada uma das passionalidades inerentes aos autônomos protagonistas com os quais Deus se relacionava.

A tradição judaica assimilou símbolos que sinalizavam cotidianamente ao seu povo a experiência de um Deus que estendeu sua tenda entre eles, as colunas de nuvem e fogo, a arca da Aliança, o Templo em Jerusalém, cada um desses signos reverberavam a presença da *Shekinah* divina. É notória a compreensão do povo a respeito desses símbolos, pois quando a Arca da Aliança é capturada pelos filisteus, como relatado no livro de Samuel, capítulo 4, há uma profunda desilusão e desamparo entre eles, e como expressão desse ocorrido, a mulher do sacerdote Fineias, ao dar à luz ao seu filho, deu-lhe o nome de *Icabod*, “foi exilada a glória de Israel” (1Sm 4,21). Os signos apresentados ao povo aprofundavam a compreensão da presença e da habitação divina entre eles.

Moltmann aponta para alguns questionamentos que colocariam em dúvida a presença da *Shekinah* em longo período histórico, quando em 587 a.C. os babilônios destruíram a cidade e o Templo erguido por Salomão.

Deus se retirou de sua “habitação” terrena para sua presença eterna no céu? Isso seria o fim de sua aliança e a morte de Israel, o povo de Deus. Ou sua “*shekinah*” peregrinou com o povo cativo para o exílio babilônico e continuou habitando “em meio aos israelitas”, embora agora sem pátria, rebaixados, exilados e expostos às perseguições dos povos poderosos e seus deuses? Essa segunda resposta manteve a fé de Israel em Deus na destruição e no exílio até hoje. Desde então a *shekinah* de Deus se tornou companheiro de viagem e de sofrimento dos israelitas sem pátria. O povo sofreu perseguição e exílio, e a habitação de Deus sofreu com eles. “Em toda a angústia dele foi ele angustiado” (Is 63,9).¹¹²

Moltmann acentua que, na mística judaica, a *Shekinah* foi concebida de modo hipostático e personificado e, portanto, não se reconhece apenas como uma propriedade de Deus, mas sim o próprio Deus, entretanto, de maneira considerada pelos próprios místicos misteriosa, ocorre uma ruptura na vida e atuação divinas. A partir desta ruptura, uma outra proposta vem à cena pelos cabalistas, o “exílio da *Shekinah*”, que só se desfaria na redenção, quando será reconstruída a harmonia dos

¹¹² MOLTSMANN, J., *Ciência e Sabedoria*, p. 83.

mundos, momento em que tudo retorna ao local originário, de acordo com o plano da criação. Moltmann menciona Franz Rosenzweig, um dos mais importantes teólogos judeus do século XX, quando este diz acerca da proposta acima:

Entre o “Deus dos nossos pais” e o “resto de Israel” a mística lança a sua ponte mediante a doutrina da *Shekinah*. A *Shekinah*, a descida de Deus sobre os homens e sua habitação entre eles, apresenta-se como uma divisão que ocorre no seio do próprio Deus. Deus separa-se de si mesmo, aliena-se junto ao seu povo, sofre suas dores, acompanha-o nas misérias do cativo, peregrina com ele nas suas peregrinações... O próprio Deus, enquanto “se vende” a Israel e participa do seu destino, e o que seria mais natural para o “Deus de nossos pais”? Passa a necessitar de salvação. Nesse sofrimento, na sua relação com o Resto, Deus projeta-se para fora de si.¹¹³

A história de Israel foi marcada por trajetos de insucessos, perseguição, escassez, sofrimento, catástrofes de ordem natural e pelas empreitadas bélicas que lhe assaltaram. Diante das instabilidades do seu povo, Deus assumiu as dores e caminhou em meio às adversidades do seu povo. Num franco e constante processo de auto-humilhação, Deus se contrai para exercer misericórdia, coloca o coração e assume em si a condição da miserabilidade humana. As batalhas são de Deus, pois ele investe e se apressa em se apresentar para aqueles que invocam e fazem questão de sua presença.

4.2.2

A condescendência divina e o prenúncio da glória que há de vir

No esforço em direção à condescendência divina promovida por sua *Shekinah*, da flexibilização e tolerância que visa o outro, da transigência diante do diferente, podemos elencar a seguinte problematização: como Deus continuaria portador de seus atributos e mesmo assim habitaria e se relacionaria com as realidades humanas? Principalmente, em se tratando da questão comum e fundamental das dogmáticas teológicas, a onipotência divina. Ressaltamos que há ainda um escândalo presente no conceito da *Shekinah* perante as recorrentes percepções e elucubrações a respeito dos deuses que compunham o cenário da época, já que aquela se funda numa diminuição divina, enquanto estes baseiam-se em divindades pluripotentes, ditatoriais e envaidecidas em seus anseios e desejos que tornariam os seres humanos seus subservientes. Partindo do conceito de

¹¹³ MOLTSMANN, J., Trindade e Reino de Deus, p. 42.

Onipotência divina, Moltmann menciona Hans Jonas e a contribuição que esse proporciona para o entendimento do conceito:

Onipotência para ele é um conceito sem sentido, pois onipotência é um poder sem objeto e representa, portanto, um poder impotente. O poder é um conceito relacional e liga um sujeito dominador a objeto dominado. O poder de criador de Deus contém, portanto, uma “autorrenúncia ao poder ilimitado” por amor às criaturas. Se Deus se envolve com este mundo como criador, ele também se entrega a esse “mundo em formação”. O que sucede a este, também sucede a Deus. Como criador, Deus se torna uma parte do destino deste mundo. Hans Jonas chama esse destino de “odisseia do universo”. Deus se torna dependente do mundo, assim como o mundo se torna dependente dele. Eles compartilham uma história em comum.¹¹⁴

A questão a respeito da onipotência divina tem entrado em cena nos debates teológicos dos últimos tempos por querer justificar os anseios de seus interlocutores, por esse desejarem se identificar com aquilo que adoram, numa relação transferencial, ou seja, o ser se parece ou se transforma naquilo que adora. O salmista recepciona esse pensamento quando escreve: “Os ídolos deles são prata e ouro, obras das mãos humanas (...). Os que os fazem ficam como eles, todos aqueles que nele confiam” (Sl 115, 4-8). Ter todo poder é extremamente sedutor para aqueles que querem manejar o outro. Diferentemente das incursões de um Deus que se auto-humilha, o todo poderoso se mantém no controle de todas as coisas, e não entendamos aqui “coisas” apenas como objetos inanimados ou que não se enquadram na *res cogitans* cartesiana, mas todos os indivíduos que se apresentam diante do ambicioso dominador.

O teólogo reformado suíço Emil Brunner, ao tratar sobre a onipotência divina adverte que a teologia especulativa proveu o ensino acerca deste atributo divino com ares de absolutismo, o que, em se tratando da figura divina, não se discutia, já que sendo Deus não haveria algo que não pudesse fazer.

A relação entre a ideia do Ser e a ideia de Deus na teologia especulativa, porém, traz consigo um conjunto de problemas ainda mais perigoso, que pode terminar por confundir a Onipotência de Deus com *potentia* ou com *potestas absoluta*. Pois, se a Onipotência de Deus é entendida como *potestas absoluta*, então esta ideia absorve toda independência da criatura. Deus, o Todo-Poderoso, se torna Aquele que só pode efetuar algo, que novamente leva logicamente à ideia de que Ele é a Única realidade, e isto significa Panteísmo, ou “Teopanismo”.¹¹⁵

Brunner deixa evidente, em sua Dogmática, que o problema criado pela ideia de *potestas absoluta* não surgiu na tradição judaico-cristã, não é oriundo da Bíblia,

¹¹⁴ MOLTSMANN, J., *Ciência e Sabedoria*, p. 88, 89.

¹¹⁵ BRUNNER, E., *Dogmática*, p. 328,329.

pois a onipotência diz respeito à relação de Deus com aquilo que ele criou, por isso se faz necessário acentuar que onipotência tem a ver com um atributo de Deus e não com sua essência, não é uma concepção do seu ser que o dito joanino evidencia como amor, “Deus é amor” (I Jo 4,8). Um atributo ora se faz uso, ora não, a essência é aquilo que se é e, portanto, não se abdica numa relação, será uma certeza manifesta.

Por meio de sua *Shekinah*, há abdicação dos seus atributos, há uma interrupção que se autoimpõe, há uma decisão em direção ao corte de si para não ocorrer o corte no outro, há “olhos abertos e ouvidos atentos à oração que é feita” (2Cr 7,15), isto é, uma inclinação aos clamores do seu povo. Inclinação essa que revela amor e não anseio de sucumbir o outro no aprisionamento que ignora sua autonomia, corresponsabilidade criativa e o agir engajado no mundo como seu cocriador e formulador de novas realidades.

Amor, responsabilidade, cuidado e socorro encontram o seu limite na independência da outra pessoa. Responsabilidade que se assume pelo outro deve retroceder quando o outro retorna para si mesmo e move a sua própria vida, senão a responsabilidade se converte facilmente numa forma de desejo de poder (*Herrschaft*). Jesus também não veio para, através de seu serviço, manter as pessoas acorrentadas e nem para se fazer imprescindível. Ele sempre disse: “A tua fé te salvou”, quando as pessoas queriam agradecê-lo por curas: a tua própria fé!¹¹⁶

A oração respondida por alguém não arregimenta para si o poder controlador, mas lança para o outro o universo das potencialidades existentes dentro de si. O imprescindível aqui é o encontro consigo, após se se perceber fragmentado e sem perspectivas. A grandeza de Deus não está no poder que este tem, mas sim no amor que ele manifesta. Amor que serve de ponte e acesso para encontros amorosos do ser humano consigo mesmo, como nos afirma Moltmann, “o amor-próprio é a medida do amor ao próximo”¹¹⁷ e serve para aplanar caminhos em direção ao outro: “Como alguém que não ama a si mesmo, pode amar ao seu próximo? (...) Uma pessoa que odeia a si mesma também não odiará a seu próximo?”¹¹⁸.

A condescendência divina promove a esperança de seres transigentes que apontam caminhos de concórdia e assimilam as diferenças. Aqueles que entenderam que, de fato, amar é o exercício das diferenças e não a potência que

¹¹⁶ MOLTSMANN, J., *Diaconia no horizonte do Reino de Deus*, p. 70.

¹¹⁷ MOLTSMANN, J., *Diaconia no horizonte do Reino de Deus*, p. 65.

¹¹⁸ MOLTSMANN, J., *Diaconia no horizonte do Reino de Deus*, p. 66.

impõe vontades em detrimento do reconhecimento das necessidades e limitações alheias.

Por fim, a *Shekinah* é o prenúncio da glória do que há de vir, e aqui precisamos retomar o conceito de auto-humilhação desta, para nos apropriarmos da última característica que anunciamos. Para criar, Deus se contrai e possibilita dentro de si o vazio, o nada necessário, portanto, como dissemos em parágrafos anteriores, o primeiro ato divino não foi a emanção, mas sua retirada. No percurso dessa retirada, a tradição cabalística ensina que ocorreu um estilhaçar, uma dispersão da *Shekinah*, o que foi denominado de “exílio da *Shekinah*”. Por sua vez, a forma como a Cabala encara esse exílio não é passiva ou contemplativa, mas envolta de uma atividade e de um engajamento ímpar, o ser humano tem uma influência direta nesse evento. Uma das orações diárias do povo judeu é conhecida como *Shema Israel* (ouve Israel), seu conteúdo versa no texto do livro de Deuteronômio, que anuncia: “Ouve, ó Israel: *Iahweh* nosso Deus é o único *Iahweh*!” (Dt 6,4. Não se trata, segundo essa tradição, de uma visão reducionista de superioridade religiosa, mas em detrimento disso, trata do esforço de oração e das práticas humanas que corroboram e promovem a unificação e, conseqüente, reunião do que fora exilado, o que ficou conhecido como *Tikkun*.

Na experiência histórica de Deus, na experiência do exílio, a oração do *Shema Israel*, segundo Franz Rosenzweig, significa o seguinte: “Professar a fé na unidade de Deus, e o judeu chama isso unificar a Deus. Pois essa unidade existe enquanto se opera; ela é um fazer-se unidade. E esse fazer-se está nas mãos e na alma do ser humano”. Pela oração que professa a fé, a *Shekinah* perseguida reúne-se a Deus, e Deus se reunifica com a sua *Shekinah* alienada. Isso ocorre nesse mundo hostil, e é um sinal de esperança naquela glória futura, em que o Deus único, em um mundo completamente convertido e reordenado, “será tudo em todos”.¹¹⁹

O prenúncio da glória que há de vir conclama o favor humano para sua chegada, a partir do *Tikkun*, a reparação e reunião dos aspectos dessa glória chegará e nisso consiste a oração do *Shema Israel*. Para tanto, ressaltamos que não é apenas a prática devocional e estática da oração, mas a junção desta com as práticas coerentes da fé que se professa, e nisto está embasada nas ações em direção ao cuidado do outro. Só haverá glória manifesta no futuro, se ocorrer amor manifesto no mundo presente. O Deus que vem em direção aos seus vocacionou estes para irem em direção uns aos outros e, assim, reduzirem a *hybris* e o individualismo.

¹¹⁹ MOLTMANN, J., Trindade e Reino de Deus, p. 43

A *Shekinah* denuncia as indiferenças de um mundo que assimilou para si o desejo de acúmulo, poder e riqueza. O mundo que favorece o descaso governamental e das relações pessoais, que favorece o objeto e menospreza os sujeitos, que age dia-bolicamente, maquiando, a partir das ideologias que constrói, o real desejo de separar e não de ajuntar.

As esperanças serão restauradas e reunidas quando estivermos engajados em orações e práticas de uma fé coerente ao Deus de Israel, e assim promovermos uns aos outros a vida que falta, preencheremos os requisitos do juízo escatológico, “pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes verme” (Mt 25, 35-36), assumindo para si, a responsabilidade do ato criativo e transformador e reunificador das dispersões que reunidas provocam cura nos ambientes doentios.

Na *Shekinah*, encontramos um Deus que se submete para provocar plenitude aos seres, no *tzimtzum* a autorretração daquele que abriu espaço para a experiência do diferente, e através da *Tikkun*, assimilamos nosso compromisso em direção à promoção dos horizontes de vida no outro. Sendo assim, reúnem-se todos os fatores necessários para a glória que há de vir, ser reparada pelas instâncias do agir humano, e só assim compreenderemos o que nos afirma Franz Kafka: “O Messias chegará apenas quando ele não for mais necessário, ele chegará apenas no dia posterior à sua chegada, ele não chegará no último dia, mas no último dos últimos”¹²⁰. A aparente contradição da frase apenas reflete o que está na contramão do que é propagado, ou seja, o Messias não vem para resolver as impossibilidades humanas, mas sim para legitimar a realização do trabalho realizado por aqueles que se engajaram para, a partir de sua práxis, “unificar” Deus.

No próximo tópico, refletiremos sobre o *pathos* divino e a inteireza divina na entrega que este realiza em direção à humanidade. O Deus que sofre e se irmana nas dores desse mundo. Aquele que não se retira, mas imerge nas profundezas dos sofrimentos.

¹²⁰ KAFKA, F., Hochzeitsvorbereitung auf dem Lande und andere Prosa aus dem Nachlass, p. 67.

4.2.3

***Shekinah* como esperança nas relações humanas**

Há esperança para as relações humanas em um mundo (pós) pandêmico? A pandemia revelou o descaso pelo outro, inúmeras *fake news* subsidiaram a manutenção do discurso de poder que visava se perpetuar, monopolizando alguns setores e, por sua vez, com grande expressividade, o ambiente religioso. Como apontamos no segundo capítulo, paulatinamente, as palavras que deveriam gerar vida e transformação nas estruturas foram instrumentalizadas para aprisionar pessoas, vide a contradição do anunciado texto “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,32). Infelizmente, a “verdade bolsonarista” não era a que liberta, mas sim a que acorrenta as pessoas nos monólogos e na reprodução de informações descontextualizadas.

No esforço de apresentar nesse tópico um Deus que habita em meio ao seu povo e assim obter os subsídios para que nutram a esperança no cuidado, no respeito e dedicação ao outro, trazemos a verdade que liberta não porque se impõe, mas sim porque se auto-humilha e não anseia pelo dia-bólico e desejado “poder absoluto”. Assume o papel cooperador na construção de novas realidades. Não faz uso de poderes milagrosos e supraternos, mas caminha com seu povo em todo tempo e em todo momento se abre às realidades que estes também lhe propõem. Deus compartilha as histórias e as cenas, não tem o *script* fechado, mas um futuro aberto que será construído por diversas mãos. Repete, rotineiramente, o feito inicial de abrir o espaço vazio dentro de si para prover espaço para o outro existir sem os mandos e desmandos de um dominador.

Há esperança no Deus que habita e caminha junto ao seu povo e que nos convida a orar cotidianamente o *Shema*, e que, por sua vez, nos provê o reconhecimento de que ele só é único quando nos unimos numa práxis de oração em direção ao outro, tal como Jesus advertiu: “a fim de que todos sejam um. E como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, também eles estejam em nós” (Jo 17,21). Como no *Tikkun*, em que o favor humano em direção ao divino faça reunir o estilhaçamento de uma glória que antes de emanar se retirou para dar lugar ao outro. É na condução de uma experiência de unidade, dialógica, condescendente e que percebe o outro como a extensão de si, que o seu estilhaçar há de ser reunido, apenas nessa concepção a vida do outro não serve a estatísticas pandêmicas, mas há uma

reverência àquela manifestação do sagrado que, através da inclinação ao cuidado, revelará partes do divino acessível entre nós. Todas as vidas humanas importam e o descaso revela esse sombrio lado que se distancia do sagrado e da sua habitação entre nós.

Há esperança para as relações humanas e a relação com a vida por parte daqueles que se assemelham ao Deus que se auto-humilha. Daqueles que reconhecem que quanto mais distante do outro, mais distante de uma experiência viva com Deus. Daqueles que se inclinam para habitar e experimentar o contexto do outro tal como realizou o Bom Samaritano da parábola contada por Jesus. O Samaritano bondoso é o arquétipo existencial para o exercício da nossa condição humana. Ser humano se tornou adjetivo e não mais um substantivo que designaria o homo sapiens. Quando vemos alguém realizar uma ação de cuidado em direção aos necessitados desse mundo, referenciamos que a pessoa tem atos humanos. Nessa lógica, nos tornamos humanos, ao invés de sermos seres humanos, uma exceção naquilo que deveria ser a regra. “Quem é o meu próximo?” (Lc10,29) foi a pergunta que provocou a parábola, a questão implícita poderia ser: com quem devo me importar? Ou até mesmo: o que o próximo pode esperar de mim?

O “próximo” não é o provável. Não se ama alguém pelo que ele pode proporcionar em troca, não se ama pelas convergências de desejos que há entre os pares, isso tudo seria apenas o exercício das conveniências. Se ama quando, diante da necessidade do estrangeiro, do desconhecido, do adoecido, do marginalizado e em situação de rua, alguns que a sociedade taxaria como imerecedores, nos propusermos como resposta às carências destes. O amor revela a caminhada e a partilha da mesma habitação, nossa Casa comum e, através da comunhão, tornar comuns as tristezas, as dores e as faltas.

Há esperança para as relações em um mundo (pós) pandêmico quando este propaga a vida manifesta na *Shekinah* e se engaja em unir os estilhaços desta a partir do outro, o pobre que sofre com suas mazelas e com a aversão, carece de pão, mas também tem fome de relações, o doente que carece de cuidados terapêuticos e tratamentos médicos e que não lhe são viabilizados por um discurso de poder e por ideologias portadoras de frieza, do desempregado que anseia por criar realidades de manutenção aos seus. A esperança promove esses encontros. No encontro, temos diante de nós a decisão de prover vida ou morte uns aos outros. Abandonar o necessitado na beira da estrada ou o carregarmos em direção à cura.

Potencializarmos as feridas ou tratarmos delas com a reverência de quem assume a dor do outro para si mesmo. O Samaritano que sofria sendo marginalizado por judeus que o viam como imundo se irmana com as marginalizações do seu irmão prostrado no chão. Quem já sofreu com as mazelas do abandono não se atenta para a etnia, gênero, religião, condição econômica de quem se apresentou com feridas abertas a serem tratadas.

No próximo tópico, trataremos a respeito da dor e do sofrimento e sua relação com Deus.

4.3 A esperança no Deus que sofre conosco

O sofrimento se tornou um dos pontos mais complexos para o discurso religioso, principalmente, para a tradição judaico-cristã. Como alinhar atributos divinos como amor, misericórdia, bondade, cuidado com os cenários de pandemia, descaso, *fake news*, homicídios, parricídios, violência, assassinatos que ocorrem diariamente em nossa sociedade. Onde estaria Deus? Situar sua presença ou não presença desautoriza aqueles que falam de Deus? Onde a esperança se realiza em meio ao caos?

É na dor que surge a pergunta do homem sobre Deus, pois o sofrimento incompreensível põe em dúvida o conceito que o homem tem dele. O sofrimento de uma única criança inocente é uma incontestável contradição da imagem do Deus do céu, bom e todo-poderoso. Pois um Deus que deixa o inocente sofrer, que permite a morte sem sentido, não é digno de ser chamado de Deus.¹²¹

Perante os sinais de uma indiferença ou de um aparente sadismo de uma divindade sedenta de castigos e que instrumentalizaria de forma vingativa os agentes do Mal e do sofrimento nesse mundo, discorreremos nesse tópico sobre aspectos do Sagrado até encontrar o humano demasiado humano com suas respectivas responsabilidades, como também irresponsabilidades, perante a manutenção da existência alheia. Os sinais de esperança aparecem no amor de um Deus que nos convida a ser a extensão do seu cuidado e, conseqüentemente, preservação ao outro.

¹²¹ MOLTMANN, J., Trindade e Reino de Deus, p. 61.

4.3.1

Moltmann, Hans Jonas e Auschwitz: contradição à esperança?

O mal e o iminente sofrimento que o acompanha colocaram Deus no banco dos réus. Instaurado o juízo atemporal, entram em cena os discursos que promovem apontamentos, acusam, defendem, assinalam o deísmo indiferente, ou ainda há aqueles que retiram o sagrado da acusação, não por advogarem sua causa, mas sim por assumirem sua inexistência. Não se pune sujeito que inexistente. Não há Deus. O sofrimento experimentado por um sujeito e contemplado por uma seleta plateia de teóricos assume forma nas falas ou textos apresentados perante uma audiência, mas são simples peças de oratória, ordenamento de frases que, embora bem elaboradas, tornam-se frases fastidiosas, sem importância ao portador da dor, aquele que absorveu a violência pulsando no seu corpo.

O sofrimento é real, tem nome e sobrenome, geografia e contextos, parte dos discursos daqueles que anunciam sem pudor que seus fins justificam os meios e esses são cheios de ignomínias e sadismo. Uma dessas relações de dor e sofrimento mais gritantes na história reside em Auschwitz, e que, por sua vez, nos ajudará a entender em que evento se situa a esperança anunciada por Moltmann, já que à sua época, a pergunta que ecoava era: “Como falar de Deus depois de Auschwitz?”¹²²

Uma das vezes que se propuseram responder a essa pergunta indicou ampliar o campo das discussões propondo outros questionamentos: por que Auschwitz aconteceu? E mais: como não colocar a tradicional ideia de Deus em questão depois do ocorrido? Na sua obra *O Conceito de Deus Após Auschwitz: uma voz Judia*, Hans Jonas buscar responder essas indagações elencando uma resposta teológica nada ortodoxa. Essa apresentação tem a seguinte finalidade: fazer perceber alguns aspectos de Deus, sua relação com o mundo, bem como a própria divina recusa de sua onipotência. De acordo com a compreensão do próprio Jonas, Deus se caracteriza por ser um Deus que sofre, que é devir, que cuida e que está em perigo.

Apresentaremos de maneira sucinta esses pontos elencados por Hans Jonas e que tem aproximações com a teologia proposta por Moltmann. Como apresentado por Jonas, a primeira característica é a do Deus que sofre parte da perspectiva da falta de empatia e correspondência humana. O ser relacional que convida o humano para um entrelaçar, o diálogo, o fazer junto, vê o coprotagonista se tornar seu

¹²² MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 13.

antagonista. Deus lamenta a distância, o abandono denunciado nos profetas, o adultério provocado pelo seu povo. Como nos diz o autor: “não o encontramos lamentando ter criado o homem e sofrendo a decepção que experimenta com ele?”. O Deus que sofre na sua relação com o humano, sofre pelo amor que lhe dedica e pela intensidade de entrelaçamento. Esse amor vai além do que se pode imaginar, o teólogo Cesar Kuzma nos sinaliza essa interrelação de sofrimento e amor em Deus:

Esse sentimento capaz de sofrer é resultado de um amor que se solidariza com quem é amado e pelo qual faz tudo para libertar. Agora, em Jesus, Deus vai mais longe nesse amor. Ele, pelo qual foi criada a história, decide fazer-se história. Assume a humanidade por inteiro no ser de Deus, pois agora Deus-Homem sente na própria carne, sarx, o que sente um ser humano, com todas as limitações provenientes dessa situação, até mesmo a íntima relação entre o ser humano e Deus.¹²³

A segunda característica relacionada por Hans Jonas é a de um Deus em devir. Jonas afirma que Deus se modifica correspondendo aos acontecimentos do mundo. Na abdicação de sua onisciência, ele se identifica com a emergência do tempo, do evento, daquela necessidade circunstancial. Não há aqui um controlador, um diretor de cenas no palco da história, mas um Deus que se surpreende junto da humanidade com as encenações que ocorrem no tempo ordinário, aquele que apresenta uma cronologia delimitada como passado e presente, onde o futuro é a grande surpresa cósmica, contingencial e imprevisível.

Moltmann, ao escrever sobre os atributos divinos, assinala como primeiro exemplo as restrições que Deus se impôs na sua onipotência para dar lugar a sua criação, “isso não é expressão de impotência, mas de onipotência: apenas Deus mesmo pode restringir Deus”¹²⁴. Deus age de maneira reverente à liberdade daqueles que criou, “Deus respeita sua singularidade e a liberdade do criado por ele, senão se contradiria a si mesmo. Apenas a relativa autonegação do absoluto torna possível a liberdade do relativo”¹²⁵. A partir do que versa a respeito da onipotência divina, encaminha as restrições e autoimposições de Deus para seus demais atributos e direcionado à sua onisciência, Moltmann assume as características do que assinalou Hans Jonas:

Se esta autolimitação de Deus se aplica a sua onipresença (*omnipraesentia*), então também se aplica à sua onipotência (*omnipotentia*) e sua onisciência (*omniscientia*).

¹²³ KUZMA, C., O futuro de Deus na missão da esperança, p. 120.

¹²⁴ MOLTSMANN, J., Ciência e Sabedoria, p. 155.

¹²⁵ MOLTSMANN, J., Ciência e Sabedoria, p. 155.

Por causa da limitação de sua onisciência ele não pode prever como suas criaturas se decidirão e para onde se desenvolverão. Ele lhes permite tempo e lhes abre um futuro imprevisível. Ele, portanto, tem esperança em suas criaturas e as aguarda. Está curioso a respeito de seus caminhos, pois elas são sua esperança. Aprende com elas.¹²⁶

As esperanças que provocam mudanças no cenário de um mundo (pós) pandêmico não estão na passividade humana ante a potência e a ciência de um ser que tudo sabe e que tem o futuro determinado por si, mas são esperanças de Deus no homem. Auschwitz, a pandemia, crises sanitárias, humanitárias, econômicas, ecológicas são surpresas malquistas por Deus. As imprevisibilidades do futuro não são assunto apenas humano, mas também divino. No espaço aberto por Deus a sua criação, há uma expectativa, por parte deste, que suas criaturas reúnam todo o material necessário para a construção da nova terra que está por vir, vale ressaltar que esse espaço aberto não é um fora, não transcende Deus, mas

Ele se determina a si mesmo como espaço de morada para todas as suas criaturas. Segundo a metáfora platônica, Deus se torna “espaço-mãe”, “acolhedor”, “onireceptor”. Antes que o todo-poderoso se faça “criador do céu e da terra”, ele já se tornou um espaço acolhedor e sustentador para suas criaturas.¹²⁷

A acolhida divina em si permite sobressaltos e aguarda as formulações e as escolhas que dirijam a humanidade em direção aos cenários de um mundo de acolhida e cuidado.

O Deus que cuida é a sua terceira característica. Um Deus cuidadoso e não aquele que é onipotente solucionador dos problemas. Como nos afirma Jonas: “ele deixou algo para outros agentes fazerem e assim fez o seu cuidado dependente deles”. O cuidado não é acessado pelas vias sobrenaturais, mas sim na naturalidade que habita o comportamento humano que se dedica ao outro. Na alteridade, as mãos, os braços, os olhares de cada sujeito tornam-se extensão do sagrado. O cuidado gera cura e que acompanha todo o ser humano em sua condição de miserabilidade e necessidade. Tal como nos justifica a fábula-mito do cuidado mencionada pelo teólogo Leonardo Boff:

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o

¹²⁶ MOLTSMANN, J., *Ciência e Sabedoria*, p. 155, 156.

¹²⁷ MOLTSMANN, J., *Ciência e Sabedoria*, p. 155.

seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: “Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil”.¹²⁸

O cuidado é a condição primária e indispensável ao ser humano, “sem o cuidado, ele deixa de ser humano (...) um fenômeno que é a base possibilitadora da existência humana enquanto humana”¹²⁹, logo o inumano ou desumano se revela no descuido dirigido ao outro. No cuidado, há uma afirmação e a manutenção da vida, nessa experiência o ser humano se percebe encorajado para atravessar o que se apresenta diante dos seus olhos como aparentemente irreversível. No cuidado, o humano se manifesta em direção ao outro na plenitude suas potencialidades, já que o cuidado faz parte do fator originário e essencial para a existência.

Na situação de apatia paralisante e da crescente retirada da vontade de viver, a fé cristã precisa mostrar através da coragem de encarnar-se, no amor apaixonado pela vida, no ardente interesse pela existência para que o fraco “gostar de viver” ganhe aquela força necessária para resistir à morte, à catástrofe e a todos que as promovem. O fascínio pela latente piora da qualidade de vida devido a injustiça, opressão e catástrofes provocadas pelo ser humano pode ser rompido. A sensação paralisante da impotência precisa ser superada se a humanidade ainda quiser contar com um futuro.¹³⁰

Por fim, a quarta característica mencionada por Hans Jonas: o Deus que está em perigo, e, portanto, acentua a fragilidade de Deus pelo seu comprometimento como ser relacional, não é o todo-poderoso que se apresenta, mas o todo-aberto, aquele que se autossubmete, autorretrai, se contraiu para caber nos espaços de comunhão. O amor que é a essência divina fá-lo-á vulnerável às tramas de uma relação que não manipula por meio de interesses, já que ama incondicionalmente. Por sua vez, como é próprio de todo amor, promove concessões para que a pessoa amada se afirme autenticamente na sua identidade. Quanto mais alguém é amado, mais seguro se propõe perante a existência.

Como afirma Luís Gabriel Provinciatio em seu artigo:

¹²⁸ BOFF, L. Saber Cuidar, p. 49.

¹²⁹ BOFF, L. Saber Cuidar, p. 34.

¹³⁰ MOLTMANN, J., A Igreja no poder do Espírito Santo, p. 220.

Jonas tem consciência de que a noção de Deus todo-poderoso está consolidada no tempo, mas acusa-a de cometer um equívoco. O primeiro apontamento a esse respeito diz o seguinte: todo poder é relacional; a existência de um poder absoluto faz com que seja extinguida qualquer outra figura; não havendo relação, não há poder. Dessa forma, o próprio poder de Deus é limitado pelo poder do homem, por mais que o poder deste seja concedido por aquele, de acordo com a afirmação judaica. A essa noção de poder absoluto de Deus se somam outras duas: a da bondade suprema e a inteligibilidade. Jonas segue sua argumentação a respeito da não onipotência de Deus afirmando que os três termos – poder absoluto, bondade suprema e inteligibilidade – não podem ser afirmados ao mesmo tempo. A afirmação de dois deles já exclui, necessariamente, o terceiro.¹³¹

Auschwitz não é, portanto, um descaso divino, mas sim escolha deliberada do mal que habita o homem. A banalidade do mal que denunciou Hannah Arendt, e que a fez perceber como burocratas se servem do seu papel de cumpridores de ordem e não da pseudo e romantizada atitude bondosa e ética que muitos acham que têm em sua natureza. Auschwitz não é uma denúncia contra Deus, mas sim contra a humanidade.

De maneira provocativa e instigante, Hans Jonas muda o holofote que apontava para a pergunta que dirige às teodiceias e que está presente no livro de Jó: Por que os seres humanos sofrem? Por sua vez, Moltmann assume um embate com os que advogam as teodiceias e que colocam os sofredores no banco dos réus, os tais “amigos de Jó”, aqueles que assistem a dor alheia como se esta fosse um espetáculo a ser avaliado e posto em juízo. Acerca desse proceder, Moltmann é extremamente direto e objetivo: “A teologia dos ‘amigos de Jó’ é desprezível”¹³².

Ao enfraquecer o sagrado, na abdicação da sua onipotência, Deus se põe como o sofrido espectador de indivíduos que utilizam o humano atualmente como um adjetivo e não como um substantivo, isto é, os atos humanos são esporádicos, o que vem à tona é o dia-bólico, aquilo que distancia o ser humano das relações de cuidado mútuo e de amor sacrificial.

Realizada a interlocução entre Jurgen Moltmann e Hans Jonas, cujas dores e o sofrimento da guerra foram experimentados com profundidade, seguiremos para a experiência do sofrimento do Cristo, aquele que sofreu as dores da humanidade em si. O verbo encarnado que se assumiu como o servo sofredor.

¹³¹ PROVICIATTO, G., O conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia, p. 324.

¹³² MOLTMANN, J., Trindade e Reino de Deus, p. 62.

4.3.2 A paixão do filho

“No centro da fé cristã está uma história: a história da paixão. Devemos tomar isso de forma literal, isto é, no duplo sentido da palavra paixão: a história de Jesus é a história de uma grande paixão, de um amor capaz de sofrer”¹³³. Assim Moltmann aponta para o *pathos* divino revelado na pessoa de Jesus. Não se apresenta aqui um Deus apático, mas passional, de “amor apaixonado” como também de uma “agonia mortal”, sentimentos com conotações extremas, mas que conferem ao ser divino a intensidade própria a quem se entrega na totalidade.

Moltmann nos propõe um percurso para assimilação da história da paixão e o primeiro ponto a considerar é que ela “não começa exatamente com a prisão e tortura de Cristo pelos soldados romanos”, esse evento é apenas uma parte da história, pois o momento que ganha ares de profunda dramaticidade está quando “Jesus decide ir com seus discípulos para Jerusalém, o centro do poder, da injustiça e da violência Roma”. O que conduz Jesus até aqui não é uma perspectiva imprudente e insensata, ele sabe para onde está indo e a necessidade desse movimento. A missão e a sua paixão pelo Reino de Deus que curava, libertava as pessoas dos seus condicionamentos, expulsava demônios que se transfiguravam nos poderes opressores do mundo que vivia de uma religião de medo, culpa e castigo e, de uma política, usurpadora dos direitos, da liberdade e das condições que possibilitam a vida. Por isso, “o homem de Nazaré se tornou perigoso”, ele denunciava as estruturas de morte e demonstrava na prática como combatê-las e vencer seu poder, até então, irreversível.

Jesus apresenta-se como a face humana de Deus (Jo 14,9), em suas ações estão contidas graças e por meio delas Deus se torna mais próximo, vem ao encontro, acontece o Reino. Trata-se aqui de um Reino de esperança que vem com Cristo e atinge a todos sem distinção (...) Na perspectiva do Reino vindouro abre-se a possibilidade de sentir essa presença no encontro da fé com Jesus de Nazaré, que pela sua prática concreta e opção de vida traz à vontade salvífica de Deus ao mundo.

¹³⁴

No contexto de concretude existencial, de marchar resolutamente em direção a tudo que se opõe à autenticidade do existir, Jesus realiza sua caminhada no chão firme, historicizado e presentificado de Jerusalém, que o conduz para um Jardim, o

¹³³ MOLTSMANN, J., Vida, esperança e justiça, p. 45.

¹³⁴ KUZMA, C., Futuro de Deus na missão da esperança, p. 49.

Getsêmani, com isso, se irmana de uma vez por todas com as angústias presentes na humanidade. Não é contemplativo, mas ativo, e manifesta clamores presentes no peito dos excluídos desse mundo, dos que sofreram os horrores das guerras, dos homens e mulheres que sucumbiram e lhes faltou ar para respirar na pandemia, e precisaram ouvir salva-te a ti mesmo – tal como o Cristo, eles entregaram seus últimos suspiros e deixaram órfãos e desconsolados familiares e amigos. Jesus, no Getsêmani, reconhece o amargor desse cálice, sabe as dores que absorverá nele, não potencializa nem desmerece o padecimento que se avizinha, mas realisticamente o mensura e clama: “Se for possível, passa de mim esse cálice” (Mt 26,39).

Jesus segue em direção ao Jardim, mas não hesita em solicitar a presença daqueles que caminharam com ele desde o início em que a missão do Reino de Deus foi proclamada. Esses viram Jesus se solidarizando com as dores daqueles que encontrava pelo caminho, diante do sofrimento da viúva de Naim, uma mãe que perdeu de maneira brusca seu filho – “ao vê-la, o Senhor se compadeceu dela” (Lc 7,13) –, diante das irmãs que perderam seu irmão, um amigo bem querido pelo Cristo – “Jesus chorou” (Jo 11,35). Ao contemplar a multidão descuidada e cansada, ele tem a seguinte atitude: “Jesus se compadeceu delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor”. Aquele que foi visto se compadecendo e partilhando os mundos condicionados do outro, retirando-os de suas restrições e limitações, agora pedia por solidariedade: “A minha alma está profundamente triste até a morte, fiquem aqui e vigiem comigo” (Mt 26,38). Jesus pediu auxílio, companhia. O Deus que se solidariza com as dores desse mundo sabe o valor desta companhia, por já ter carecido tão intensamente dessa acolhida.

Moltmann aponta para um significado da dor lancinante por que Jesus passa, e que por conta de uma profunda agonia “orava mais intensamente. E aconteceu que o suor dele se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra” (Lc 22,44), assim descreve o teólogo alemão:

Eu creio que aqui Cristo foi tomado de um outro tipo bem diferente de temor e teve sua alma despedaçada: tratou-se do temor de que Ele, o Filho unigênito, que o Pai amava como jamais alguém foi amado, pudesse ser abandonado pelo Pai. Ele não temia por sua vida. Ele temia por Deus. Ele tinha medo pelo Reino do Pai, cuja felicidade ele tinha pregado aos pobres. Esse sofrimento em Deus foi a verdadeira tormenta da paixão de Cristo. Esse abandono de Deus foi o cálice que não foi passado dele. O terrível silêncio de Deus na oração de Cristo no Getsêmani foi mais do que o silêncio da morte. Os místicos sentiram algo semelhante na “noite escura da alma”,

na qual tudo que faz a vida ativa, se torna árido e esperança de uma vida, desaparece. Martin Buber denominou isso de “as trevas de Deus”.¹³⁵

Jesus acentua, assim, que pior que o sofrimento perfurando a alma é sofrer sendo abandonado pelo pai, sem a assistência e a companhia que ergue o cansado e transmite palavras encorajadoras ante as adversidades. O que no Jardim foi percebido como possibilidade ganha efetividade no Gólgota, aqui outra oração é lançada com dor e ardor por uma alma que se expõe sem reservas. O jardim era a dor no aspecto privativo, no Gólgota a dor ganha publicidade. No jardim, não havia quem contemplasse para agir juridicamente, no Gólgota, os olhares e ouvidos estavam à espreita para condenar – e assim foi: “Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se. É rei de Israel! Desça da cruz, e creemos nele” (Mt 27,42). O cálice, que estava distante, se aproximou e, ao beber desse amargo fel grita: “Deus meu, Deus meu por que me desamparaste!” (Mt 27,46). Cristo se solidariza com os sofrimentos humanos, pois sentiu pulsar em sua pele as dores humanas, “homem de dores e que sabe o que é padecer” (Is 53,3).

Entretanto, o evento do abandono do Filho, se não entendido em sua totalidade, aplicaria uma apatia e uma frieza a Deus, o Pai. Deus abandona os aflitos no momento de maior necessidade? Podemos recorrer como resposta a essa questão o que mencionamos em outros tópicos, a *Shekinah* divina, no seu autorrebaixamento, a autorretração da sua emanção, Deus habita e caminha em meio ao seu povo. Moltmann faz uso de uma antiga história judaica contada por Elie Wiesel, e que nos servirá para melhor apreensão do lugar de Deus no sofrimento do Cristo e da humanidade.

Quando vier o Santo, louvado seja Ele, para libertar os Filhos de Israel do Exílio, eles dirão a Ele: Senhor do mundo, tu foste aquele que nos espalhou entre todos os povos, quando Tu nos expulsastes de nossa terra, e agora és Tu, entretanto, aquele que nos traz novamente de volta para lá? E o Santo, louvado seja Ele, disse aos filhos de Israel: Quando eu vi que vocês abandonaram minha pátria, eu também a abandonei, para retornar para ela junto com vocês.¹³⁶

Deus vai para onde Cristo vai. Na entrega do Filho, há a entrega do Pai. “No abandono divino de Cristo, Deus sai de si mesmo e abandona o seu céu e está aí em Cristo mesmo, para se tornar o Deus e Pai abandonado”. Jesus afirma: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30). No sofrimento do filho, o pai está presente, e, não como

¹³⁵ MOLTSMANN, J., Quem é Jesus para nós hoje?, p.44.

¹³⁶ MOLTSMANN, J., Quem é Jesus para nós hoje?, p. 49.

assistência, mas sim na absorção de cada sofrimento. Portanto, onde estaria Deus na dor do Cristo? A resposta é simples: Deus está no Cristo.

4.3.3

O Crucificado como esperança às dores no mundo (pós) pandêmico

O Cristo é solidário com as cruzes desse mundo, e no Cristo, Deus carrega a cruz juntamente com inúmeras cruzes que ladeiam os caminhos dos poderosos e dos violentos desse mundo. A sua cruz está fraternalmente entre as cruzes dos oprimidos desse mundo.

Quanto mais os pobres compreenderem, na mística da cruz, a cruz como a cruz de Cristo, mais eles serão libertados de sua apatia e submissão ao destino. Logo, a piedade da cruz, que vem dos pobres, tem em si um potencial totalmente diferente daquele que a religião predominante lhes reservou. A presentificação do Messias crucificado nos escravos é tão perigosa aos senhores como é a sua leitura da Bíblia.¹³⁷

Na dor do Cristo, tal como nos machucados de nossos dias, os esquecidos, aqueles que são marginalizados diante de suas necessidades, ocorreu o que muitos desses também especulam em meio a esse cenário e que Moltmann elucida da seguinte forma: “Ali na cruz, Cristo chama por Deus. Um termo mais formal, e não o afetoso Pai, dando a entender que ele estivesse em dúvida de que fosse o Filho divino do Pai”, a dúvida como correspondência à dor inexplicável e pungente sentida na carne humana.

Não há teoria suficientemente capaz de responder ao sofrimento. Não se teoriza e nem se justifica a fome que, como apontamos no segundo capítulo, assola cerca de 15,5% da população brasileira. A fome e a pobreza isolam o indivíduo economicamente como também socialmente. A pessoa passa a ser privada não apenas dos elementos básicos para a subsistência da sua vida biológica, mas também é alienada das relações humanas como nos afirma a filósofa espanhola Adela Cortina:

É o pobre, o Áporos que incomoda, inclusive o da própria família, porque se considera o parente pobre como uma vergonha que convém deixar de lado, ao passo que é um prazer ter o parente triunfante, bem situado no mundo acadêmico, político, artístico ou no dos negócios. É a fobia do pobre o que leva à rejeição às pessoas, raças e etnias que habitualmente não têm recursos e, portanto, não podem oferecer nada ou parecem não poder fazê-lo.¹³⁸

¹³⁷ MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 77.

¹³⁸ CORTINA, A., *Aporofobia, a aversão ao pobre*, p. 32.

Há um notório distanciamento na sociedade de mercado que visa acúmulo, poder e riquezas mediando suas relações. Distancia-se daqueles que não poderão conceder alguma benfeitoria ou dar algo em troca do favor recebido. O juiz escatológico proclama que as contabilizações dos favores não serão aguardadas por aqueles que serão bem-vindos no seu Reino, pois eles realizaram tal feito pela humanidade que os toca a partir da necessidade do outro, e não como fundos de investimento:

Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: “Vinde, benditos de meu Pai, recebi por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me’. Então os justos lhe responderão: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nu e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver?’ Ao que lhes responderá o rei: ‘Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes’”. (Mt 25,34-40)

O abandono de uma criança, a morte de um inocente, a doença terminal do paciente, as injustiças sociais, os sofrimentos causados por uma pandemia, tudo isso é injustificável para as esperanças nutridas em um mundo (pós) pandêmico. O Cristo poderia encontrar as tais justificativas aos seus sofrimentos se servindo dos textos messiânicos que o antecederam, mas pelo humano que sente na pele e não pode ignorar a dor e o abandono, faz coro às vozes oprimidas e sufocadas em nosso mundo. Moltmann reflete a respeito desse evento e a relação com sua história pessoal de dor,

li o Evangelho de Marcos e encontrei a passagem que menciona o grito de morte de Jesus: “Meu Deus, por que me desamparaste?”. Foi naquele momento que pude saber com certeza: aí está um que me entende. Eu comecei a entender o Jesus que foi atribulado por Deus, exatamente por que eu me senti entendido por ele”.¹³⁹

Na solidariedade do Deus crucificado, há um encontro dos que sentem suas dores, mas a partir dele a dor não se condiciona às normas dos opressores, aos frios registros estatísticos de uma pandemia. Há esperança aos crucificados desse mundo (pós) pandêmico, pois o Cristo lhes é solidário. Há esperança, pois o caminho que leva ao Gólgota não foi encerrado com uma triste história de sofrimento, abandono e morte, mas aponta para uma continuidade que se projeta na ressurreição. É o que veremos no tópico a seguir.

¹³⁹ MOLTSMANN, J., Vida, esperança e justiça, p.11.

4.4

A esperança no Deus ressurreto que nos ressurgue consigo

A ressurreição não é uma mera ideia ou uma doutrina entre tantas no cristianismo. Na realidade, ela é o sustentáculo, a base para sua edificação. É a partir da ressurreição que são estabelecidos os demais horizontes do edifício dogmático. Na ressurreição e não na cruz, o amor é plenificado, outrora se abandonaria as esperanças e ficaríamos à mercê dos túmulos que se erguem pela história. “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã a vossa fé” (1Co 15,14). A fé cristã só pode ser assim chamada se tem como ponto de partida a ressurreição, pois, se assim não fosse, quando confrontada com o evento da morte pelo qual Cristo passou e ao qual todos estão destinados, se a consequência não fosse aquela, nossa fé seria frustrante, fútil e sem sentido.

“Fiel é esta palavra: se com ele morremos, com ele viveremos” (2Tm 2,13), portanto, no encontro com o crucificado temos absorvido nele as dores do mundo, e assim, lançados junto dele no sepulcro, o ultimato é dado à morte, que confrontada não resiste e junto dele ressuscitamos. Neste tópico, trataremos de observar a cena da ressurreição vindo ao nosso encontro, como também o testemunho dos discípulos de Jesus que perpassou a história e chega aos nossos dias desautorizando os mandatos da morte.

4.4.1

A ressurreição do Cristo: no aparente fim, o início concreto

As cenas que se seguem à crucificação podem ser definidas pelos seguintes sentimentos: “grande pânico”¹⁴⁰, “horror”¹⁴¹, frustração, medo, solidão. De maneira geral, esses sentimentos não provocariam, por si, a esperança, todavia, através da força própria da ressurreição, “a esperança cristã brota deste duplo ponto zero: da crucificada esperança de futuro dos discípulos e da destruída confiança na morte das mulheres”¹⁴². O improvável nascedouro da esperança é percebido por Moltmann, onde o primeiro ato se refere ao desejo de os discípulos verem o reino de Davi entre eles a consumir seus opressores¹⁴³, mas que, na morte do Cristo,

¹⁴⁰ MOLTSMANN, J., Vida, esperança e justiça, p. 59.

¹⁴¹ MOLTSMANN, J., Vida, esperança e justiça, p. 59.

¹⁴² MOLTSMANN, J., Vida, esperança e justiça, p. 59.

¹⁴³ MOLTSMANN, J., No Fim, o Início, p. 95.

apenas se constata o óbvio aos olhos de todos, a impotência em relação ao inimigo: “A impotente morte de Jesus na cruz é o fim de sua esperança”¹⁴⁴. Quanto às mulheres, as discípulas de Jesus ficam estarecidas diante do túmulo vazio, elas que o acompanharam, enquanto os discípulos fugiam, não conseguem assimilar, a princípio, que tipo de reinvidicação perante a morte elas estavam presenciando. Por isso, a atitude frente o ocorrido segue relatada por Marcos: “E, saindo, elas fugiram do sepulcro, porque estavam tomadas de temor e assombro. E não contaram nada a ninguém, porque estavam com medo” (Mc 16,8). Temor, tremor, terror, medo, as mulheres fogem diante do mistério que se apresentou ao finito intelecto humano.

Os discípulos de Jesus se abrem para recepcionar o ressuscitado e, em sua carta aos Coríntios, Paulo busca testificar a ressurreição a partir dos relatos daqueles que o contemplaram,

foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas e, depois, aos doze. Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria ainda vive; porém alguns já dormem. Depois, foi visto por Tiago e, mais tarde, por todos os apóstolos”. (1Co 15, 4-7)

O relato ignora a aparição às mulheres, apesar da crucial presença destas no evento. Moltmann assinala que, na apresentação do ressuscitado, os discípulos tiveram cuidado a respeito de alguns elementos que prejudicariam o entendimento do que ocorrera, isto é, que o ressuscitado não era um cadáver vivificado ou o que ocorrera ali fora uma volta misteriosa do Jesus morto e mesmo que tivesse se manifestado uma transmigração da alma, mas eles sinalizam para o símbolo escatológico da ressuscitação e da vivificação.¹⁴⁵ No ensejo de enfatizar e legitimar ainda mais esses símbolos, Moltmann escreve:

A expressão apocalíptica “ressuscitação dentre os mortos por obra de Deus” introduz nas designações pessoais “crucificado-ressuscitado” uma fórmula ativa. Pela “ressuscitação por obra de Deus”, Jesus é identificado como o crucificado ressuscitado. Dessa maneira, o ponto de identidade não se situa na pessoa de Jesus, mas centra-se no Deus que do nada cria vida e novo ser. Jesus depois morreu totalmente e ressuscitou totalmente. Dentro dessa linha de pensamento, autorrevelação de Jesus e em suas aparições, está a revelação do poder e a fidelidade de Deus.¹⁴⁶

¹⁴⁴ MOLTSMANN, J., Vida, esperança e justiça, p. 60.

¹⁴⁵ MOLTSMANN, J., Vida, esperança e justiça, p. 61.

¹⁴⁶ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 254.

Na ressurreição de Jesus está o Deus que cria a partir do nada, do improvável, na ressurreição reside a confiança na fidelidade de Deus, na ressurreição habita o triunfo daqueles que esperavam contra toda esperança. Isso se fez presente no coração dos discípulos que, despertados em Emaús, retornam a Jerusalém para fazer reverberar junto aos seus a boa notícia que os animou e, por sua vez, animaria o entorno envolto de medo, silêncio, incertezas e decepção. Na ressurreição, tudo se faz possível e nada mais tem princípio autoritário, já que o inimigo a ser vencido era a morte, e esta é condição de certeza a todo ser, a partir do ressurreto a história é modificada e a ditadura da morte é destronada. A respeito disso, Moltmann escreve: “Entendida como desenvolvimento do futuro e acontecimento que abre a história, a ressurreição de Cristo é a razão e promessa da vida eterna em meio à história da morte”¹⁴⁷. A história, em Cristo, encontra um caminho inesperado, nem mesmo os sonhos diurnos de Ernst Bloch captariam as cenas provocadas pela ressurreição do Cristo, já que, como nos afirma Kuzma,

não se propõe um novo mundo, separado deste, mais “novo” para este mundo, onde presente é alimentado pelo futuro prometido. (...) Como atesta Von Balthasar, Cristo é a personificação das coisas últimas, com ele a história ganha um novo sentido e se constrói a partir dessa esperança.¹⁴⁸

Não há uma alienação a respeito do que circunda o mundo, testifica-se as mazelas desse mundo, reconhece-se e nomeia-se suas estruturas de morte, porém através da ressurreição assume um mundo que, pela esperança, recebe uma nova e vital realidade, o Reino de Deus anunciado e vivenciado pelo Cristo.

O reino de Deus entrou, pela ressurreição de Cristo, no processo de sua realização pelo fato de que judeus e gentios, gregos e bárbaros, servos e livres vem a obediência da fé e assim alcançam a liberdade escatológica e a dignidade humana final. Quando se leva a sério esse fundo profético-escatológico, sobre o qual se levanta a pregação do evangelho cristão, aparece igualmente clara a meta cristã: reconciliação com Deus, o perdão dos pecados e a superação da impiedade.¹⁴⁹

Na morte, há um ultimato dado à humanidade, o futuro permeado de incertezas e com prospecções de caos: a Casa Comum, com seus dias contados e a experiência humana transformada em mercadoria pelo liberalismo econômico, pessoas como números para endossar uma estatística e sem o menor apreço pela sua individualidade. Contudo, na ressurreição, a morte tem seus dias contados e o futuro

¹⁴⁷ MOLTSMANN, J., Quem é Jesus Cristo para nós hoje?, p. 93

¹⁴⁸ KUZMA, C., O futuro de Deus na missão da Esperança.

¹⁴⁹ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 409.

é aberto, pois é o futuro de Deus, e “aquilo que procede em Deus Pai e que existe em Cristo e nos é antecipado pela sua ressurreição é o que entendemos como futuro de Deus; o nosso caminhar em direção a ele justifica-se pela missão da esperança”¹⁵⁰.

4.4.2 A *Ruah* e as testemunhas da esperança

As testemunhas do Cristo aguardavam o evento pneumático para avançarem, a descida do Espírito sobre eles, “segundo a profecia veterotestamentária, o Espírito é o dom do tempo escatológico. No tempo messiânico, não só profetas e reis escolhidos, mas o povo de Deus inteiro será repleto com a força de vida e com o poder recriador de Deus”¹⁵¹. O evento aprofundaria sua experiência enlaçada com aquele que realizou o pleroma escatológico, ao mesmo tempo que possibilitou e principiou o Reino de Deus. As atitudes de Jesus, sua vida, resignificaram os espaços existenciais e as esferas litúrgicas, a partir dele os homens e mulheres que buscassem a Deus em espírito e em verdade o encontrariam nos mais diversos endereços. Não havia um aprisionamento do sagrado, mas sim uma renovação das esperanças de uma presença percebida e recepcionada a cada instante, nas trivialidades, na cotidianidade, nos detalhes.

Essas testemunhas não eram apenas os argutos observadores do entorno, tais como os fenomenólogos que buscam ir aos fenômenos tais como se apresentam e, partindo da escuta atenta, sem *a priori*, mas se orientado pela compreensão direta e imediata do que é vivenciado pelo homem no mundo-da-vida, mas eram homens e mulheres que havia recebido uma promessa, um *a priori*. Essas testemunhas, no texto original, é o termo que serve para designar e indicar uma especificidade, as testemunhas do Ressuscitado. Portanto, há o específico na terminologia, e ela indica o que seria recorrente nos discursos apostólicos “a este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas” (Atos 2,32); “Vós o matastes, mas Deus o ressuscitou dos mortos e nós somos testemunhas disso” (Atos 3,15); como também, “com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor

¹⁵⁰ KUZMA, C., O futuro de Deus na missão da Esperança, p. 9.

¹⁵¹ MOLTMANN, J., A igreja no poder do Espírito, p. 373.

Jesus, e em todos eles havia abundante graça” (Atos 4,33). Para os discípulos, a vida, morte e ressurreição de Jesus são atos escatológicos e salvíficos.

Após um sábado de um silêncio ensurdecedor, a esperança brota na desértica terra das probabilidades humanas, a ressurreição do Cristo no terceiro dia, domingo pela manhã, muda o cenário que antes era permeado pela morte com suas determinações absolutas. A respeito disso, Moltmann sustenta que na ressurreição “inaugura-se o tempo escatológico”¹⁵². Os discípulos entenderam, ao passar pelos terrenos da morte e das incertezas, o que era agir “esperando, contra toda a esperança” (Rm 4,18). Onde antes a morte dominava imperiosamente, o senso da realidade “contra toda a esperança” foi invadido pelo senso da possibilidade “esperando”. A realidade da morte precisa ser encarada e em hipótese alguma minorizada, essa é a realidade, a morte se avizinha, porém, também não poderá ser superestimada, pois a possibilidade inaugurada pela Ressurreição provoca a percepção de que ainda entoaremos a canção: “A morte foi tragada pela vitória (Is 25,8). Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão (Os 13,14)?

A *Ruah* divina reanimou o corpo do Cristo e esse mesmo sopro de vida fora anunciado pelo resurreto como condutor dos trajetos das testemunhas. Ainda presente entre os seus discípulos, antes de sua ascensão, orienta que esses aguardem em Jerusalém até que desça sobre eles o Espírito Santo. Moltmann afirma que “Jesus foi ressuscitado pelo Espírito. O Espírito é o poder de Deus de ressuscitar os mortos. Ele é a força divina da nova criação. Se Jesus foi ressuscitado pelo Espírito, então evidentemente ressurgiu no Espírito”¹⁵³. Por isso, a comunidade dos discípulos carecia de ser animada também pela vitalidade que arrematou a morte quando essa permeava os primeiros dois dias no túmulo cedido por José de Arimateia ao filho de José, carpinteiro de Nazaré.

A orientação dada por Jesus era clara e objetiva: “(...) mas descera sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até os confins do mundo” (At 1,8). A vinda do promotor da verdadeira vida foi anunciada, os sinais pneumatológicos que acompanhariam aquela comunidade foram anunciados, seriam cumpridos na festa que comemorava a colheita. Ação de graças brotava do coração de todo judeu no dia de *Shavuoth*, do

¹⁵² MOLTSMANN, J., Trindade e Reino de Deus, p. 132.

¹⁵³ MOLTSMANN, J., Trindade e Reino de Deus, p. 132.

hebraico “Semanas”, *Pentekoste*, do grego “quingüagésimo”, uma celebração de agradecimento a Deus pela colheita realizada pelos judeus cinquenta dias após a Páscoa. Após presenciarem a Ressurreição na Páscoa, a esperança que nutria a existência antes, falida e condicionada, faz brotar uma próspera colheita de sentidos, de novos horizontes, de perspectivas espirituais nunca experimentadas por nenhum deles. Veio sobre os de Jerusalém e da Judeia, o Espírito Santo, conforme prometido pelo Cristo. A promessa se cumpriu com a organicidade anunciada, “descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia” (At 1,8). Os primeiros a serem reanimados, revitalizados, potencializados pelo Espírito, se lembraram da preocupação do Cristo: “Levantem os olhos e vejam os campos, pois estão maduros para a colheita” (Jo 4,35). O festejar, a alegria, a comemoração para a colheita indicada por João, se tornaram algo real para aqueles que receberam o Espírito, os discípulos em Atos presenciarão isso logo no início dos relatos realizados por Lucas, onde quase três mil pessoas se convertem e são batizadas, ocorrendo no dia propício do calendário judaico, o dia dedicado por todo judeu às colheitas na terra de Israel.

A mesma festa de Pentecoste, posteriormente, também foi associada à chegada do povo no Sinai, onde recebeu a *Torah* e celebrou sua aliança com o Senhor, relacionado aos dias das testemunhas do resurreto. Ele lhes havia dito: “quando vier o Espírito da verdade, ele os guiará em toda a verdade. Ele não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que ouvir e anunciará a vocês as coisas que estão para acontecer” (Jo 16,13). O Espírito guia pela verdade da palavra proclamada e que ao mesmo tempo fora palavra encarnada. A celebração da Aliança veio em tempo oportuno, onde foi anunciada pelo Cristo: “porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados” (Mt 26,28). O Espírito consola, aconselha, acompanha, presencializa, potencializa e enche a testemunha, aqueles que portam a esperança ativa e que perceberam seu papel construtor da realidade de um reino que não se sabe o tempo e o espaço, pois será realizado em todos os aspectos espaço-temporais da existência humana. Não é um ali ou aqui, mas o Reino assumido dentro do coração é factível entre nós, a partir de nossas metarrealizações.

Esse derramamento apresenta seus aspectos democráticos, renovando a esperança em um mundo redimido das suas estruturas que concentram poder a uma minoria e, conseqüentemente, oprime seus semelhantes. Esse derramamento não

escolhe as pessoas por gênero, geração ou idade, como também não faz acepções sociais. Pedro quando provoca a interpretação do ocorrido naquela manhã relaciona com o que o profeta Joel anunciara:

Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: e acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão. (At 2,16-18)

O Espírito Santo que vem sobre todos assume também pessoas das mais distintas nações, veio sobre os Samaritanos (Atos 8) e sobre os gentios/confins da terra (Atos 10). O circuito orgânico proclamado por Jesus às portas de sua ascensão fora concretizado pelo Espírito, a cumplicidade do Paracletos com o filho é inegável, há comunhão e unicidade de propósito. O Espírito derramado encontra habitação nas testemunhas da ressurreição, portanto, o ressurreto agora habita os que antes o viram com alteridade, e agora o assimilaram como o seu Ego, como nos diz o apóstolo Paulo: “logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2,20); e agora são desafiados, a partir da nova vida recebida, a prover aos que o circundam: “responder a todo aquele que pedir razão da esperança que há em vocês” (1Pe 3,15).

Uma das formas com que Moltmann nos esclarece a relação da experiência do Cristo e do seu Espírito para com o mundo é respondendo aos seguintes questionamentos:

Para que Jesus veio a este mundo? Para que trouxesse vida. Para que ele morreu e ressuscitou? Para que o eterno Espírito de Deus fosse “derramado sobre toda a carne”. A palavra assumiu figura corpórea, para que obtivéssemos o Espírito Santo. Atanásio dizia: Deus tornou-se portador de um corpo, para que nós humanos nos tornássemos portadores do Espírito. Na história de Deus com os seres humanos e a criação terrena, tudo redundava em comunhão com o Espírito Santo. O sentido mais amplo do Natal, da Sexta-feira da Paixão e da Páscoa é o Pentecoste. Pentecoste é o alvo da história de Cristo, e não somente um apêndice.¹⁵⁴

A partir dessa compreensão, a comunidade dos discípulos não é passiva na história, mas tem sua esperança ativa e segue animada pelo poder do Espírito Santo. As testemunhas viram na Ressurreição o virar de página para uma nova trajetória existencial e espiritual. Transcende as expectativas humanas e fortalece a caminhada de uma Igreja inclusiva e desafiada a cada dia mais potencializar suas

¹⁵⁴ MOLTSMANN, J., A fonte de vida, p. 100.

entranhas a partir das pluralidades e das responsabilidades de engajamento e inserção direta no mundo, que lhes foram potencializados pelo poder do Espírito. A Igreja formada a partir desse evento precisa ser constantemente lembrada do seu lugar no mundo, o papel que lhe fora passado pelo Espírito. Acerca disso, Moltmann nos rememora o cerne e o amado da vocação eclesial.

No lugar da subdivisão em clero e laicato e no lugar do isolamento do cristianismo na igreja, precisam entrar os dois movimentos vitais do cristianismo: sua congregação para formar a comunidade e seu envio às vocações na sociedade. Ser congregados e enviados são experiências que fazemos em analogia a inspirar e expirar do Espírito. A vida cristã no cotidiano do mundo tem a mesma importância que a reunião da comunidade para o culto a Deus. Esqueceríamos nossas próprias vocações em nossas profissões, bem como nossos dons, se identificássemos ser cristão com ir à igreja. Pelo contrário, as reuniões para o culto servem à edificação e à orientação da existência cristã nos relacionamentos vitais da sociedade¹⁵⁵

A Igreja, no poder do Espírito entende seu papel transformador no mundo. Reconhece a esperança que a move e assim conduz esses ares ao mundo sufocado pelo desinteresse das relações e permeado pela maldade. A Igreja está ciente da necessidade da sua imersão no mundo, não para o proselitismo religioso, mas para a promoção da consciência de um Espírito que veio sobre todos, e que a esses “todos” será anunciado tal feito, para que, na tomada de consciência, ocorra uma mudança nas suas realidades, pessoais e relacionais. O mundo (pós) pandêmico que ouvirá o anúncio que “o Espírito é o poder Deus de ressuscitar os mortos (1Co 6,14). Ele é a força divina da nova criação. Se Jesus foi ressuscitado pelo Espírito, então evidentemente ressurgiu no Espírito”¹⁵⁶, esse mesmo Espírito que ressurgiu Jesus de entre os mortos traz ao ressuscitado a incumbência de estendê-lo aos seus. “O ressuscitado dá o Espírito Santo e envia os discípulos pelo mundo como o Pai o enviou (Jo 20,21). Por meio do ressuscitado, Deus derrama o Espírito Santo (Tt 3,5)”¹⁵⁷. Essa experiência vital de esperança e novos horizontes recepcionados, encarnado a partir de homens e mulheres, engajados na vocação que fora ungida pelo Espírito, trará o novo Céu e uma nova terra ansiados em nossos tempos.

¹⁵⁵ MOLTSMANN, J., A fonte de vida, p. 101.

¹⁵⁶ MOLTSMANN, J., Trindade e Reino de Deus, p. 132.

¹⁵⁷ MOLTSMANN, J., Trindade e Reino de Deus, p. 133.

4.4.3

Há esperança para o mundo (pós) pandêmico no ressurreto e em suas testemunhas

Onde Cristo se faz presente há esperança e vida, pois ele traz consigo o futuro fincado na ressurreição, portanto, os poderes que buscam perpetrar a morte se notam incapacitados e sem possibilidades de seguir seus roteiros inspirados por uma necropolítica¹⁵⁸. A ressurreição inspira uma biopolítica, onde o bem comum é o que fundamenta o pano da existência, pensa-se a vida e os horizontes que a mantém. Não se perpetua os discursos antivida, mas todas as possibilidades de subsistência, isto é, alimentação, emprego, saúde pública, saneamento básico, erradicação de doenças e dos quadros epidemiológicos (surto, epidemia, endemia e pandemias), imunizações, como, também, a manutenção do ecossistema e do Estado democrático de direito – essas realidades apontam para a ressurreição.

A ressurreição manifesta vida a todo ser humano, como também a toda a Terra, ao todo do mundo (pós) pandêmico, a todos sem exceção e não apenas aos que se filiam às instituições religiosas. Jesus não proclama uma nova religião, mas uma nova vida, a vitória da vida sobre a morte denuncia tudo que ao redor provoca morte. Os discípulos contemplaram e vivenciaram a ressurreição em suas vidas, por isso Jesus os conclama a ser testemunhas. Testemunhas de quê? Da vida que se manifestou. Do futuro que vem ao nosso encontro. Da ressurreição que reivindicou o pretense direito que a morte articulava no mundo.

Há esperança para o mundo (pós) pandêmico? O ressuscitado aponta para essa resposta de caráter arreligioso e absorvida por uma manifestação vívida, de um Deus presente na caminhada do seu povo, que “habitou” (Jo 1,14) entre eles, que sofreu as dores até o ultimato que promove, ou seja, a morte. Contudo, as testemunhas evocam as esperanças mais profundas encontradas por elas no futuro do Cristo. Moltmann descreve, de maneira primorosa, inspiradora e cheia de esperança a resposta mediada por esse futuro do Cristo:

O futuro do Cristo a ser esperado só é exprimível por promessas, que antecipam e manifestam aquilo que está oculto e apenas iniciado como prelúdio e amostra prévia nele e em sua história. Também aqui, a promessa está entre o conhecer e o não conhecer, entre necessidade e possibilidade, entre aquilo que ainda não é e aquilo que já é. O conhecimento oriundo da promessa sobre o futuro é um conhecimento

¹⁵⁸ Conceito proposto pelo filósofo camaronês Achille Mbembe e que visa definir “as formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte” (MBEMBE, A., *Necropolítica*, p. 58).

em esperança e por isso é prospectivo e antecipatório, e por isso também é provisório e fragmentário, mas aberto, e tende para além de si mesmo. Conhece o futuro pelo fato de procurar descobrir as tendências e as latências do evento do Cristo na crucificação e na ressurreição e procurar medir as possibilidades abertas por esse evento. As aparições pascais do Cristo ressuscitado são, nesse processo, incitamento perene para a consciência que espera e antecipa e, de outro lado, também é crítica da realidade sofredora.¹⁵⁹

A esperança para o mundo (pós) pandêmico é viabilizada no seu encontro com o futuro do Cristo, um campo de possibilidades se abre diante do árido cenário das realidades, apontando para o ressuscitado e na “esperança contra toda esperança” (Rm 4,18), que o futuro do Cristo Ressuscitado vem em direção ao presente desse mundo (pós) pandêmico.

¹⁵⁹ MOLTMANN, J., Teologia da Esperança, p. 257.

5 Conclusão

Há esperança para o mundo (pós) pandêmico? Nossa pesquisa partiu do cenário caótico e desordenado promovido não apenas pelos reflexos da pandemia da Covid-19, mas tendo como referência o conceito de “pandemia”. Apontamos inúmeras incidências nos mais diversos setores do nosso mundo que foi tomado por incertezas, indiferenças e um vasto campo de impossibilidades diante do que foi apresentado. A esperança parecia longínqua e a cura para o mal estabelecido no mundo se arvorava nas mesmas conjunturas de uma pandemia que não havia estabelecido uma possível imunização no combate ao vírus que assaltou a humanidade. Apesar de toda improbabilidade vigente até então, obtivemos, a partir da teologia de Moltmann, sinais, apontamentos, direção para imunizar e injetar vida ao mundo (pós) pandêmico.

Por meio da escatologia de Moltmann, as prédicas apocalípticas que buscavam sufocar a esperança, aludindo para um mundo além deste que vivemos, que reforçavam o paraíso para uma outra instância, distante de nossas possibilidades, foram se destituindo e perdendo seu protagonismo no percurso desta pesquisa. Enquanto o principiar de nosso debruçar estava sobre as mazelas de cenas pandêmicas em diversos âmbitos da sociedade e que, por sua vez, poderia gerar rotas de fuga existencial perante seus desafios, Moltmann nos apontou o caminho de uma escatologia que antecipa os processos de vida permeada de esperança. Esperança que percebe a contradição, mas que tem como firme fundamento a fé que lhe assegura nesses tempos de dubiedade. Entre a promessa e a realidade, sofrimento e morte, a fé se apoia na esperança. Embora a realidade opressiva, destruidora e caótica não possa ser subestimada – como vimos nas cenas apresentadas e experimentadas no cotidiano da humanidade –, essas tais realidades também não podem ser superestimadas. A fé baseada na esperança não se refugia no céu, mas se encontra no chão firme das potencialidades inerentes a este mundo.

A esperança renasce quando percebemos que a fé supera, a partir do Cristo ressuscitado, o sofrimento, o pecado, o abandono de Deus, o túmulo e a morte. Essa escatologia que já nos toca no presente e na proximidade nos provoca a formular suas afirmações de esperança, contradizendo o presente documentado,

experimentado, aquele que endossa e engrossa estatísticas, presente de sofrimento, maldade e iminente desespero, presente “onde, pela ressurreição do crucificado, foram rompidas as barreiras contra as quais se despedaçam todas as esperanças humanas, onde a fé pode e deve alargar-se em esperança”¹⁶⁰.

Para que ocorra maior absorção e entendimento da pesquisa aqui realizada e ora respondida pela teologia de Moltmann, precisamos destacar que “as afirmações da esperança estão necessariamente em contradição com a realidade presente e experimentável”¹⁶¹, como nos afirma o próprio teólogo. Temos, diante de nossos olhos, a esperança e a experiência, o futuro e o cotidiano, a boa notícia e os noticiários desastrosos, e que por fim, têm seu ápice de contradição entre a ressurreição e a cruz. Há de se notar em todo tempo que o Deus que se solidariza com o ser humano, que investe sua presença em direção ao seu povo, esse vem ao nosso encontro com as promessas do futuro. Por isso, a escatologia não se distancia ao falar do futuro idealizado ou provoca uma alienação discursiva, mas tal como aqui realizamos nessa pesquisa, a escatologia toma como ponto de partida uma determinada realidade histórica e prediz o futuro baseando essa realidade em Jesus e no seu futuro, isto é, o que determina o evento do Cristo não é sua morte, mas sua ressurreição. A vida dever ser pensada e interpretada a partir de sua meta futura. Portanto, há uma condição *sine qua non* para a realidade humana, a de que, sem o conhecimento do Cristo pela fé, a esperança será uma mera utopia etérea, sem paradeiro e irrealizável. O lugar a que se chega tem em Cristo o seu caminho, a plataforma, a pavimentação, “crer significa transpor, com esperança antecipadora, os limites que foram rompidos pela ressurreição do crucificado”¹⁶².

A esperança percebe Deus falando do interior da história e isso ocorre, conforme buscamos apresentar nessa pesquisa, porque Deus se autocontraiu, auto-humilhou, autoesvaziou providenciando à sua criação o espaço de autonomia e de escolhas. O Deus que traz clareza ao amor que é sua essência, nos ensinando, em meio a uma sociedade permeada de apatias, que o amor é o exercício da diferença. Não se ama pela igualdade, mas pelo distinto, e nessa distinção concede espaço para o criativo, para a construção e a contribuição do outro e que, por fim, anseia a presença desse outro no cotidiano. As notícias *mal-ditas*, aquelas que compactuam

¹⁶⁰ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 34.

¹⁶¹ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 32.

¹⁶² MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 35.

com projetos de poder, são substituídas pela promessa, a boa notícia de que este mundo criado por Deus está cheio de possibilidades provenientes dele mesmo.

Nesse campo de possibilidades, o ser humano é convocado a orar a unicidade de Deus e assim reunir todas as potencialidades da sua presença emanada nesse mundo. O senso de realidade aponta um mundo pandêmico, caótico, permeado de indiferença, de pessoas famintas de pão e de justiça, carentes de beleza e de alegria, homens e mulheres que à procura de emprego e sustento para os seus, que encontram portas fechadas e um mundo onde a morte do outro é encarada com frieza estatística e com zombaria, onde governantes de flertes totalitários arregimentam a religião e buscam aprisionar a humanidade que os cerca. Essas realidades foram, a partir da rica teologia moltmanniana, irrigadas pelas possibilidades inerentes do Deus auto-humilhado, esvaziado, rejeitado na cruz e morto, mas que emerge como o ressuscitado provendo os seus de vida eterna. Vida eterna que é a vida do absoluto presente, e o “presente” aqui com definições claras, ou seja, a presença de Deus.

Não há vigor em nenhum dos cenários que a pandemia nos legou, que manifeste intransigências e condicionamentos, pois a partir da ressurreição a esperança se orienta para a criação de todas as coisas. Moltmann nos apresenta uma presença divina que tem a capacidade transformadora da realidade, provê aos seres humanos uma imaginação criadora e inventora de amor. A esperança em Moltmann é descrita como aquela que:

Provoca e produz perenemente ideais antecipatórios de amor em favor do ser humano e da Terra, modelando ao mesmo tempo as novas possibilidades emergentes à luz do futuro prometido, e procurando, à medida do possível, o melhor mundo possível, porque o que está prometido é possibilidade total. Ela, por conseguinte, sempre desperta a “paixão do possível”, os dons inventivos, a elasticidade nas transformações, a irrupção da novidade depois do velho, o engajamento do novo. A esperança cristã, neste sentido, sempre foi revolucionariamente ativa no decurso da história das ideias nas sociedades que por ela forma impregnadas.¹⁶³

Em nossa pesquisa, encontramos esperança para o mundo (pós) pandêmico a partir da teologia de Moltmann, pois os dados aqui levantados e os ares desanimadores de um projeto de sociedade fadada ao desespero foram povoados por uma teologia que proclama um futuro e mais precisamente o futuro do Cristo, nosso fundamento. A esperança que nos move se orienta para a nova criação, onde

¹⁶³ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p. 52.

todas as coisas que ora se encontram falidas e destituídas de vida se encontram com o ressuscitado. Portanto, a esperança tem um caráter antecipatório e não ilusório, ela não nos conduz à ilusão do “sem lugar”, mas para a realidade daquilo que “ainda não tem lugar” e, por ser realista, leva a sério todas as possibilidades que impregnam o mundo ao seu redor. Há esperança, pois Deus veio até nós e se inclinou em nosso favor, se solidarizou com nossos sofrimentos e dores. Há esperança, pois a ressurreição se provou o virar de página para uma nova história dirigida a esse mundo (pós) pandêmico.

6

Referências bibliográficas

AÇÃO CIDADANIA. **Agenda Betinho 2020**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://uploads.strikinglycdn.com/files/44a038f4-8c4e-4462-92d8-336d72dad6f3/AgendaBetinho2020.pdf>> Acesso em: 12 set 2023.

AGÊNCIA IBGE. **Trimestrais da pecuária – primeiros resultados: abate de bovinos e frangos cresce no 2º trimestre de 2023**. 18 agosto 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/37596-trimestrais-da-pecuaria-primeiros-resultados-abate-de-bovinos-e-frangos-cresce-no-2-trimestre-de-2023>. Acesso em: 4 nov 2023.

ANTUNES, F. Amazônia em Chamas: filha de Chico Mendes lidera “empates” contra as queimadas. **Amazônia Real**. 17 setembro 2019. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/amazonia-em-chamas-filha-de-chico-mendes-lidera-empates-contra-as-queimadas/> Acesso em: 4 nov 2023.

ARENDDT, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BEGHIN, N. Depois do desmonte, reconstruir. **INESC**. 17 maio 2023. Disponível em: https://inesc.org.br/depois-do-desmonte-reconstruir/?gclid=Cj0KCQIA35urBhDCARIsAOU7Qwn7HaSKF2CyDh2UdoV6juN-A-cCVsvBCEIsJmn_-l3I6polmvLPn-caArvaEALw_wcB&cn-reloaded=1. Acesso em: 4 nov 2023.

BELLOSO, J. M. R. Esperança. *In*: SAMANES, C. **Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

BOFF, L. **Covid-19**. A mãe Terra contra-ataca a Humanidade. Petrópolis: Vozes, 2020.

BOFF, L. **Ecologia**: grita da terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BOFF, L. **Ética da vida**. Brasília: Letra Viva, 1999.

BOFF, L. **Saber cuidar**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BOFF, L. Quarenta anos de Jesus Cristo Libertador. **Revista IHU on-line**. 8 outubro 2012. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/172-noticias-2012/514369-quarenta-anos-de-jesus-cristo-libertador>. Acesso em: 6 nov 2023.

BRASIL AGRO. **Salles foca agenda no agronegócio e deixa ambientalistas de lado**. 2 setembro 2019. Disponível em: <https://www.brasilagro.com.br/conteudo/salles-foca-agenda-no-agronegocio-e-deixa-ambientalistas-de-lado.html> Acesso em: 9 ago 2023.

BRASIL DE FATO. **Alemanha sinaliza desbloqueio de repasses ao Fundo Amazônia**. 1 novembro 2022. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2022/11/01/alemanha-sinaliza-desbloqueio-de-repasses-ao-fundo-amazonia>. Acesso em 23 de nov. 2023.

BRUNNER, E. **Dogmática**: Doutrina Cristã de Deus. v. I. São Paulo: Cristã Novo Século, 2004.

CABRAL, G. História de tortura é lembrada em lançamento de livro sobre Frei Tito. **Alesp**. 15 abr 2014. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=356435#:~:text=Tentou%20suic%C3%ADdio%20com%20uma%20l%C3%A2mina,sobre%20as%20amea%C3%A7as%20que%20sofreu>. Acesso em: 13 jan 2024.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

CANAL RURAL. **Embarques de carne bovina disparam e crescem 20% em 2022**. São Paulo, 24 mai. 2022. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/noticias/pecuaria/embarques-de-carne-bovina-disparam-e-crescem-20-em-2022/> Acesso em: 9 ago 2023.

CARTA CAPITAL. **Malafaia diz que conversa diariamente com Bolsonaro**: sobre pandemia, cloroquina, azitromicina. Edição 20 maio 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/malafaia-diz-que-conversa-diariamente-com-bolsonaro-sobre-pandemia-cloroquina-e-azitromicina>. Acesso em: 12 set 2023.

CHABALGOITY, G. Mortalidade por covid-19 dobrou em cidades bolsonaristas, mostra estudo. **Correio Braziliense**. Edição 16 março 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/03/4993562-mortalidade-pela-covid-19-dobrou-em-cidades-bolsonaristas-mostra-estudo.html> Acesso em: 4 nov 2023.

CHRISTIAN, E. Ex-ministro Mandetta diz à CPI da Pandemia que Bolsonaro sabia da gravidade da crise. 4 maio 2021. **Rádio Senado**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/05/04/ex-ministro-mandetta-diz-a-cpi-da-pandemia-que-bolsonaro-sabia-da-gravidade-da-crise-sanitaria>. Acesso em: 6 nov 2023.

CORREIO BRAZILIENSE. **Bolsonaro questiona fechamento do comércio**: “Se falta emprego, falta pão”. Edição 19 março 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/19/interna_politica,835399/bolsonaro-questiona-fechamento-do-comercio-se-falta-emprego-falta-p.shtml. Acesso em: 5 out 2023.

CORTINA, A. **Aporofobia, a aversão ao pobre**: um desafio para a democracia. São Paulo: Contracorrente, 2020.

CHOMSKY, N. **Controle da Mídia**. Rio de Janeiro: Graphia, 2003.

CRUZ, Eliane A. **Corpos desimportantes: a luta para se tornar visível**. **ICL Notícias**. 26 outubro 2023. Disponível em: <https://iclnoticias.com.br/corpos-desimportantes/>. Acesso em 24 de jan. 2024.

FRANCISCO. **Carta encíclica Fratelli Tutti**. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 10 jan 2024.

FURTER, P. **Dialética da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

G1 – GLOBO. **Países que injetam verba no Fundo Amazônia são contra mudanças**. Edição 11 junho 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/06/11/paises-que-injetam-verba-no-fundo-amazonia-sao-contramudancas.ghtml>. Acesso em: 23 nov 2023.

GONÇALVES, A. **Jürgen Moltmann e a teologia pública no Brasil**. São Paulo: Garimpo Editorial, 2017.

GUARNIERI, D. C. **As Justificativas em torno do movimento golpista civil-militar de 1964 sob a ótica da grande imprensa**. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/sepech/sepech12/arqtxt/PDF/dayaneguarnieri.pdf> Acesso em: 16 jan 2024.

GUEDES, William. Teoria da Informação. XII Enacib. Brasília, 23 a 26 2011. **Anais...** Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/178153>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

GUIMARÃES, E.; SBARDELOTTI, E.; BARROS, M. (Org.). **50 anos de Teologias da Libertação**. Memória, revisão, perspectivas e desafios. São Paulo: Recriar, 2022.

IRINEU, B. A.; ALVES, L. N. Avanços do conservadorismo e neofascismo no Brasil recente: entrevista com Armando Boito Jr. **Revista Direitos, Trabalho e Política Social**, Cuiabá, v. 6, n. 10, p. 352-362, jan/jun 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/9759>. Acesso em: 4 fev 2024.

IMAZON. **Desmatamento da Amazônia tem queda de 60% no primeiro trimestre**. 20 de julho de 2023. Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-da-amazonia-tem-queda-de-60-no-primeirosemestre/#:~:text=A pesar%20da%20not%C3%ADcia%20positiva%2C%20a,vezes%20maior%20do%20que%20Bel%C3%A9m>. Acesso em: 10 jan 2024.

IPAM AMAZONIA. **O que é o Fundo Amazônia**. Disponível em: <https://ipam.org.br/entenda/o-que-e-o-fundo-amazonia/?gclid=Cj0KCQiA35urBhDCARIsAOU7QwnU>. Acesso em: 6 nov 2023.

JORNAL DO BRASIL. **Rio de Janeiro, 1964-1968**. Caderno 1, p. 1 e 8 (manchetes e editoriais). Disponível em: <http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC>. Acesso em: 22 nov 2023.

KAFKA, F. **Hochzeitsvorbereitung auf dem Lande und andere Prosa aus dem Nachlass**. Berlin: Fischer Taschenbuch, 1993.

KUZMA, C. **O futuro de Deus na missão da esperança**. São Paulo: Paulinas, 2015.

LA PEÑA, J. L. **El mundo há sido creado por Dios libremente**. Teologia de la creaci3n. Bilbao: Sal Terrae, 1986.

LIMA, S. Manifestantes pedem interven3o federal em frente a quart3is. **Poder360**. 2 novembro 2022. Dispon3vel em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/manifestantes-pedem-intervencao-federal-em-frente-a-quarteis/#:~:text=Milhares%20de%20manifestantes%20insatisfeitos%20com,pedem%20uma%20%E2%80%9Cinterven%C3%A7%C3%A3o%20federal%E2%80%9D>. Acesso em: 10 jan 2024.

MARTINS, H. (Org). **Desinforma3o**: crise pol3tica e sa3das democr3ticas para as fake news. S3o Paulo: Veneta, 2020.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alem3**. S3o Paulo: Boitempo, 2007.

MATT, D. **The essential Kabbalah**. New Jersey: Harper Collins, 1997.

MBEMBE, A. **Necropol3tica**. S3o Paulo: N-1 Edi3o3es, 2021.

MOLTMANN, J. **A fonte da vida**: o Esp3rito Santo e a teologia da vida. S3o Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, J. **A Igreja no poder do Esp3rito**. Santo Andr3: Academia Crist3, 2013.

MOLTMANN, J. Ci3ncia e sabedoria: um di3logo entre ci3ncia natural e teologia. S3o Paulo: Loyola, 2007. MOLTMANN, J. **Diaconia no horizonte do Reino de Deus**. S3o Paulo: Recriar, 2022.

MOLTMANN, J. **Dios en la Creacion**. Salamanca: S3gueme, 1987.

MOLTMANN, J.; BOFF, L. **H3 esperan3a para a cria3o amea3ada?** Petr3polis: Vozes, 2014.

MOLTMANN, J. **No fim, o in3cio**: breve tratado sobre a esperan3a. S3o Paulo: Loyola, 2007.

MOLTMANN, J. **O Deus crucificado**: a cruz de Cristo como base e cr3tica da teologia crist3. Santo Andr3: Academia Crist3, 2011.

MOLTMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo**: cristologia em dimens3es messi3nicas. Santo Andr3: Academia Crist3, 2009.

MOLTMANN, J.; BASTOS, L. **O Futuro da cria3o**. Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium, 2011.

MOLTMANN, J. **O ser humano**. S3o Paulo: Recriar, 2022.

MOLTMANN, J. **Quem 3 Jesus Cristo para n3s hoje?** Petr3polis: Vozes, 1997.

MOLTMANN, J. **Teologia da esperan3a**. S3o Paulo: Loyola, 2005.

MOLTMANN, J. **Trindade e Reino de Deus**: uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOLTMANN, J. **Vida, esperança e justiça**: um testamento teológico para a América Latina. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008.

NIEBUHR, R. **Cristo e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

MOLTMANN, J. Deus caminha conosco dentro da pandemia. **Revista IHU online**. 19 novembro 2021. Disponível em: [https://www.ihu.unisinos.br/categorias/614606-deus-caminha-conosco-dentro-da-pandemia-artigo-de-juergen-moltmann%20\(19](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/614606-deus-caminha-conosco-dentro-da-pandemia-artigo-de-juergen-moltmann%20(19) Acesso em: 10 jan 2024.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

OLHE PARA A FOME. **A fome e a insegurança alimentar avançam em todo o Brasil**. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/#:~:text=O%20n%C3%BAmero%20de%20domic%C3%ADlios%20com,pouco%20mais%20de%20um%20ano> Acesso em: 6 nov 2023.

PADILHA, A. A. Alguns aspectos para a leitura do conceito de criação no Antigo Testamento. **Revista de Cultura Teológica**, n. 54; p. 63-76, jan/mar 2006.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA deve bater recorde neste ano, aponta IBGE. Brasília, 14 fev. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/agricultura-e-pecuaria/2022/02/producao-agricola-deve-bater-recorde-neste-ano-aponta-ibge> Acesso em: 3 jan 2024

PROVICIATTO, G. O conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia. **Horizonte**, v. 15, n. 45, p. 320-325, 31 mar 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2017v15n45p320> Acesso em: 4 fev 2024.

QUEIROZ, V. 2 anos de Covid: relembre 30 frases de Bolsonaro sobre pandemia. **Poder360**. 26 fev 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia>. Acesso em: 4 nov 2023.

REDE PENSSAN. **Insegurança alimentar e Covid-19 no Brasil**. II Vigisan. 2022, Brasília. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf> Acesso em: 5 out 2023.

RIBEIRO, C. (Org.). **Jürgen Moltmann**: Teologia em foco, São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

ROSENBERG, R. **Ensaio sobre a Torá** – Bereshit. São Paulo: Sêfer, 2007.

RUDY, J. Mandetta sobre Bolsonaro na Covid: “Ele não é louco, foi decisão política”. **Estado de Minas**. 6 maio 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/05/06/interna_politica,1490525/mandetta-sobre-bolsonaro-na-covid-ele-nao-e-louco-foi-decisao-politica.shtml Acesso em: 6 nov 2023.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SCHREIBER, Mariana. O que é o “Orçamento Secreto” e porque virou arma eleitoral contra Bolsonaro. **BBC News Brasil**. 5 setembro. 2022 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62792795>. Acesso em: 23 nov 2023.

SCHUCH, M. Bolsonaro critica entidade e diz que OMS “não acerta nada”. **Valor invest**. 18 junho 2020. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2020/06/18/bolsonaro-critica-oms-e-diz-que-entidade-no-acerta-nada.ghtml>. Acesso em: 24 nov 2023.

SEFRAS. Ação social Franciscana. Disponível em: https://www.sefras.org.br/?gad_source=1&gclid=Cj0KCQjwztOwBhD7ARIsAPDKnkDMC2DEp5QT6DeXkakw-Rrdhpqj-3H7gFFx7s32FG0tRfTmM_ZbWUaAqtVEALw_wcB Acesso em: 13 jan 2024.

SISAN. Sistema Nacional de Segurança Alimentar. 2006, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2006/lei/111346.htm#:~:text=3%C2%BA%20A%20seguran%C3%A7a%20alimentar%20e,respeitem%20a%20diversidade%20cultural%20e. Acesso em: 4 fev 2024.

VEJA. Bolsonaro afirma que Brilhante Ulstra é um “herói nacional”. Edição 8 agosto 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-afirma-que-torturador-brilhante-ustra-e-um-heroi-nacional> (8 de agosto de 2019). Acesso em 20 de nov. 2023.

VEZZALI, F. Desmatamento e poluição seguem o rastro do agronegócio. **Repórter Brasil**, São Paulo, 20 jul 2006. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2006/07/desmatamento-e-poluicao-seguem-o-rastro-do-agronegocio/> Acesso em: 12 set 2023.

WIESEL, Elie. A última tragédia de Deus. Entrevista concedida a Marie Chaudey. *Avvenire*. 10 out 2008. Disponível em: <http://pedrojoemyblog.wordpress.com/2008/10/17/a-ultima-tragedia-de-deus-entrevista-com-elie-wiesel-reproducao/>. Acesso em: 4 fev 2024.